



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANDRÉ LUIS SPERA

**O PROCESSO DE REQUALIFICAÇÃO DA NOBREZA
URBANA E A TRIALÉTICA ESPACIAL BOURDIEUSIANA:
O CASO DA “NOVA PROCHET” EM LONDRINA-PR**

Londrina
2025

ANDRÉ LUIS SPERA

**O PROCESSO DE REQUALIFICAÇÃO DA NOBREZA
URBANA E A TRIALÉTICA ESPACIAL BOURDIEUSIANA:
O CASO DA “NOVA PROCHET” EM LONDRINA (PR)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Kulaitis.

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S749o Spera, André Luis .

O processo da requalificação da nobreza urbana e a dialética espacial bourdieusiana: : O caso da Nova Prochet em Londrina-PR / André Luis Spera.
- Londrina, 2025.
206 f. : il.

Orientador: Fernando Kulaitis.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Espaço Urbano - Tese. 2. Bourdieu - Tese. 3. Distinção - Tese. 4. Estilo de vida - Tese. I. Kulaitis, Fernando. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

CDU 316

ANDRÉ LUIS SPERA

**O PROCESSO DE REQUALIFICAÇÃO DA NOBREZA
URBANA E A TRIALÉTICA ESPACIAL BOURDIEUSIANA:
O CASO DA “NOVA PROCHET” EM LONDRINA (PR)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Kulaitis
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Dr. Luiz Belmiro Teixeira
Instituto Federal do Paraná - IFPR

Dr. Giovanni Cirino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 11 de dezembro de 2025.

Dedico esse trabalho aos meus pais Rui César e Sônia, que dedicaram a vida como servidores públicos e trabalharam com amor pela cidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo meu amor, aos meus pais, que mesmo com diversas dificuldades, investiram no meu conhecimento e me proporcionaram a oportunidade de estudar em Londrina (PR). A dedicatória deste trabalho é para eles, que há trinta anos trabalham como servidores públicos e sempre me ensinaram a importância de se dedicar pelo bem do próximo.

Agradeço a minha irmã, Ana Clara, por todos os momentos de escuta sobre minha jornada no Mestrado, por ser uma educadora absurdamente incrível e por toda a influência no meu gosto para as artes, a música e, principalmente, na forma responsável e decidida de se viver e ver o mundo.

Agradeço a minha avó, Darcília, por ter me ensinado a dar meus primeiros passos usando um cabo de vassoura para me apoiar, por sempre cuidar de mim onde eu estiver e por ter me ensinado, com sua própria experiência de vida, o que é a verdadeira sabedoria. Sua vida é minha maior inspiração para ser forte.

Agradeço ao meu companheiro de vida, Luiz Felipe, por vivenciar junto comigo os dias bons e ruins da minha jornada acadêmica, por ser um profissional inspirador, por me fazer rir todos os dias, por ser um excelente tutor para nossos gatos e por ser o meu grande parceiro de viagens mundo afora. É incrível compartilhar a vida contigo.

Agradeço aos meus amigos, que também são minha família, por acolherem quem eu sou, por caminharem e crescerem juntos comigo, por todas as experiências das mais loucas até as que me encheram de paz e carinho. Só sou quem eu sou porque tive vocês ao meu lado.

Viver é incrível com vocês.

“A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir”.

(Ítalo Calvino)

SPERA, André Luis. **O processo de requalificação da nobreza urbana e a dialética espacial bourdieusiana: o caso da “Nova Prochet” em Londrina (PR).** 2025. 204 f. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Sociologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa tem como matriz teórica a dialética espacial de bourdieusiana, conforme sintetizada por Wacquant (2023). O objetivo é analisar o processo de requalificação da nobreza urbana de dois bairros, caracterizados desde a formação como nobres, da cidade de Londrina (PR). Questiona-se: como o Estado e o campo econômico contribuem para construção de grupos relativamente homogêneos de base espacial? Como esse processo se relaciona com a dinâmica de qualificação distintiva de espaços em Londrina? A hipótese é: no campo do poder, a qualificação dos espaços urbanos é objeto de disputa, cujo resultado influencia a salvaguarda de lugares para grupos relativamente homogêneos, sendo essa base espacial legitimada como distinção socioespacial. A pesquisa apresenta uma retomada do processo histórico de transformação dos espaços distintivos de Londrina (PR), bem como o histórico de políticas públicas urbanas que inserem o Estado enquanto agente ordenador no campo de poder. Ademais, foi realizado um mapeamento da alocação de recursos (bens e serviços) eficientes para efeitos de lucros de localização. Em parte, esses recursos tornam-se disponíveis por meio de políticas urbanas, em parte por estratégias de investimento do capital econômico privado, como a ação publicitária das construtoras. O mapeamento busca a análise da tendência à sobreposição da distribuição de determinada classe com determinada distribuição de bens e serviços. E por meio de entrevistas com agentes (legisladores, investidores, agentes imobiliários) busca-se estabelecer a grade de categorias de percepção e apreciação que qualificam os espaços urbanos em uma convergência de habitus (Bourdieu, 2013). Os resultados indicam que ao invés de o caráter distintivo basear-se no distanciamento como autossegregação - como os enclaves fortificados de Caldeira (1997) - agora corresponde à concepção de um estilo de vida urbano, requalificando o espaço físico por meio de edificações, bens e serviços posicionais.

Palavras-chave: Espaço urbano; Bourdieu; Distinção; Estilo de vida; Dialética espacial.

SPERA, André Luis. **The process of requalification of the urban nobility and the Bourdieusian spatial trialectics: the case of “Nova Prochet” in Londrina (PR).** 2025. 204 p. Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Sociologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

ABSTRACT

This research is grounded in the theoretical framework of Bourdieusian spatial trialectics, as synthesized by Wacquant (2023). The aim is to analyze the process of requalifying the urban nobility of two neighborhoods in Londrina (PR), characterized as noble since their formation. The research questions are: How do the state and the economic field contribute to the construction of relatively homogeneous groups based on spatial foundations? How does this process relate to the dynamics of distinctive spatial qualification in Londrina? The hypothesis is that, within the field of power, the qualification of urban spaces becomes an object of dispute, whose outcome influences the safeguarding of spaces for relatively homogeneous groups, with this spatial base legitimized as socio-spatial distinction. The study revisits the historical process of transformation of distinctive spaces in Londrina (PR) and the history of urban public policies positioning the state as an organizing agent within the field of power. Furthermore, the research mapped the allocation of efficient resources (goods and services) in terms of location profits. Partially, these resources become available through urban policies, and partially through private economic capital investment strategies, such as advertising campaigns by construction companies. This mapping aims to analyze the tendency toward the overlap of specific class distributions with the distribution of goods and services. Through interviews with agents (legislators, investors, real estate agents), the study seeks to establish a framework of perception and appreciation categories that qualify urban spaces in a convergence of habitus (Bourdieu, 2013). The results indicate that, rather than the distinctive character being based on distancing as self-segregation — as in Caldeira’s (1997) fortified enclaves — it now corresponds to the conception of an urban lifestyle, requalifying the physical space through buildings, goods, and positional services.

Key-words: Urban space; Bourdieu; Distinction; Lifestyle; Spatial trialectics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa do perímetro urbano de Londrina	65
Figura 2 -	Área aproximada destacando a região que compõe a Nova Prochet.....	66
Figura 3 -	Planta Azul do ano de 1932.....	71
Figura 4 -	Centro da cidade de Londrina em 1949.....	73
Figura 5 -	Parte da região central de Londrina em 1991.....	75
Figura 6 -	Imagem aérea da Zona Sul de Londrina, 1974.....	77
Figura 7 -	Gleba Palhano no ano de 1997.....	78
Figura 8 -	Gleba Palhano no ano de 2008.....	79
Figura 9 -	Gleba Palhano vista do Lago Igapó II atualmente	80
Figura 10 -	Condomínios fechados na Zona Sul de Londrina em 2021	82
Figura 11 -	Bela Suíça e Tucanos em 1991.....	85
Figura 12 -	Bela Suíça e Tucanos no ano de 2000.....	87
Figura 13 -	Fragmento do mapa de zoneamento da Lei de Uso e Ocupação do Solo nº 12.236/2015.....	89
Figura 14 -	Mapeamento do trajeto integral do Arco-Leste (região da Nova Prochet destacada em vermelho).....	92
Figura 15 -	Projeto de expansão da Av. Octávio Genta	93
Figura 16 -	Mapa aproximado destacando os bairros Bela Suíça e Tucanos do PL 143/2023	99
Figura 17 -	Fragmento da tabela apresentando as características de uso e ocupação das ZUM	101
Figura 18 -	Chamada para audiência pública realizada pelo IPPUL acerca da nova LUOS.....	105
Figura 19 -	Fragmento da tabela com pedidos e propostas coletados em audiências sobre a LUOS pelo IPPUL.....	109
Figura 20 -	Fragmento do relatório nº3 da audiência pública da nova LUOS	110
Figura 21 -	Comparativo entre a LUOS de 2015 e a do PL 143/2023.....	113
Figura 22 -	Fragmento do relatório sobre atualização da lei de uso e ocupação de solo nº 12.236	121
Figura 23 -	Placa de sinalização do Bela Suíça.....	125
Figura 24 -	Fachada de residência no Bela Suíça	126

Figura 25 - Material Publicitário do Edifício Mayfair	134
Figura 26 - Trecho descritivo sobre paisagismo - Edifício Mayfair	135
Figura 27 - Sport Bar no Edifício Mayfair	136
Figura 28 - Ambientes externos Edifício Mayfair.....	137
Figura 29 - Varanda presente no decorado - Edifício Mayfair	138
Figura 30 - Banheiro da “master” suíte no decorado – Edifício Mayfair	138
Figura 31 - Tabela de preços das unidades disponíveis no empreendimento Mayfair em julho de 2025	139
Figura 32 - Material publicitário do Edifício Wonder destacando a vista para o lago.....	144
Figura 33 - Material publicitário do edifício Wonder apresentando a Nova Prochet 145	
Figura 34 - Material publicitário do edifício Wonder apresentando o estilo de vida na Nova Prochet.....	146
Figura 35 - Material publicitário do edifício Wonder apresentando o estilo de vida na Nova Prochet	147
Figura 36 - Banhistas na barragem do Lago Igapó, ao fundo a Av. Harry Prochet.....	149
Figura 37 - Novo centro médico, parte dos serviços premium oferecidos na Nova Prochet.....	150
Figura 38 - Área de lazer do edifício Lótus destacando o paisagismo entre área externa e interna	151
Figura 39 - Fachada do edifício Lótus apresentada no material publicitário	153
Figura 40 - Diferenciais oferecidos pela Nova Prochet – material publicitário do edifício Lótus	155
Figura 41 - Trecho do material publicitário do edifício Gaia apresentando o smart living	159
Figura 42 - Fachada do Edifício Wave destacando a porte-chochère.....	162
Figura 43 - Fachada do edifício Wave destacando a disposição das sacadas em “ondas”	163
Figura 44 - Escadaria em espiral inspirada pela Sequência de Fibonacci.....	164
Figura 45 - Páginas do material publicitário destacando a vista do edifício Wave	165
Figura 46 - Escultura na área externa do edifício	166
Figura 47 - Garagem do edifício Wave	167

Figura 48 - Entrada de funcionários do edifício Wave.....	168
Figura 49 - Sala do apartamento no edifício Wave	170
Figura 50 - Vista da varanda do apartamento destacando outro empreendimento da construtora com a Gleba Palhano ao fundo.....	172
Figura 51 - Vista da varanda destacando parte do lago e o centro da cidade ao fundo	172
Figura 52 - Suíte master direcionada na mesma orientação da sala	173
Figura 53 - Banheiro da suíte master	174
Figura 54 - Planta baixa do apartamento no edifício Wave.....	176
Figura 55 - Quarto de serviço no apartamento no edifício Wave	177
Figura 56 - Novo hospital Unimed em Londrina localizado na Av. dos Expedicionários	189
Figura 57 - Mapa da região visada pela Vectra Construtora para novos empreendimentos	190
Figura 58 - Material publicitário construtora BILD	191
Figura 59 - Material publicitário construtora BILD	192
Figura 60 - Material publicitário construtora BILD	193

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
EIV	Estudo de Impacto de Vizinhança
IBGE	Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística
IPPUL	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina
LUOS	Lei de Uso e Ocupação do Solo
PDML 2022	Plano Diretor Municipal de Londrina de 2022
PDML	Plano Diretor Municipal de Londrina
PDPML 2008	Plano Diretor Participativo Municipal de Londrina de 2008
PL 143/2013	Projeto de Lei 143 de 2023
PML	Prefeitura Municipal de Londrina
ZC-4	Zona Comercial 1
ZR-1	Zona Residencial 1
ZR-2	Zona Residencial 2
ZUM	Zona de Uso Misto
ZUM-2	Zona de Uso Misto 2

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1.	A PERSPECTIVA BOURDIEUSIANA DO ESPAÇO URBANO	20
1.1	O espaço social	20
1.1.2	Os capitais enquanto definidores de posição social	24
1.2	A classe dominante	27
1.2.1	Campo de poder.....	30
1.3	O Bourdieu urbano	32
1.3.1	A trialética espacial segundo Wacquant.....	39
1.4	Consumo e distinção	46
1.5	Elementos para um debate com o paradigma dominante no Brasil – o direito à cidade	58
1.6	Apresentando o objeto: a “Nova Prochet” no espaço urbano londrinense	63
2.	O ESTADO ENQUANTO AGENTE TRANSFORMADOR DO ESPAÇO URBANO: HISTÓRICO DOS ESPAÇOS DISTINTIVOS EM LONDRINA – PR	69
2.1.	Histórico das transformações na infraestrutura e nas políticas públicas urbanas em Londrina – PR	70
2.1.1.	O processo de transformação da zona sul de Londrina – PR: a Gleba Palhano enquanto espaço distintivo	76
2.1.2.	O processo de formação e transformação do Bela Suíça e Tucanos: o novo espaço distintivo de Londrina – PR	83
2.1.3.	O atual contexto de transformação das políticas públicas urbanas: a promulgação do plano diretor municipal de Londrina de 2022 e a nova Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS)	95
2.2	O estado enquanto agente promotor de políticas urbanas segregadoras: as disputas de posições dos agentes no espaço social	103
3.	ESPAÇO SIMBÓLICO E ESPAÇO DE PONTOS DE VISTAS	116

3.1	A antiga Prochet.....	120
3.2	Visitando a Nova Prochet: o papel dos corretores imobiliários e a promoção do luxo e da sofisticação.....	128
3.2.1	O protagonismo da construtora Vectra na atualização de elementos distintivos com a Nova Prochet.....	142
3.2.2	Visitando o edifício Wave, o maior apartamento à venda em Londrina	161
3.3	A posição da Nova Prochet no mercado imobiliário londrinense	183
3.4	O futuro da nova prochet e a expansão dos espaços distintivos em londrina	188
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	201

INTRODUÇÃO

Geralmente, quando se busca introduzir as motivações por trás de uma pesquisa, fala-se de questões que envolvem, sobretudo, as vivências acadêmicas. Não é o caso desta pesquisa. Encontrei-me interessado na dinâmica da organização dos humanos em relação ao espaço quando criança, embora não tivesse a percepção de que isso se tratava de uma área de estudo complexa. O grande responsável por este interesse foi meu pai que, por razões que a memória da infância não se lembra em exatidão, me deixou folhear seu atlas geográfico¹ que havia guardado em meio a seus livros. Para uma criança, as cores e o formato dos mapas chamavam atenção, assim, com o passar dos anos e o interesse pelos diferentes mapas do mundo foi se transformando no interesse pela geopolítica.

Deste interesse e após folhear muitos outros atlas, me encontrei no desejo de cursar Geografia. Iniciei meus estudos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e, por uma série de fatores, percebi que mapas não são o suficiente para compreender como nós interferimos no espaço que vivemos. Em uma palestra na universidade, ouvi de um geógrafo que “se você se interessa apenas nas relações humanas do mundo, você não é um geógrafo, você é um cientista social”. E assim fiz, desistindo dos estudos sobre rochas e meteorologia para me inserir nas ciências sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Estudar e articular os temas da sociologia, ciência política e antropologia me fizeram abrir o leque de possibilidades em relação a interpretação sobre o mundo. As ciências sociais formaram não somente como meu diploma de Ensino Superior, mas também o que comumente se chama de “visão de mundo”. Ainda na graduação, o interesse pela sociologia urbana ganhou forma principalmente por minha percepção do contraste entre Assis (SP), onde nasci e vivi até os dezenove anos, e Londrina (PR), consideravelmente maior e com questões mais complexas comparadas a pacata cidade do interior de São Paulo.

¹ O Atlas Geográfico Melhoramentos foi organizado por Pe. Geraldo José Pauwels e publicado pelo Jornal da Tarde em 1997, 60ª edição.

Eu, sendo filho de um engenheiro civil e uma gestora pública, ambos brilhantes ao exercerem seus trabalhos como servidores públicos na cidade de Assis (SP), me instiguei em investigar temas urbanos dentro das ciências sociais desde a graduação. Após presenciar a disciplina de Introdução a Sociologia Urbana, ministrado pelo professor Fernando Kulaitis, meu futuro orientador, cravei os primeiros passos para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Meu interesse na investigação sobre o espaço urbano londrinense começou ao notar contrastes entre a região da Gleba Palhano em relação a qualquer outra região da cidade. O que chamava atenção era a concentração de edifícios residenciais e comerciais para além do centro da cidade, além do senso comum entre os londrinenses sobre a Gleba Palhano ser tipicamente um bairro de “classe média alta” distinto dos outros, visto que há uma denominação própria para se referir a seus moradores enquanto “gleba-palhaners²” devido a seu estilo de vida e costumes que se distinguiam do restante da cidade de Londrina (PR).

Através da realização de uma pesquisa exploratória, notamos que um novo processo de transformação do espaço urbano chamava atenção. Na Zona Sul da cidade, também as margens do Lago Igapó assim como a Gleba Palhano, uma nova concentração de edifícios se erguia em uma região tipicamente de casas e mansões. Anúncios das construtoras espalhados pela região destacavam os novos empreendimentos, como o da Construtora Vectra: “Bem-vindo, você está na Nova Prochet”.

Na pesquisa exploratória, a Nova Prochet se destacava por alguns critérios. Primeiro, era um fenômeno recente, visto que muitos edifícios lançados desde o ano de 2020 ainda estão em construção. Segundo, tratava-se de edificações de altíssimo padrão, com novas tecnologias e estilo arquitetônico que representava uma novidade para o mercado imobiliário da cidade. E terceiro, era um fenômeno de verticalização e adensamento em um bairro nobre.

No TCC, abordei o fenômeno de transformação da Nova Prochet apresentando os elementos da perspectiva metodológica de Pierre Bourdieu,

² A título de comparação, há a denominação dos moradores como “palhaners” assim como há a denominação dos “faria-limers” para se referir aos moradores e frequentadores do entorno da “Faria Lima” em São Paulo, com comportamentos e até estilos de vida distinto de outras regiões da cidade.

considerando, principalmente, as transformações do espaço e a dinâmica de grupos relativamente homogêneos pelo estilo de vida, além do processo de renovação das políticas públicas urbanas que poderiam potencializar o processo de verticalização da região.

Considerando a novidade deste processo de transformação, bem como o mais atual cenário de mudanças na política pública urbana, principalmente a promulgação do novo plano diretor municipal em 2022, vimos a necessidade de continuar os estudos acerca da Nova Prochet no Mestrado.

Um ponto que considero relevante para a motivação desta pesquisa é o caráter de novidade acerca do uso da perspectiva bourdieusiana para o estudo de uma temática na Sociologia Urbana. Em apresentações de trabalhos acadêmicos sobre o tema, me deparei com questionamentos acerca do uso de Bourdieu no espaço urbano, visto que é incomum ver sua teoria vinculada à cidade. O que percebi durante a realização da pesquisa é que as concepções bourdieusianas podem ser direcionadas as temáticas urbanas, sobretudo sua concepção sobre os espaços, sobre as dinâmicas das frações de classes sociais e, principalmente, a sistematização realizada por Loic Wacquant acerca da dialética espacial, eixo central da perspectiva teórico-metodológica da presente pesquisa.

A sistematização de Wacquant (2023), que será apresentada no primeiro capítulo deste trabalho, responde os questionamentos acerca do uso da perspectiva bourdieusiana na Sociologia Urbana no que Wacquant (2023) define como “desafios à teoria urbana”. A perspectiva bourdieusiana vista como uma novidade foi um dos pontos de interesse em me aprofundar na análise sobre o espaço urbano.

Faço uma consideração acerca da experiência de ser um sociólogo que investiga as temáticas urbanas: a cidade nos cerca, mesmo focados em um olhar analítico sobre os fenômenos que ocorrem a nossa volta, estamos inseridos nele. O sociólogo que se propõe a estudar a cidade enfrenta um desafio interessante, visto que, provavelmente, ele vive na cidade, não sendo possível se “desligar” de seu objeto de estudo.

Nesse sentido, me vi estudando um fenômeno específico do espaço urbano de Londrina, mas também me vi em relação a ele. A Nova Prochet se trata de um fenômeno que ocorre em um bairro nobre, exclusivo, das frações de classes dominantes. Eu, sociólogo, estudante, não faço parte deste grupo de agentes que, dentro da hierarquia social, acumulam e dispõem de certos tipos de capitais que eu não disponho.

Considerando este contexto, este trabalho também se apresenta como uma novidade em relação a muitos trabalhos que vi dentro da Sociologia Urbana que observam fenômenos interpretados enquanto “problemas urbanos” como a segurança em grandes centros, a degradação da infraestrutura ou a falta de aparelhos urbanos em áreas periféricas. Tais temáticas, considerando sua grande importância, tratam da segregação e da desigualdade socioespacial sob a perspectiva de frações de classes dominadas, ou seja, que sofrem as consequências da falta de atenção do poder público. Na direção oposta, regiões como a Nova Prochet, que se trata de um espaço enobrecido e enriquecido, também fomentam a segregação e a desigualdade socioespacial quando postas dentro da dinâmica do espaço urbano londrinense, porém dentro do contexto que é protagonista do direcionamento urbano, por se tratar de áreas de interesse de investimento público e privado. A ação do Estado e a dinâmica dos agentes imobiliários envolvidos reforçam a concentração de aparelhos urbanos e infraestrutura em bairros nobres em relação ao restante da cidade.

Considero, assim, as motivações para o estudo apresentado neste trabalho, visando a instrumentalização de uma teoria que se apresenta como um desafio aos estudos urbanos e reiterando a importância de investigar os processos de transformações que ocorrem nas áreas nobres, mesmo que tais áreas pareçam inalcançáveis para nós, pela distância, no espaço social, que estamos das frações de classes dominantes.

Visando investigar o processo de requalificação dos elementos reconhecidos e reproduzidos da nobreza urbana, a pesquisa se apresenta em dois diferentes momentos, o primeiro é objetivista, se atentando no processo histórico das transformações na infraestrutura urbana e nas políticas públicas urbanas, considerando neste processo a ação do Estado enquanto organizador do espaço urbano. O segundo momento é subjetivista, pois trabalha o sentido

dos pontos de vistas, considerando a percepção de novos e antigos moradores, bem como de agentes imobiliários e legisladores acerca da atualização dos elementos qualificáveis de nobreza urbana da região.

A primeira parte deste trabalho busca apresentar os principais elementos da perspectiva de Pierre Bourdieu que serão articulados no espaço urbano, começando com a concepção do espaço social diante da dinâmica dos espaços de Bourdieu, bem como a concepção de classe dominante e a articulação dos diferentes tipos de capitais pelos agentes pertencentes a estas frações de classes e como ocorrem as relações de disputas no campo de poder. Busca-se, também, trabalhar o conceito de sobreposição dos espaços social e físico, apresentando, enfim, a dialética espacial bourdieusiana, sistematizada por Wacquant (2023) que estabelece a análise sobre os espaços físico, social e simbólico.

A primeira parte do trabalho também busca apresentar a dialética espacial como uma novidade nos estudos urbanos, principalmente em relação ao paradigma socioespacial desenvolvido por Henri Lefebvre, considerando os contrastes acerca da perspectiva bourdieusiana em relação a do “direito à cidade”. Além disso, o capítulo aprofunda a relação dos agentes com o espaço urbano se conectando com a Sociologia do Consumo, que insere a produção do espaço urbano enquanto espaços consumíveis. Enfim, finalizo o primeiro capítulo apresentando, de fato, o objeto do estudo de caso realizado neste trabalho, sendo o processo de requalificação da nobreza urbana na Nova Prochet, que corresponde a dois bairros londrinenses: o Bela Suíça e o Tucanos, apresentando sua localização e suas características físicas e simbólicas.

A segunda parte deste trabalho, considerando um momento objetivista da pesquisa, visa retomar, no processo histórico do desenvolvimento de Londrina (PR), as transformações acerca dos espaços distintivos da cidade. Apresentando o centro da cidade como primeiro espaço distintivo devido a sua proximidade com os aparelhos urbanos e a própria característica de centralidade, seguido da Gleba Palhano, bairro da Zona Sul composto por duas formas distintas de ocupação, sendo uma parte altamente verticalizada e adensada e a outra parte afastada composta por condomínios horizontais fechados e de alto padrão. Por fim, a Nova Prochet aparece como terceiro e novo espaço distintivo da cidade,

atribuindo características da verticalização e do adensamento, porém enfatizando o altíssimo padrão, o estilo de vida urbano e o contato com aparelhos urbanos “*premium*”.

Após apresentar o processo histórico dos espaços distintivos da cidade de Londrina (PR), apresento o histórico das políticas públicas urbanas que se relacionam com o processo de transformação que ocorre na Nova Prochet, destacando a formação da nova Lei de Uso e Ocupação de Solo, que visa atualizar a política de zoneamento do local, buscando, assim, demonstrar como o Estado exerce seu papel de organizador do espaço urbano. Dessa forma, busco trabalhar a primeira hipótese da pesquisa, sendo a de que o Estado tem relevante capacidade de promover a localização espacial de classes relativamente homogêneas na medida em que desenvolve políticas urbanas segregadoras.

Por fim, no terceiro capítulo trabalho a segunda hipótese de pesquisa, que se aprofunda na Nova Prochet destacando os diferentes pontos de vista do espaço social em relação ao espaço físico da região, compreendendo que o processo de requalificação da nobreza urbana não se apoia somente nas transformações da infraestrutura e nas políticas públicas urbanas, mas também ocorre pela atualização do estilo de vida, ou seja, como os agentes das frações de classes dominantes atualizam suas qualificações no sentido do gosto e do *habitus*, transformando os elementos simbólicos que são reconhecidos enquanto nobres.

Ao aprofundar nas concepções dos pontos de vista, a pesquisa mergulha em um sentido subjetivista, buscando analisar em dados iconográficos disponibilizados como material de marketing de construtoras, bem como na ação de agentes imobiliários ou legisladores, como e quais são os elementos que fortalecem a atualização da requalificação da nobreza urbana na Nova Prochet.

A pesquisa pretende dar conta de uma análise acerca do atual contexto de transformação urbana, destacando os elementos que se apresentam como uma novidade tanto no processo histórico dos espaços distintivos de Londrina (PR), quanto no contexto teórico-metodológico pelo uso da perspectiva bourdieusiana nos estudos sobre o espaço urbano.

1. A PERSPECTIVA BOURDIEUSIANA DO ESPAÇO URBANO

Para compreender o processo de transformação que ocorre na região sul do espaço urbano de Londrina – PR sob a ótica da teoria bourdieusiana, é necessário compreender, de antemão, importantes elementos teorizados por Pierre Bourdieu e sistematizados por Loic Wacquant que tornam possíveis a análise das dinâmicas espaciais que envolvem a cidade, possibilitando uma interpretação tanto objetivista quanto subjetivista deste cenário que se insere como uma novidade dentro do contexto das transformações do espaço urbano londrinense.

O capítulo atual busca apresentar os elementos teóricos e metodológicos a respeito dos espaços para Pierre Bourdieu no contexto urbano, sobretudo a sobreposição dos espaços físicos, social e simbólico sintetizados por Loic Wacquant (2023). De início, busca-se trabalhar o espaço social, que insere a dinâmica dos grupos e frações de classes e as ações dos agentes na disputa por posições neste espaço. Além disso, busca-se trabalhar a perspectiva da cidade enquanto espaços consumíveis, relacionando com as dinâmicas do espaço social. Por fim, apresenta-se o objeto de estudo da presente pesquisa, inserindo brevemente o histórico de transformação do espaço urbano.

1.1 O ESPAÇO SOCIAL

Para apresentar a inserção de Pierre Bourdieu nas temáticas urbanas, primeiramente se objetiva sua concepção sobre os espaços. A perspectiva bourdieusiana introduz as topologias espaciais (Bourdieu, 1989) para representar as diferentes esferas trabalhadas pela sociologia. Nesse sentido, há a relação de sobreposição entre as topologias espaciais sociais, físicas e simbólicas.

A fim de compreender as dinâmicas sociais presente nas interações de diferentes frações de classes, principalmente a relação entre frações de classes

dominantes e dominadas, torna-se necessário a ênfase do que é a concepção do espaço social, oriundo da concepção das topologias espaciais.

Marcando a sociologia bourdieusiana, a concepção das topologias aproxima as perspectivas objetivistas e subjetivistas, analisando as dinâmicas do mundo social buscando interpretar tanto elementos estruturais quanto elementos construídos a partir da interação social e do *habitus*.

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito etc. –, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos [...] (Bourdieu, 2004, p. 149)

Dessa forma, as dimensões objetivistas e subjetivistas, ou estruturalistas e construtivistas, se relacionam para interpretar o mundo social a partir da sobreposição de tais elementos. É nessa relação que se compreende as dinâmicas do espaço social. Ao analisar os espaços sociais, pode-se entendê-los relacionando-os com espaços geográficos, como a topografia de determinado terreno, contemplando seu relevo, “lugares” mais elevados e “lugares” mais abaixo. Assim, pode-se, também, interpretar a relação de proximidade e distanciamento de seus agentes, considerando suas posições neste relevo. Nessa dinâmica, quanto mais proximidade, maior serão as propriedades em comum entre os agentes. Em contrapartida, quanto maior a distância, menor serão as propriedades em comum. (Bourdieu, 2004)

Trazendo tal relevo geográfico para a concepção bourdieusiana do espaço social, a mesma dinâmica ocorre levando em consideração a posição dos agentes, onde as propriedades que são reconhecidas e reproduzidas por determinadas frações de classes estão diretamente relacionadas a posição de tais frações de classes no espaço social.

É importante ressaltar que, embora a relação com o espaço geográfico se proponha a ilustrar a representação das dinâmicas do espaço social, tais dinâmicas, inseridas no espaço físico, real, se apresentam de forma diferente.

[...] As distâncias espaciais – no papel – coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para a segregação no espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas – por opção ou por força – no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico. [...] (Bourdieu, 2004, p. 153)

Pode-se interpretar que, nessa dinâmica espacial de proximidade e distanciamento, aborda-se, principalmente, as propriedades das diferentes frações sociais, ou seja, as propriedades que formam as frações de classes enquanto grupos relativamente homogêneos. As frações de classes, ao reconhecerem e reproduzirem as propriedades que os caracterizam enquanto grupos, o fazem através das afinidades do *habitus*, ou mais precisamente, do *habitus* de classe, que os caracterizam enquanto grupos pela postura, linguagem, gosto, estética etc.

As propriedades, ao serem definidas pelo *habitus*, considera os elementos construídos e reconhecidos pelos agentes como importante fator para a formação das frações de classes, pois o *habitus* insere as estruturas mentais que os agentes apreendem o mundo social, sendo um produto da interiorização das estruturas deste mundo social. (Bourdieu, 2004)

Assim, na percepção do que é o espaço social, a construção da realidade social leva em consideração as coações estruturais, ou seja, a interiorização das estruturas sociais existentes na dinâmica social no entorno de determinado agente ou grupos de agentes. Além disso, “[..] as estruturas estruturantes, as estruturas cognitivas, também são socialmente estruturadas [...]” (Bourdieu, 2004, p. 158), ou seja, as coações estruturais ocorrem através de “concepções” estabelecidas também pela dinâmica social, e tais concepções foram formadas através das disputas de posições. E por fim, leva-se também em consideração

que a realidade social não é apenas individual, podendo também ser coletiva. (Bourdieu, 2004)

Para Bourdieu (2004), o *habitus*, dentro da percepção das propriedades que formam a realidade social, funciona tanto como um esquema de produção de práticas no mundo social quanto como um esquema de percepção dessas práticas.

[...] o habitus produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social [...] (Bourdieu, 2004, p. 158)

É na existência dos códigos e esquemas classificatórios que se insere as dinâmicas de disputas do espaço social em relação a formação das frações de classes enquanto grupos relativamente homogêneos. São relativamente homogêneos a partir da capacidade de reconhecerem os códigos de postura, comportamento, linguagem, gosto etc. Indo além, os códigos também representam o resultado das disputas pelas definições das propriedades reconhecidas pelas diferentes frações de classes sociais e são transformados pelas próprias disputas existentes no espaço social.

Bourdieu (2004) exemplifica a relação de grupos relativamente homogêneos seguindo a concepção das propriedades reconhecidas e reproduzidas pelo grupo. Assim, quem bebe champanhe é distinto a quem bebe vinho, e da mesma forma, a quem bebe uísque, tendo muito mais chances de frequentar teatros, ter móveis antigos e praticar golfe e equitação. Nesse caso, “Tais propriedades, ao serem percebidas por agentes dotados das categorias de percepção pertinentes – capazes de perceber que jogar golfe ‘é coisa’ de grande burguês tradicional – funcionam na própria realidade da vida social como signos [...]” (Bourdieu, 2004, p. 160)

Dessa forma, as práticas atreladas ao habitus dos agentes se diferem uma das outras e, nestas diferenças, os grupos de agentes relativamente

homogêneos se encontram ou se afastam, tanto simbolicamente, nas categorias mentais, quanto no espaço físico, de forma retraduzida.

Em outros termos, através da distribuição das propriedades, o mundo social apresenta-se, objetivamente, como um sistema simbólico que é organizado segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial. O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida. (Bourdieu, 2004, p. 160)

As propriedades distintivas reforçam a tendência a segregação de frações de classes dominantes e frações de classes dominadas. O espaço social se torna, também, espaço de disputa pelas propriedades que os definem, logo, o espaço social é palco da disputa de poder entre os agentes e suas práticas.

Por fim, a concepção do espaço social leva em consideração como os agentes se organizam no mundo social pela relação de afinidade entre as propriedades que os definem enquanto grupos. Tais propriedades reforçam a formação das frações de classes dominantes e dominadas e, por consequência, reforçam suas posições no espaço social. Dessa forma, as frações de classes dominadas mantêm as posições elevadas nas dinâmicas sociais através dos diferentes tipos de capitais.

Seguindo na definição do que é o espaço social, a próxima seção busca aprofundar o papel dos diferentes tipos de capitais na dinâmica das disputas de posições no mundo social.

1.1.2 Os Capitais Enquanto Definidores De Posição Social

Considerando a importância da concepção dos capitais e sua extensa instrumentalização dentro da perspectiva bourdieusiana, as relações entre as frações de classes no espaço social são disputadas pela articulação dos diferentes tipos de capitais por determinados grupos.

Pode-se compreender como espaço social a topologia onde se insere as diferentes formas de disputas de posições relativas pelos agentes, levando em consideração propriedades reproduzidas e incorporadas tanto pelos agentes quanto por grupos de agentes (Bourdieu, 1989). Tais propriedades ganham forma pelos diferentes capitais, visto que níveis mais elevados de determinados capitais promovem a ocupação das posições mais elevadas na dinâmica social.

[...] Pode-se assim representar o mundo social em forma de um espaço (várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, força ou poder neste universo. (Bourdieu, 1989, p. 133-143)

Uma forma de compreender como tais forças ou poderes exercem nas disputas pelas definições das propriedades no espaço social é observar a dinâmica das frações de classes dominantes diante da articulação com os capitais econômico, social, cultural e simbólico, por exemplo.

Porém, primeiramente, é importante esclarecer como que a concepção de classe na perspectiva bourdieusiana se distancia da percepção marxista de classes sociais, visto que Bourdieu desenvolve uma forte crítica a concepção marxista, a nomeando enquanto “classes no papel” (Bourdieu, 1989). Para Bourdieu (1989), o sentido de classe na perspectiva marxista está direcionado a um conceito de prática política, levando em consideração a dinâmica dos agentes enquanto ação no contexto político, deixando de lado a perspectiva da multidimensionalidade que envolve a vida social e que está presente na ação dos agentes e nos diferentes capitais. Aqui, nota-se o foco da perspectiva marxista em estabelecer as classes sociais se atentando apenas na valorização do capital econômico, enquanto a perspectiva bourdieusiana busca dar conta do reconhecimento de grupos através de concepções simbólicas e objetivas, enfim, da estruturação e da dinâmica do capital simbólico, social, cultural e econômico.

Retornando a perspectiva bourdieusiana, é através da dinâmica dos diferentes capitais que se destaca a concepção de Bourdieu sobre as propriedades presentes no espaço social e nas práticas dos agentes, pois ao

qualificar os agentes e os grupos, estimula-se a disputa de posições no espaço social e, por fim, reforça-se também a segregação entre eles. Ao fato de que as segregações sociais estão presentes no espaço social pela apropriação das qualificações por grupos dominantes, bem como pela tomada de posições nas hierarquias sociais, os diferentes níveis de tipos de capitais exercem mais ou menos força na hierarquia social.

As frações de classes dominantes são reconhecidas como tal na dinâmica do espaço social pela sua capacidade de reter e articular seus altos níveis de capitais para definir as propriedades que os definem enquanto grupo e, por consequência, os distinguem de todas as frações de classes dominadas.

Exemplificando, frações de classes dominantes detêm maiores níveis de capital social e político para a interferência, ou mesmo o controle, de determinados contextos de tomadas de decisões políticas. O capital político, neste caso, representa o poder que determinado agente ou grupo de agentes das frações de classes dominantes possuem no campo político. Aprofundando, nas relações políticas presente entre os agentes do Estado, do poder público, o capital político e social é visto na relevância e influência que determinado agente ou grupo possui na tomada de decisão política.

Outro exemplo comumente difundido a respeito das dinâmicas dos diferentes capitais é o poder de definição presente no *campo* da arte. Neste contexto do espaço social, o que é reconhecido enquanto erudito e dotado de extrema qualidade são formas reproduzidas e reconhecidas por frações de classes dominantes destes espaços. Geralmente, na música, a qualidade técnica e a “boa forma” é dada ao gênero de música clássica, visto que o próprio nome já apresenta a referência ao comportamento e ao gosto do que é considerado “clássico”. O capital que se mostra relevante nas interpretações do que é reconhecido enquanto boa música pelas frações de classes elitizadas é o capital cultural, que proporciona ao agente que possui altos níveis desta capital a capacidade e a relevância de reconhecer e definir o que é nomeado como Arte.

Por fim, os diferentes tipos de capitais sugerem às frações de classes dominantes a instrumentalização de seu poder para a definição e reconhecimento das propriedades que os distinguem das frações de classes

dominadas e, por consequência, define quais são os elementos nas propriedades distintivas que detém maior ou menor valor de capitais sociais, econômicos, culturais e simbólicos.

A fim de compreender como as frações de classes dominantes exercem a articulação dos diferentes capitais, sobretudo o simbólico, para a manutenção e reconhecimento de sua dominância nas posições mais elevadas do espaço social, a próxima seção busca se aprofundar nas definições bourdieusianas sobre a classe dominante pelo poder simbólico nas dinâmicas dos campos.

1.2 A CLASSE DOMINANTE

A percepção de Bourdieu acerca da formação da classe dominante e suas frações apresenta, dentre diversos elementos teóricos, a articulação do poder simbólico enquanto poder de definição do real, ou seja, o poder de definir e nomear as estruturas do mundo social. Essa definição é observada na própria concepção do que é a classe dominante, visto que tal definição é reconhecida pelas próprias frações de classes dominantes, ou seja, são reconhecidas enquanto frações de classes dominantes pelo mundo social através das propriedades definidas por elas mesmas.

De antemão, é importante destacar a perspectiva bourdieusiana em relação a concepção de grupos dominantes, sendo, novamente, distinta das perspectivas liberais e marxistas que insere uma hierarquia vertical entre dominante e dominado. Para Bourdieu, a manutenção da posição dominante das frações de classes que a ocupam é garantida ao exercerem o poder simbólico. Tal poder, na concepção bourdieusiana, é observado pela capacidade de nomeação e qualificação que as frações de classes dominantes exercem nas dinâmicas do espaço social.

Nota-se também que a percepção de Bourdieu sobre a dominação se distancia da ação direta da “classe dominante” como coesão, mas sim recai sobre um conjunto complexo de ações que afeta individualmente tanto o agente pertencente ao grupo dominante quanto a própria estrutura de dominação exercida por ele (Souza, 2014).

Nesse sentido, o agente dominador também é dominado pela estrutura que o domina, se relacionando com o conceito de Bourdieu sobre os sistemas simbólicos que inserem as estruturas estruturantes estruturadas do *habitus* (Souza, 2014).

Para compreender a concepção do poder simbólico, é necessário perpassar pelas lutas simbólicas no espaço social, que são marcadas pelo capital simbólico. Aqui, o capital simbólico pode ser definido como a articulação dos tipos de capitais – econômico e cultural, por exemplo – dentro do reconhecimento de tais capitais enquanto estrutura que impõe suas categorias de percepção (Bourdieu, 2004)

[...] a legitimação da ordem social não é produto, como alguns acreditam, de uma ação deliberadamente orientada de propaganda ou de imposição simbólica; ela resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente. (Bourdieu, 2004, p. 163)

Aproximando essa compreensão para as frações de classes dominantes, elas são reconhecidas como tal ao serem provenientes das estruturas objetivas, ou seja, a classe dominante é dominante porque ela, enquanto classe dominante, promoveu as categorias de percepção e apreciação no mundo social para que seja reconhecida desta forma. Assim, a classe dominante se torna estrutura objetiva ao fato de que sua posição de poder é “evidente” na dinâmica social.

A “evidência”, em outras palavras, pode ser entendida como a “naturalização” da classe dominante enquanto estrutura objetiva, logo, dominante. Assim, o poder simbólico se insere na forma com que o capital simbólico é articulado para o reconhecimento da classe dominante como dotada da capacidade de nomeação e qualificação de suas categorias distintivas. Dessa forma, a interpretação do mundo feita a partir da nomeação da classe dominante, ou frações de classes dominantes, é legitimada ao ser naturalizada enquanto estrutura objetiva.

Wacquant (2013) sintetiza a concepção de classe para Bourdieu enfatizando a disputa no espaço social – ou a luta, como a luta política – como elemento central para a compreensão.

A classe, enquanto modalidade de agrupamento social e fonte de consciência e conduta, emerge e se consolida pela competição sem fim, na qual os agentes se engajam através dos diversos domínios da vida, visando a aquisição, o controle e a disputa por diversas espécies de poder ou de “capital” [...] (Wacquant, 2013, p. 89)

Wacquant (2013) exemplifica a dinâmica de classe visando a aquisição, controle e disputa de poder ou dos diferentes capitais em campos especializados de produção cultural, onde se produz e reproduz representações autoritárias do mundo social e, também, no campo político, onde o Estado exerce o papel de “banco central do poder simbólico” e envolve as disputas sobre as categorias e a certificação de identidades (Wacquant, 2013).

Essa dinâmica demonstra quais propriedades sociais constituem valores relativos às diferentes espécies de capital. Novamente, no campo político, nota-se a capacidade do Estado – e os agentes que o compõe – em organizar as categorias objetivas que os definem enquanto nação, a principal articulação neste campo será do capital social e político. Nesse sentido, nota-se que a concepção de classe para Bourdieu não se limita a articulação do capital econômico, como prevalece na concepção marxista, mas sim integra diferentes frações de classes dominantes que exercem a dominação em diferentes campos, ou “lugares”.

Numa sociedade avançada, esse trabalho de manipulação simbólica tende a ser monopolizado por especialistas em representação — sindicalistas, políticos, administradores públicos, especialistas em pesquisas de opinião, jornalistas e intelectuais —, que competem pela direção das “operações sociais de nomeação e os ritos das instituições”, através dos quais a descontinuidade social é produzida a partir da continuidade e categorias enraizadas nas divisões objetivas do espaço social emergem como entidades ativas. (Wacquant, 2013, p. 90)

Assim, entende-se que a concepção de classe dominante é relacionada a capacidade de determinadas frações de classes organizarem e articularem as categorias objetivas que as classificam, atrelado, principalmente, ao poder simbólico, que “naturaliza” as categorias objetivas, tornando-as elementos que reforçam a compreensão das frações de classes dominantes enquanto dominantes. Reitera-se, também, que tal dinâmica ocorre pela articulação dos diferentes capitais, levando em consideração a ênfase de determinado capital como mais “valioso” que outro em determinado campo.

Em suma, a definição da classe dominante na perspectiva bourdieusiana enfatiza os grupos de agentes que, na dinâmica dos diferentes campos, têm o poder de nomeação e qualificação das estruturas que definem o mundo social. Ou seja, no campo da Arte, há grupos que definem o que é arte; na Moda, há grupos que definem o que é a alta costura e o que é confecção popular e no campo político, há grupos que ocupam as posições das tomadas de decisão e há grupos que são sistematicamente afastados da vida política. Dessa forma, enfim, há a concepção das classes dominantes e dominadas.

Para compreender em profundidade a concepção de Bourdieu sobre as frações de classes dominantes e sua articulação para manter a dominação no espaço social, busca-se compreender, também, a concepção do campo de poder. O campo de poder se relaciona diretamente com a dominação, pois é a categoria que apresenta, de fato, as disputas pela nomeação e qualificação das estruturas objetivas. É o campo onde as disputas simbólicas pelo poder ocorrem.

1.2.1 Campo De Poder

Partindo da concepção de formação das frações de classes dominantes, sobretudo a sua relação com o poder simbólico, entende-se que a nomeação legítima das estruturas objetivas é a visão oficial e imposta pela classe dominante acerca do mundo social. Essa visão do que é o “senso comum” é resultado da luta simbólica que define as posições das frações de classes (Bourdieu, 2004).

Ao fato de que as frações de classes dominantes disputam constantemente o capital simbólico que produz o senso comum, ou seja, a visão oficialmente reproduzida do mundo social, destacam-se dois aspectos: o primeiro é o funcionamento da imposição do ponto de vista no âmbito particular, singular (operada por títulos, sobrenome, insultos), considerando a reciprocidade entre a posição dominante e dominada; o segundo é, de fato, a nomeação oficial, que considera a imposição simbólica fortalecida pelo consenso coletivo, que é naturalizada e reproduzida por todos no mundo social, visto que sua operação é feita por um “mandatário do Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima” (Bourdieu, 2004, p. 146) .

Nesse sentido, entende-se o Estado enquanto operador da dominação simbólica devido a sua posição de “autorizador autorizado”, ou seja, é “o ponto de vista autorizado de um agente autorizado” (Bourdieu, 2004, p. 146). Considerando o Estado enquanto espaço do campo político, onde há o processo de tomada de decisões e o monopólio da violência simbólica legítima, as frações de classes dominantes buscam, a partir da articulação dos diferentes capitais, conquistar posições mais relevantes neste espaço.

O Estado, como exemplo, demonstra um espaço no campo político e, conseqüentemente, no mundo social, que representa a legitimação do que é reconhecido enquanto visão oficial – e fundamentada em lei, por exemplo – das dinâmicas sociais. Comparando o funcionamento do Estado enquanto agente “autorizador autorizado”, a dinâmica do campo de poder funciona relativamente de forma parecida.

O campo de poder define o processo da articulação dos agentes por diferentes capitais como o econômico, o cultural, simbólico e social para a conquista de posições dominantes no mundo social para, assim, conquistarem o poder sobre a nomeação e a qualificação nas dinâmicas sociais. Em suma, o campo de poder é o campo onde ocorre a disputa pelo poder entre os grupos de agentes dominantes.

As disputas referentes ao campo de poder estão além do que se observa, na perspectiva bourdieusiana, das disputas ocorridas em outros campos, como o econômico ou educacional. O objetivo das disputas no campo de poder é, de

fato, o poder e a dominação, sobretudo acerca das estruturas objetivas que definem o mundo social.

A concepção de classes dominante é equivalente ao campo de poder, visto que os agentes que ocupam posições dominantes em diferentes campos buscam, também, a dominação “mais ampla” sobre as estruturas objetivas. Dessa forma, o campo de poder demonstra como ocorre as disputas pelo poder e pela dominação simbólica.

A compreensão do campo de poder sugere articular as diferentes concepções teóricas da perspectiva bourdieusiana em relação às dinâmicas do mundo social. Atrelando as frações de classes dominantes e sua relação com a dominação simbólica que, pelos altos níveis de capitais, sugere uma relação de naturalização acerca das estruturas objetivas e das divisões do espaço social entre frações dominantes e dominadas.

O campo de poder demonstra que a dominação simbólica ocorre não só pelo poder econômico, mas sim pela articulação dos diferentes capitais que, nas mãos das frações da classe dominante (fração dominante da classe dominante e fração dominada da classe dominante), disputam a nomeação e a definição das estruturas objetivas do mundo social. Assim, Bourdieu se distancia das definições de classes e das relações entre frações de classes dominantes e dominadas marxistas. Na perspectiva bourdieusiana, o capital econômico faz parte da articulação simbólica e das estruturas objetivas que “dão sentido” ao mundo social.

Por fim, após a exposição de importantes elementos da perspectiva bourdieusiana, busca-se, a seguir, aprofundar a articulação de tais elementos no contexto urbano. Para isso, espera-se aproximar a perspectiva bourdieusiana da cidade e introduzir a sistematização da dialética espacial bourdieusiana por Louic Wacquant (2023).

1.3 O BOURDIEU URBANO

Embora Pierre Bourdieu não tenha objetivamente se debruçado sobre a cidade enquanto elemento central em seus estudos, sua vasta contribuição teórica possibilita aos sociólogos que decidem enfrentar sua desafiadora leitura a compreensão sobre as topologias espaciais (Bourdieu, 1989), que visualizam, principalmente, o espaço social e físico como categorias sobrepostas. Além disso, nas relações sociais, Bourdieu possibilita a compreensão dos pontos de vistas, no plural. Sendo essa uma característica central das dinâmicas sociais e simbólicas que qualificam e nomeiam o real, ou seja, o que é reconhecido como belo e horrível, moral e imoral, certo e errado ou civilizado e não-civilizado para cada grupo social nas dinâmicas do espaço social.

O espaço urbano torna-se objeto de análise na ótica bourdieusiana por se tratar de um espaço de qualificações, como qualquer outro, sendo suas definições resultado das dinâmicas sociais que nele ocorrem. Nesse sentido, pode-se trabalhar a ideia de espaço.

Tratando-se de espaço como geralmente o compreendemos, ou seja, um “lugar”, Bourdieu (2013) trabalha didaticamente no texto *“Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado”*³ a lógica da observação destes elementos de uma forma mais complexa.

A sociologia deve atentar para o fato de que os seres humanos são, simultaneamente, indivíduos biológicos e agentes sociais que são constituídos como tais na e pela relação com o espaço social, ou melhor, com campos. Enquanto corpos e indivíduos biológicos, eles são, assim como as coisas, situados em um lugar (eles não são dotados da ubiquidade física que lhes permitiria estar em vários lugares ao mesmo tempo), e ocupam um local (BOURDIEU, 2013, p. 133)

Ao definir os indivíduos enquanto agentes, Bourdieu demonstra o poder de ação de tais indivíduos em não só experienciar as dinâmicas sociais, mas também em exercer um papel ativo no que também define o espaço social. Nesse sentido, o trecho acima propõe os agentes enquanto participantes ativos

³ Apresentado no Colóquio “Poverty, Immigration and Urban Marginality in Advanced Societies”, realizado na Maison Suger, da Maison des Sciences de L'Homme em 10-11 de maio de 1991;

do espaço social, possibilitando assim que eles ocupem posições neste espaço, definindo a dinâmica social enquanto espaços de disputas. Essas dinâmicas ocorrem de maneira semelhante, ou seja, são representadas e reproduzidas nos “lugares”, sendo ocupados por determinados agentes.

O agente, ao ocupar posições no espaço social, também ocupa um “lugar” no espaço físico. Considerando as disputas do campo político, por exemplo, os agentes que ocupam cargos através de eleições não ocupam somente uma posição na função política de determinado contexto político, mas também ocupam lugares representativos de sua função, em espaços públicos como prefeituras, câmaras de vereadores, senado etc. Essa ocupação por determinados tipos de agentes transformam os espaços físicos que eles ocupam, onde as propriedades adquiridas principalmente pelo capital social, cultural e político moldam as posturas e os comportamentos da fração de classe política de determinado espaço. Em outras palavras, pode-se dizer que as propriedades que, comumente, se configuram em um agente político, fortalecem a ocupação homogênea dos espaços de decisão política. Assim, é comum ouvir expressões que definem alguém que “tem cara” de político, pois veem nele as propriedades de comportamento, linguagem e postura rebuscada que se espera de um político.

Nesse sentido, os espaços físicos de decisões políticas como o Senado e a Câmara de Deputados do Brasil são majoritariamente ocupados por agentes que se assemelham em comportamento, linguagem e postura. Ou seja, tais espaços também “tem cara”. Assim, quando agentes pertencentes a grupos distintos e que não reproduzem as mesmas propriedades do que se espera do comportamento de um agente político é visto como não-pertencente, um “*outsider*”. Como exemplo, nota-se a atual posição de deputadas que atuam na militância LGBTQAPN+, que amplamente são desmerecidas enquanto suas funções pois se distanciam da característica majoritariamente branca e masculina da câmara⁴.

⁴ Destaca-se aqui o papel da deputada Erika Hilton, que segue desde o início de seu mandato em 2023 sofrendo diversos ataques transfóbicos por outras deputadas e deputados, desqualificando sua posição enquanto agente política e enquanto mulher. Demonstra-se, assim, como a dominação simbólica nas estruturas objetivas naturalizam os espaços e os agentes que podem ou não os frequentar.

Parte-se agora para a concepção relacional entre ocupar posições no espaço social e “lugares” no espaço físico. A ideia de retradução das posições do espaço social no físico está diretamente relacionada as dinâmicas dos diferentes capitais, ou seja, leva-se em consideração os níveis de capital social, cultural e econômico dos agentes no espaço social, para também compreender seu lugar no espaço físico.

É na ocupação de lugares que se introduz a ideia do espaço físico presente no trecho acima, onde se trabalha a construção conceitual dos agentes levando em consideração os espaços que eles ocupam, ou a falta dele. O “lugar” que o agente ocupa exerce um papel de extensão, com volume e dimensões. (Bourdieu, 2013).

Partindo da relação conceitual do espaço físico, sendo a representação da “posição” que o agente ocupa no espaço social, o “espaço social tende a se retraduzir, de maneira mais ou menos rigorosa, no espaço físico sob a forma de um determinado arranjo distributivo dos agentes e das propriedades” (Bourdieu, 2013, p. 133). Nessa retradução é possível notar a relação entre os dois conceitos quando os comparamos, como por exemplo a distância física de um lugar ocupado por determinado agente de um grupo social pode ser distante do local ocupado por outro. Precisamente, a distância no espaço social entre um agente pertencente a um grupo social elitizado e um agente pertencente a um grupo social marginalizado é “retraduzida” no espaço físico.

Como exemplo dado por Bourdieu no texto mencionado acima, a ideia da retradução aparece quando se observa um agente que não possui domicílio em comparação a um que possui. O que possui, ao ocupar tal propriedade, ocupa também uma “existência” no mundo social, enquanto o que não possui também não terá quase nenhuma “existência”⁵ (Bourdieu, 2013).

Seguindo este exemplo, ao fato de que o agente que possui domicílio o ocupa de determinada forma, é nessa forma de ocupação que se nota a forte relação entre o espaço social e o físico. Ou seja, o agente que detém grandes

⁵ Importante ressaltar que o exemplo dado se refere ao contexto da existência social no sentido das normas e da legalidade que possuir uma propriedade oferece. Assim, pessoas sem domicílios se tornam invisíveis pela legislação e pelo poder público;

níveis de capitais que o possibilita ocupar áreas de alto valor na cidade, pode também ocupar altas posições nas hierarquias do espaço social. De forma oposta, as posições mais baixas da hierarquia podem ser ocupadas pelos agentes que ocupam propriedades distanciadas da qualificação valorizada. Assim, para o autor, o espaço físico funciona como “uma espécie de metáfora espontânea do espaço social” (Bourdieu, 2013, p. 134), reproduzindo sobretudo sua hierarquia, sendo as distancias entre os grupos sociais também ocorrem no espaço físico.

É nessa “retradução”, portanto, que Bourdieu (2013) classifica o espaço social reificado, envolvendo a correlação das classificações e das qualificações dos agentes no espaço social e das propriedades no espaço físico.

Nota-se de início que tal interpretação pode ser direcionada a diferentes contextos da vida social, porém é no espaço urbano que a articulação teórica entre o espaço físico e social se mostra tão presente, pois é na cidade que ocorre grande parte das movimentações e das transformações da dinâmica social. Logo, tais transformações estão diretamente relacionadas, de forma objetiva e subjetiva, às transformações do espaço urbano.

A arquitetura das edificações, templos religiosos, espaços públicos, infraestrutura das ruas e qualificações de comércio são alguns exemplos que mostram, no espaço urbano, como a retradução do espaço social ocorre. No contexto comercial, por exemplo, em uma única cidade pode haver diversos estabelecimentos com a mesma função, porém em regiões onde grupos sociais dominantes se concentram, tal serviço será ofertado sob a forma que tal grupo reconhece: arquitetura luxuosa, serviço sofisticado com postura e linguagens específicas e ao “comportamento de classe”, ou seja, o comportamento de outros frequentadores que demonstram o capital cultural referente ao grupo dominante.

Precisamente, utilizando o contexto francês, país de origem do próprio Pierre Bourdieu, a cidade de Paris é conhecida por ofertar em seu espaço urbano diversas *Maisons haute-couture*, casas de moda de alta costura. Para serem consideradas uma casa de alta costura, as grifes francesas passavam por uma série de requisitos até o fim do século XX, sendo alguns deles a instalação da sua sede no chamado “*Triangle D’or*” (Triângulo de Ouro), região nobre

delimitada por três avenidas (*Avenue Matigne*, *Avenue George V* e *Avenue des Champs-Élysées*), além do registro no Sindicato da Alta Costura (AVELAR, 2011).

Para que tais requisitos existam, há diversos elementos envolvendo as hierarquias sociais que justificam a denominação de uma casa de alta costura, como a técnica precisa dos costureiros e a qualidade das peças, entretanto, pode-se considerar que se trata de uma loja de roupas e são os elementos descritos acima que as diferem de uma loja de roupas de uma rua qualquer no subúrbio de Paris.

Embora os dois tipos de estabelecimentos comerciais exerçam funções tão parecidas, somente uma casa de alta costura pode ocupar determinado local de prestígio no espaço físico de uma das áreas mais nobres de Paris. É justamente o distanciamento espacial das *maisons* que as qualificam, bem como os elementos simbólicos de classificação da marca como uma grife. Este breve exemplo é apenas um entre muitos que ocorrem nas grandes metrópoles globais. Assim, o espaço físico é ordenado e organizado hierarquicamente de acordo com as posições dos espaços sociais. Para Bourdieu “o espaço social se encontra assim inscrito simultaneamente na objetividade das estruturas espaciais e nas estruturas subjetivas que são, em parte, o produto da incorporação dessas estruturas objetivadas” (Bourdieu, 2013, p. 135)

Dessa forma, destaca-se um elemento presente no contexto das *maisons* que demonstra, na perspectiva bourdieusiana, a característica da retradução do espaço social no espaço físico: não se trata apenas de uma questão de diferenças econômicas entre frações de classes dominadas e dominantes, aqui, se articula os diferentes tipos de capitais que, inseridos na análise sobre a retradução, destacam outros elementos que enfatizam a segregação das frações de classes no espaço urbano. Em outras palavras, o alto valor dos produtos oferecidos pelas *maisons* não é o único fator que as difere de uma casa de confecções de roupas da periferia de Paris.

Ainda neste exemplo sobre as casas de alta costura como reprodução da hierarquia dos agentes no espaço social, percebe-se que, de forma subjetiva, trata-se de um distanciamento não apenas físico, mas também – e

principalmente – social entre os grupos. Os requisitos envolvendo a exclusividade, o valor de mercado e a técnica das peças de roupas também são formas de afastar qualquer possibilidade de um agente não pertencente ao grupo mais elitizado possuir aquela peça.

Nesse sentido, os estabelecimentos comerciais são qualificados de acordo com sua posição no espaço urbano e social. Em regiões elitizadas da cidade, os estabelecimentos recebem denominações “*premium*” que expressam a exclusividade e a sofisticação. Cabe aqui um breve exemplo acerca da onda publicitária de restaurantes “*Gourmet*” nas últimas décadas no Brasil, que ficou popularmente conhecida como a “gourmetização” de categorias comerciais já existentes: lanchonetes viraram hamburguerias artesanais, padarias viraram *bakeries* e cantinas viraram *trattorias*, por exemplo.

É importante considerar que o movimento de “gourmetização” não assemelha estabelecimentos comerciais “gourmetizados” em, de fato, elitizados como as casas de alta costura francesa, visto que as “*maisons*” são voltadas a um grupo muito específico e elitizado. Esse movimento busca, na verdade, aproximar estabelecimentos populares a estabelecimentos sofisticados através do aprimoramento dos serviços e dos produtos.

Através dos exemplos das casas de alta costura francesa e do movimento de “gourmetização” de restaurantes no Brasil durante as duas últimas décadas, percebe-se brevemente a relação proposta por Bourdieu (2013) de retradução entre o espaço social e espaço físico, visto que tais dinâmicas não ocorrem somente no campo das relações sociais, mas sim, são expressas no espaço físico de forma a garantir a manutenção das hierarquias das posições dos agentes e a segregação entre as frações de classes.

Por fim, considerando os exemplos trabalhados nesta seção sobre a perspectiva bourdieusiana voltada para o espaço urbano, ao analisar a segregação de frações de classes, busca-se, também, compreender como tal segregação se envolve com a violência simbólica.

Na segregação das frações de classes retraduzidas na ocupação segregada do espaço urbano, o reconhecimento da naturalidade da dominação das frações de classes dominantes sobre determinados espaços é o elemento

central da violência simbólica. Nesse sentido, ao fato de que as frações de classes dominadas reconhecem como natural a ocupação de determinados espaços por frações de classes dominantes, se dá a concepção da violência simbólica no espaço urbano. A violência simbólica, dessa forma, é interpretada a partir da concepção de propriedades distintivas que reforçam, no estilo de vida, na postura, no gosto e na postura, que determinados espaços são pertencentes as frações de classes dominantes e não devem ser frequentados por agentes das classes dominadas.

A partir das concepções apresentadas sobre o “Bourdieu urbano”, sobretudo as que configuram os espaços, a retradução e a violência simbólica, a presente seção buscou apresentar como Bourdieu é inserido nas análises sobre as dinâmicas urbanas. Portanto, a próxima seção buscará apresentar a sistematização realizada por Wacquant (2023) acerca da trialética espacial bourdieusiana, perspectiva teórica-metodológica que visa inserir a articulação dos espaços físico, social e simbólico na interpretação das transformações urbanas.

1.3.1 A Trialética Espacial Segundo Wacquant

Tendo em vista a lógica da retradução dos espaços sociais e físicos, é necessário aprofundar a discussão sobre os espaços para Bourdieu através dos estudos de Louic Wacquant, importante sociólogo francês que sistematizou os elementos teóricos de Bourdieu sobre os espaços, sobretudo a cidade, na obra *“Bourdieu na cidade: desafios à teoria urbana”*⁶.

Na obra, Wacquant (2023) trabalha a concepção da trialética espacial bourdieusiana, considerando as noções de Bourdieu sobre os espaços, no plural, e suas relações. Sua relevância é notada ao fato de que a obra apresenta, como o autor mesmo diz, “um desafio ao cânone urbano” (Wacquant, 2023, p. 31), propondo um ponto de vista teórico inovador em relação as teorias urbanas. É importante ressaltar a característica de “desafio” trazida por Louic Wacquant

⁶ Publicada no Brasil no início do ano de 2024. A edição utilizada nesta pesquisa foi a portuguesa, publicada em 2023 pela editora Outro Modo;

ao aproximar os estudos de Bourdieu para o espaço urbano, visto que sua articulação teórica considera as concepções das topografias espaciais, sociais e simbólicas.

O autor parte do princípio das topografias, considerando, sobretudo, a topografia física, levando em conta as características objetivas do espaço físico e do relevo e a topografia social, se aproximando das posições e das disputas dos agentes no espaço social.

A concepção da topografia física se aproxima do que comumente se conhece como as características físicas de um espaço. Seu relevo pode ser plano, acidentado, irregular, sem-número de possibilidades. É a partir dessa topografia que se aplica, dentro da dialética, o espaço físico como local onde se tem disputa – voltando ao que foi exposto no início do capítulo sobre os agentes que “têm” domicílio e os que não têm – e as dinâmicas sociais entre os agentes.

Pensando na cidade contemporânea, nota-se a ação dos agentes na concepção do que a se configura: um conglomerado de edificações residenciais, comerciais, industriais e de serviços, bem como ruas, infraestrutura de transporte, áreas de lazer e estabelecimentos que representam a ação do Estado, como prefeituras, câmaras municipais e secretarias governamentais⁷.

A topografia social, por sua vez, se estabelece enquanto conceito teórico bourdieusiano contemplando as dinâmicas sociais e as posições dos agentes no espaço social. É uma forma comparativa de analisar o espaço social relacionando-o com a topografia física, ou seja, analisando tais espaços de forma multidimensional. Na sistematização de Wacquant, a relação entre os dois elementos favorece a ideia de retradução do espaço físico e social.

Partindo das ideias das topografias, Wacquant (2023) aprofunda o conceito dos espaços para Bourdieu, centralizando-os a cidade enquanto objeto

⁷ Embora não seja o objetivo do presente trabalho, nota-se aqui a importância do processo histórico do surgimento dos aglomerados urbanos, unindo a ação dos diferentes grupos de agentes nas transformações urbanas. Considera-se como exemplo o importante trabalho de Friedrich Engels (2010) e seus estudos altamente descritivos das cidades e das transformações urbanas inglesas no período da revolução industrial presentes na obra “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, publicado pela primeira vez em 1845. Nesses estudos, as descrições acompanham o avanço do capitalismo, sobretudo na região de Lancashire, das fábricas de tecelagem e como as relações políticas e econômicas dos agentes afetam o espaço urbano.

de análise. É necessário compreender sua sistematização enquanto ferramenta metodológica para a Sociologia Urbana. A sistematização da dialética espacial bourdieusiana aborda os conceitos dos espaços simbólico, social e físico como eixo central, desenvolvendo um olhar multidimensional que articula tais espaços para a compreensão da dinâmica do espaço urbano.

Diante das três categorias espaciais, o espaço simbólico apresenta-se o mais atento aos elementos subjetivos de análise. É nele que se observa as categorias mentais dos agentes na dinâmica social, sendo as qualificações do mundo a sua volta o resultado da articulação dessas categorias mentais que classificam pessoas, objetos etc. Segundo Wacquant (2023)

Estas grelhas mentais (capturadas, na sua forma mais simples, por dualidades independentes como masculino/feminino, alto/baixo, esquerda/direita, activo/passivo, público/privado, etc) moldam a nossa maneira de pensar, sentir e agir: sedimentadas no corpo, são constitutivas do *habitus* e são portanto portadoras da nossa história, individual e colectiva [...] (WACQUANT, 2023, p. 32)

Por estar diretamente relacionada ao *habitus*, um dos mais notáveis elementos teóricos de Bourdieu, o espaço simbólico contempla não só a forma como os agentes absorvem as informações presente no mundo social, mas também a forma como tais informações são reproduzidas nos espaços. Assim, o *habitus* apresenta a ação prática dos agentes no espaço social. Aprofundando o entendimento do *habitus* enquanto elemento teórico, destaca-se o trecho:

[...] é ao mesmo tempo um sistema de esquemas e produção de práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social. (Bourdieu, 2004, p. 158)

Seguindo a ideia de que “os agentes se autoclassificam” (Bourdieu, 2004, p. 159), o *habitus* torna-se perceptível entre os agentes na dinâmica social conforme as práticas são desenvolvidas: na postura, no modo de falar, no que é entendido como “estilo” da moda e até no “gosto”. Voltando ao exemplo dado no início do capítulo sobre as casas de alta costura do Triângulo de Ouro de Paris: tais grifes existem, promovem e sustentam a ideia do que é a moda de alta costura e assim, os agentes capazes de utilizarem e reconhecerem suas roupas também têm o poder de se reconhecerem enquanto grupo social.

A dinâmica das práticas dos agentes, atrelado ao conceito do *habitus*, é um dos exemplos de como o espaço simbólico funciona. As categorias mentais de classificação ocorrem na vida cotidiana de forma constante e envolvem todos os agentes no social. O *habitus*, ao promover a capacidade de criação e reprodução das práticas que sustentam as categorias mentais, também favorece o poder de reconhecimento dos agentes enquanto grupos.

Seguindo a ideia de ação prática dos agentes, pode-se aprofundar na concepção do que é o espaço social. Para Bourdieu (2007), segundo sua conceituação em “*A Distinção*”, o espaço social envolve a distribuição multidimensional dos agentes nas posições definidas também pela distribuição de recursos como capital econômico, cultural, social ou simbólico. E tal distribuição de recursos depende também do *campo* em que a dinâmica social está envolvida (Wacquant, 2023). Aqui a teoria bourdieusiana se complexifica ao categorizar as práticas dos agentes em diferentes contextos de *campo*, o aproximando conceitualmente do espaço social. Ou seja, ao depender do *campo*, a distribuição de diferentes capitais ocorre de forma específica: no campo acadêmico, por exemplo, o capital intelectual e cultural tem mais valor.

Dessa forma, os agentes tendem a interagir no campo acadêmico buscando a aquisição e reprodução de práticas que favorecem o capital intelectual e cultural. Nota-se também que o campo acadêmico envolve uma série de comportamentos e postura “acadêmica”, o que sugere que os agentes se posicionem no campo diante desses elementos de qualificação. Seguindo essa ideia, o espaço social Para Wacquant (2023)

“[...] é a categoria genérica ‘mãe’, da qual emerge o conceito mais específico de campo, enquanto espaço social especializado, caracterizado pela diferença, autonomização. Por uma organização bipolar e pela monopolização de uma autoridade específica” (Wacquant, 2023, p. 33)

Nesse sentido, um importante elemento do espaço social para a identificação e reconhecimento dos agentes enquanto grupo é, justamente, a diferenciação ou a distinção. No exemplo do *campo* acadêmico, a diferenciação se torna visível através do comportamento e da postura comumente exigida por quem frequenta os espaços das universidades mundo afora: fala e escrita polida e rebuscada, aproximando-se do uso da gramática e da norma culta da linguagem e vasto conhecimento intelectual, por exemplo. Na ideia bourdieusiana acerca dos contextos educacionais, os indivíduos que não possuem determinado acúmulo de capital intelectual e cultural, provavelmente se depararão com diversas dificuldades em se reconhecerem em espaços acadêmicos. Em contrapartida, é na exigência de comportamentos e posturas específicas que o espaço acadêmico – e quem o frequenta – garante a manutenção do acesso restrito aos grupos sociais que puderam acumular capitais intelectual e cultural.

Neste exemplo, nota-se o funcionamento da distinção dos grupos enquanto elemento da manutenção da segregação social. No espaço social, as hierarquias e as posições tendem a se manter enquanto grupos sociais dominantes definem as qualificações do que é considerado como alto valor de capital.

Percebe-se na relação de reconhecimento dos agentes enquanto grupo o conceito de *habitus* de classe, que trabalha o funcionamento do *habitus* no contexto coletivo. O *habitus* de classe compõe a forma em que as classes sociais se identificam enquanto classe através da articulação dos capitais e, principalmente, seus níveis nas hierarquias da vida social. Os grupos sociais se reconhecem enquanto pertencentes e partilhadores do mesmo “padrão” de vida na dinâmica social, bem como nas disputas de poder, exercendo comportamentos, gosto e estilo de vida parecidos ou capazes de serem reconhecidos uns pelo outro.

Para Wacquant, o espaço físico se torna o “[...] espaço de concretização das categoriais mentais” (Wacquant, 2023, p. 34), onde a segregação pela distinção das práticas e do *habitus* se tornam visíveis numa espécie de segregação espacial. No espaço urbano, a teoria bourdieusiana observa as dinâmicas da cidade enquanto espaço que se molda pelas dinâmicas sociais: bairros elitizados afastados, ou fisicamente ou simbolicamente, de bairros populares. Determinados espaços frequentados por determinados grupos, onde a tendência não é a integração socioespacial.

Na perspectiva da dialética bourdieusiana, a cidade representa – quase literalmente – um *campo* de disputas de poder, tanto no sentido simbólico quanto no sentido das estruturas físicas que a compõem. Para Wacquant (2023) o desenvolvimento dos espaços urbanos, nessa perspectiva, é também a arma dos agentes que ocupam as posições mais altas da hierarquia social para a qualificação dos diferentes capitais presente na vida social que interferem diretamente na produção dos espaços urbanos. Logo, a forma como a cidade se transforma está diretamente relacionada as disputas de poder pelos capitais, sendo o grupo com maior acúmulo de capitais detentor das posições de decisões sobre o espaço urbano.

A hierarquização e as constantes disputas de poder presente no espaço social podem ser notadas no espaço físico pela apropriação de determinados espaços, pela qualificação desses espaços e pelo sentido de lucro de localização relacionado a essa apropriação. Assim, as disputas de poder por posições hierarquizadas no espaço social também ocorrem no espaço urbano, se retraduzindo na apropriação de grupos sociais elitizados em bairros elitizados e a apropriação de grupos sociais com menor acúmulo de capitais em outros bairros. Para Wacquant (2023):

A estrutura da distribuição espacial de capitais num dado momento registra o equilíbrio das lutas sociais em torno daquilo a que Bourdieu (1993^a: 164) chama os ‘lucros do espaço’, que incluem os benefícios derivados da localização, da posição numa estrutura hierarquizada de lugares e da ocupação. (WACQUANT, 2023, p. 36)

Seguindo a ideia da distribuição espacial de capitais, tendo em vista que a cidade se relaciona com a hierarquização das posições do espaço social, seus aparelhos urbanos – como escolas, hospitais, mercados, serviços de transportes – também são dispostos no espaço físico seguindo as relações hierárquicas do espaço social. Lembrando que, nessa reprodução, os agentes seguem o princípio do *habitus* que os analisam sobre a perspectiva de não serem indivíduos passivos ao que ocorre na vida social, mas sim agentes ativos na dinâmica social. Desse meio, a reprodução ou retradução que ocorre entre o espaço social, físico e simbólico é multidimensional e não segue a ideia de uma “via de mão única”, onde apenas o espaço social dita o que ocorre no espaço físico. Nela, a relação ocorre entre a articulação dos espaços e os agentes participam das transformações de forma ativa.

Assim, na cidade, a disposição dos aparelhos urbanos segue a perspectiva da articulação entre os espaços social, físico e simbólico, sendo os agentes que ocupam altas posições na hierarquia multidimensional da vida social possuem também maior poder decisório sobre a distribuição espacial. Por consequência, os agentes que agem nas transformações urbanas, tanto nas grandes interferências na infraestrutura como nas mais sutis transformações simbólicas, são peças importantes para compreender como o espaço urbano se modifica. Ao observar a distribuição dos aparelhos urbanos, por exemplo, percebe-se que foram tomadas decisões no campo político para que suas distribuições fossem feitas.

Na distribuição dos aparelhos urbanos em uma cidade, na qualificação dos espaços que surgem e se transformam, nos agentes tomadores de decisões e nos agentes que ocupam as diferentes regiões de uma cidade se observa a concepção da desigualdade socioespacial. Assim, a cidade se torna um cenário onde é possível notar as relações de disputa pelos capitais e seus espaços físicos transformam e são transformados por tais disputas.

Uma cidade possui bairros com características enobrecidas quando eles são compostos por aparelhos urbanos e uma infraestrutura que dispõe de qualificações elitizadas. Ganha-se, também, o caráter enobrecido a partir das relações do espaço simbólico que moldam a percepção dos agentes, que por

sua vez introduzem e reproduzem, pelo *habitus*, as concepções simbólicas que qualificam tal bairro como enobrecido.

O bairro enobrecido, neste caso, diante da distribuição dos aparelhos urbanos e da composição simbólica que o envolve, torna-se, assim, uma região de grandes lucros espaciais. Tais lucros são relacionados à distribuição pelos capitais e pela própria ocupação de determinada localização, como por exemplo a proximidade de áreas naturais de lazer, regiões litorâneas e até regiões de topografia elevada.

Em estudos de Raquel Rolnik como a obra “A Cidade e a Lei” (1997) sobre a ocupação da cidade de São Paulo, por exemplo, demonstram a ocupação de regiões elevadas como Campos Elísios e Higienópolis reproduz a ideia de que a topografia alta garante uma posição de prestígio na cidade, principalmente relacionado a ideia de higiene e saneamento. Assim, tais regiões reforçam a perspectiva dos lucros espaciais.

É na concepção dos lucros espaciais que se têm grande aporte do mercado imobiliário para a propaganda de regiões da cidade com a “boa localização”. A proximidade de locais estratégicos, de áreas de lazer e de serviços urbanos se torna um importante atrativo do setor imobiliário.

Para aprofundar dentro da perspectiva da “boa localização”, a próxima seção abordará estudos acerca da sociologia do consumo, buscando compreender o direcionamento do mercado imobiliário no desenvolvimento de regiões nobres do espaço urbano. Além disso, apresenta-se um dos mais relevantes elementos teóricos de Bourdieu que envolve as posições de frações de classes no espaço físico, a distinção.

1.4 CONSUMO E DISTINÇÃO

Para aprofundar o debate em relação à qualificação de determinada região urbana como nobre, observa-se na literatura os estudos sobre a sociologia do consumo. Aqui, pretende-se compreender os espaços urbanos enquanto espaços a serem consumidos. Livia Barbosa (2006) e Colin Campbell

(2006) apresentam no início da obra organizada por ambas, "*Cultura, Consumo e Identidade*" (2006) uma retomada na história das ciências sociais sobre o consumo. As autoras apresentam a perspectiva de importantes autores acerca do ato de consumir e a sua relação com a moralidade, sobretudo na perspectiva de Adam Smith, atrelando o consumo ao comércio e à prosperidade, partindo para o estabelecimento da sociedade do consumo no século XIX. É neste século que se inicia a moralização do consumo em relação à culpa pelos dogmas religiosos e filosóficos (Barbosa; Campbell, 2006)

Já nos séculos seguintes, a relação com o consumo se complexificava atrelado à moralidade, levando em consideração as mudanças de perspectivas em relação ao consumismo e as estruturas religiosas. O que se destaca é a relação da sociedade com os bens materiais e a criação de categorias que determinavam tipos de consumo com a ideia de necessidades básicas e supérfluas. A diferença entre as duas se encontra na culpa, onde as necessidades básicas não carregam culpa pelo fato de que são muito necessárias, já as supérfluas carregam, pois demonstram o consumo baseado em ideias de merecimento e disponibilidade do mercado (Barbosa, Campbell, 2006).

A diferenciação entre o consumo por necessidade básica e por supérfluos demonstra uma perspectiva política e ideológica que corresponde à desigualdade de distribuição de bens na sociedade. Nela, o consumo além da necessidade básica é acompanhado de justificativas morais. Assim, as formas de consumo são categorizadas atreladas à hierarquia social, se aproximando à ideia de Bourdieu (1983) de que o gosto classifica o classificador (Barbosa, Campbell, 2006).

Diante da moralização da ideia do consumo, Campbell (2006) aprofunda sua análise aproximando o consumo da identidade dos indivíduos na sociedade contemporânea, abordando o ato de consumir para além da satisfação de necessidades. Para compreender a perspectiva do consumo diante do processo histórico da sociedade ocidental, Mike Featherstone (1990) enfatiza o processo de transformação de tal perspectiva, partindo da ideia de consumo enquanto necessidade para a ideia de consumo enquanto categoria naturalizada da sociedade atual.

Featherstone (1990) ao sistematizar o entendimento do consumo enquanto relacionado ao processo histórico do capitalismo, discute com outros autores as transformações na concepção de como a sociedade consome. Para isso, a relação entre a valorização e a mercadoria é rompida para além da métrica de custo de produção e do desenvolvimento do conhecimento industrial do século XX, resultando em mercadorias que ganham novos signos.

Os bens de consumo passam a ser valorizados para além de seu valor original, funcionando também como demarcadores nas dinâmicas sociais das classes. Featherstone (1990) cita Leiss (1978:19) ao exemplificar como uma garrafa de vinho do Porto ganha novos sentidos enquanto bem de consumo não-durável, passando a ser durável pelo fato de que não será necessariamente consumida (ou seja, bebida), mas sim desejada e contemplada. (Featherstone, 1990)

(...) É nesse sentido que podemos designar o aspecto duplamente simbólico das mercadorias nas sociedades ocidentais contemporâneas: o simbolismo não se evidencia apenas no design e no imaginário embutido nos processos de produção e marketing; as associações simbólicas das mercadorias podem ser utilizadas e renegociadas para enfatizar diferenças de estilo de vida, demarcando as relações sociais. (Leiss apud Featherstone, 1990, p. 35)

Nota-se que o bem de consumo passa a não ser apenas qualificado pelo seu valor em dinheiro, por exemplo, mas sim ganhando sentidos que remetem a determinados tipos de gosto e estilo de vida. Aqui não se trata apenas de consumir bens não-duráveis e duráveis, mas sim como se consome. Ou seja, leva-se em consideração elementos simbólicos que qualificam e valorizam determinados bens de consumo o distinguindo de outros: consumir uma taça de vinho do Porto se difere de consumir uma taça de vinho qualquer.

Nesse exemplo, retorna-se ao exemplo dado no início do texto sobre as *maisons* parisienses, onde seus bens de consumo são revestidos pelo reconhecimento que os diferem de uma casa de confecções de roupas de fora do Triângulo de Ouro de Paris. Destaca-se que a valorização vai além do produto

em si, mas sim ao ganhar outros elementos simbólicos que prestigiam e tornam tal bem de consumo como desejado, exclusivo e sofisticado.

O autor segue exemplificando a complexificação dos símbolos presentes nos bens de consumo. Alguns objetos de arte ou sagrados não recebem valores por seus signos e sua importância em determinados rituais, porém esta proibição pode ser um fator que também o classifica enquanto objeto desejado e de alto valor (Feartherstone, 1990). Este exemplo demonstra a complexificação da relação entre os indivíduos e os bens de consumo, ressaltando o distanciamento entre a valorização dos bens exclusivamente pelo capital econômico.

O autor, ao usar os estudos de Bourdieu, discute a transformação da relação com o consumo atrelado ao *habitus* de classe, sendo determinados tipos de bens de consumo para determinadas classes, em que o gosto – aqui demonstrado como gosto de classe – funciona como classificador na hierarquia social (Feartherstone, 1990).

Ao observar as preferências de consumo baseadas no gosto e no estilo de vida das classes, os estudos de Bourdieu possibilitam o entendimento das classificações como fatores determinantes das estruturas sociais, aproximando e distanciando as classes. Nesse sentido, o distanciamento e a aproximação funcionam como disputas de poder e os bens de consumo se tornam bens posicionais nessa disputa, ou seja, bens que definem o status social (Feartherstone, 1990).

Assim, consumir vai além do possuir determinado bem. O consumo dos bens posicionais se relaciona principalmente com o capital cultural e social, sendo a articulação simbólica de determinado bem de consumo a realização de determinado agente ou grupo nas posições mais altas da sociedade. Como tais agentes consomem os bens define sua posição nas classes: como se alimenta, se veste, que esporte se pratica, que lugares visita, onde mora etc. Essa maneira de consumir nas altas posições de classe sugere a naturalização desses comportamentos, dessa forma, têm-se a ideia de reconhecimento dos agentes enquanto classe e, por consequência, dos impostores, aqueles que não apresentam tais comportamentos de forma naturalizada (Feartherstone, 1990).

Trazendo a discussão para o âmbito urbano, Faetherstone aborda a ~~nova~~ perspectiva sobre o consumo no espaço da cidade, que se torna consumível diante dos elementos simbólicos que envolvem os bens posicionais. Ao discorrer sobre como a cultura das cidades e os estilos de vida urbanos foram abordados, o autor destaca a transformação no modo de se consumir:

(...) a aquisição e o consumo de mercadorias, atos supostamente materiais, são cada vez mais mediados por imagens culturais difusas (mediante a publicidade, exposição e promoção), nas quais o consumo de signos ou o aspecto simbólico dos bens torna-se uma fonte importante de satisfação deles derivada (Baudrillard, 1981). Pode-se apontar, neste caso, a relevância cada vez maior de formas de consumo de lazer, em que se dá ênfase ao consumo de experiências e prazer (tais como parques temáticos, centros turísticos e recreativos) (...) (FAETHERSTONE, 1990, p. 137).

Para o autor, a configuração de “propagar” espaços da cidade para serem consumidos demonstra a possibilidade de articulação dos agentes para se organizarem nesse espaço pelo consumo. Como exemplo, há a criação de bairros tipicamente culturais e artísticos em grandes metrópoles, como o SoHo em Nova York, onde se nota a presença de agentes que se envolvem no desenvolvimento do imaginário cultural e do estilo (Faetherstone, 1990).

Nota-se o espaço urbano como espaço a ser consumido a partir do momento em que se é estetizado pela articulação dos agentes que visam a propagação de determinado estilo de vida fortalecido pelo alto valor de capital simbólico. Essa perspectiva, quando atrelada ao reconhecimento e ao distanciamento de classes por elementos simbólicos e pelo *habitus*, contribui para o surgimento de regiões urbanas homogêneas. Assim, as diferentes regiões da mesma cidade podem se desenvolverem diante de elementos simbólicos específicos, ou por determinados estilos de vida que envolvem as formas de consumir tal espaço.

Nessa dinâmica cultural da cidade – que o autor diferencia entre cultura como estilo de vida e comportamento e a cultura enquanto “alta cultura” encontrada principalmente no meio artístico – os espaços são diferenciados

tanto pela forma de se consumir quanto pela disponibilidade do consumo. Desse modo, algumas regiões são mais atrativas que outras pelo apelo cultural.

A atratividade pelo desenvolvimento do capital cultural no espaço urbano atrai também o desenvolvimento econômico. O autor discute a apropriação das áreas centrais e portuárias das cidades como zonas culturais e discorre sobre os processos de gentrificação, notado pelo afastamento das classes mais baixas e média das áreas centrais, que se tornam redutos culturais e de lazer a serem consumidos (Feartherstone, 1990).

Ao enfatizar o comportamento da nova classe média nas cidades diante do desenvolvimento pelo capital cultural, o autor cita Bourdieu (1984) e os “novos intermediários culturais” que anseiam pela estilização e pela estetização de seus estilos de vida que os aproximam, ou que esperam se aproximar, dos estilos de vida culturais urbanos dos intelectuais (Feartherstone, 1990).

Dessa forma, o autor demonstra o interesse dos “novos ricos” em se aproximar do estilo de vida interpretado como tradicionalmente cultural e intelectual, buscando a estetização do estilo de vida: moda, arquitetura, comportamento, itens materiais, obras de arte etc. Na sociedade contemporânea, nota-se o apelo da classe média pelo consumo que referencia itens de luxo e sofisticação. Como exemplo, as tendências de moda que são projetadas diante dos bens de consumo das classes mais altas como bolsas e cachecóis, onde marcas de confecções têxtil reproduzem o mesmo *design* com preços acessíveis.

Na cidade, a estilização do estilo de vida e a propaganda dos espaços enquanto bens posicionais demonstra o funcionamento da articulação dos grupos enquanto hegemônicos e distintos. A ação do mercado imobiliário e de agentes reguladores do espaço urbano fomentam a criação do desejo de consumir determinada região do espaço urbano, assim, tais regiões se tornam atrativas e relevantes para o desenvolvimento urbano.

De forma subjetiva, a apropriação e ocupação de determinada região pelas frações de classes dominantes, atrelados as suas formas de gosto e estilo de vida, tornam aquele espaço desejado e almejado por agentes no espaço

urbano. Dessa forma, nota-se a qualificação de áreas enobrecidas da cidade onde o estilo de vida é objeto de consumo a ser atingido.

Levando em conta os elementos teóricos elencados na primeira seção do capítulo, nota-se que para compreender a sistematização de Wacquant (2023) sobre a dialética espacial bourdieusiana trazendo-a para o processo de requalificação da nobreza urbana da Nova Prochet, deve-se aprofundar em outro importante elemento teórico bourdieusiano que, levado à cidade, identifica a apropriação e a qualificação do território objetivado na pesquisa enquanto enobrecido. A distinção socioespacial promove os elementos teóricos de Bourdieu na construção de grupos homogêneos. Na obra “*A Distinção: Crítica Social do Julgamento*” Bourdieu (2007) analisa a estrutura e o funcionamento desses grupos buscando elementos distintivos na dinâmica do campo social.

Analisar o processo de requalificação da nobreza urbana na Nova Prochet sob a ótica bourdieusiana envolve tomar conhecimento sobre as estruturas sociais que, ao mesmo tempo, dão a base para o fenômeno social existir e são afetadas por ele. No espaço urbano londrinense, as estruturas podem ser reconhecidas na própria infraestrutura urbana, nas disposições dos aparelhos urbanos, nos agentes políticos e nas políticas públicas urbanas, visto que tais estruturas interferem nas mudanças e transformações deste espaço. No campo político, por exemplo, as tomadas de decisões em relação a alguma mudança em determinada lei urbanística envolvem a disputa de poder entre os agentes políticos que irão articular tal lei. Entende-se que o poder da tomada de decisões estará vinculado ao poder político do município, que, na perspectiva bourdieusiana, será composto por agentes que conseguiram exercer e avançar no campo político sob o acúmulo dos capitais específicos que este campo exige: capital político, social, cultural. Assim, o agente político pertencente ao poder executivo e legislativo municipal exerce seu papel diante da disputa de poder dentro do campo político.

Espera-se que no campo político as leis urbanísticas serão discutidas e cada agente disputará espaço nas tomadas de decisões sobre o desenvolvimento urbano, ou seja, as discussões que visam as decisões orçamentárias referentes aos projetos urbanísticos como construção e manutenção de vias, utilização do solo urbano, loteamentos, áreas de interesse

industrial e o transporte público, por exemplo, passam pelos agentes tomadores de decisões do campo político.

Nesse momento, entende-se que o campo político é um importante espaço a ser analisado para o entendimento das dinâmicas no espaço urbano. E que este campo é composto por agentes que exercem seus papéis políticos em uma dinâmica de disputas de poderes individuais e coletivos, visto que visam sua própria existência e relevância política, bem como o interesse dos grupos que os colocaram em seu cargo político.

Logo, o campo político é composto por agentes que exercem o poder de nomeação. Dito isto, tais agentes ao ocuparem também outros grupos e classes sociais, também exercem a influência por serem agentes políticos. O espaço que tais agentes ocupam na cidade se torna relevante quando se analisa o desenvolvimento de determinadas regiões em detrimento de outras. Essa influência exercida pelo agente político em seu grupo também é retraduzida no espaço urbano dentro da perspectiva da dialética bourdieusiana.

Com este exemplo, observa-se que os espaços urbanos podem ser distintos não unicamente por elementos da infraestrutura urbana, mas a infraestrutura urbana também está inserida em uma disputa de poder, que por sua vez também é exercida por um grupo de agentes políticos que também vivenciam o espaço urbano. Em suma, ao se tratar de um campo de grande influência, mas não única, o campo político que participa das tomadas de decisões na cidade é composto por agentes que também vivem na cidade e sua influência funciona como uma ferramenta dentro das disputas de poder.

Para Bourdieu, as classes sociais na criação de grupos homogêneos buscam se relacionar diante de elementos próprios que são reconhecidos e reproduzidos pelo grupo. Ao se depararem com outros grupos – ou seja, outras classes – tendem a se distanciar diante do funcionamento do espaço social, simbólico e físico. Desse modo, criam e reproduzem seus comportamentos e as estruturas cognitivas para se distinguirem dos outros grupos, e esta distinção é retraduzida no espaço físico, onde também buscam se distinguir tanto no distanciamento físico quanto no simbólico: o estilo de vida, o gosto e a forma como vivenciam o espaço urbano.

Bourdieu (2007) exemplifica as práticas distintivas através da apropriação das obras de arte. Observando o comportamento da burguesia francesa, possuir objetos de arte representava uma forma de prestígio e bom gosto.

(...) apropriar-se de uma obra de arte é afirmar-se como o detentor exclusivo do objeto e do gosto verdadeiro por este objeto, assim, convertido em negação reificada de todos aqueles que são indignos de possuí-lo, por estarem desprovidos dos recursos materiais ou simbólicos para se apropriarem dele ou, simplesmente, de um desejo suficientemente forte de possuí-lo a ponto de 'sacrificar tudo por ele'. (BOURDIEU, 2007, p. 262)

Nessa forma de apropriação da obra de arte, tal objeto se torna uma representação do gosto e, por sua vez, da posição do agente que o possui. O objeto artístico se torna dotado de *poder distintivo* (Bourdieu, 2007), que carrega o grau da qualidade do agente que o apropriou. Ou seja, ganha-se a capacidade de qualificar o indivíduo que domina e aprecia as obras de artes, convergindo-o em um indivíduo que vivencia o estilo de vida dotado de bom gosto e o diferencia de todos os que não têm.

O autor considera a apropriação de objetos de arte uma forma clara de observar como os elementos simbólicos ganham um sentido intrínseco de qualidade e de personalidade para o indivíduo. Os elementos simbólicos presentes em um objeto de arte ganham o sentido de qualidade e de prestígio por representarem o investimento e a dedicação de tempo que seu proprietário dedicou, em relação ao capital cultural, para poder apreciá-lo (Bourdieu, 2007).

O objeto, por sua vez, não se torna sozinho um elemento distintivo. Torna-se distintivo ao representar o estilo de vida cultural de seu proprietário, que detém de tempo, conhecimento e poder aquisitivo para apreciar e possuir objetos de arte que são reconhecidos por quem está a sua volta como objetos de prestígio e desejáveis. Aqui, observa-se que reconhecer objetos de arte representa a prática distintiva de seu apreciador ou proprietário de dotar conhecimento para "saber" apreciá-los e, assim, tornar possível as interações dentro dos espaços artísticos, que se tornam distintivos pois espera-se que seu frequentador detenha capital cultural e intelectual.

Nota-se que o *campo* artístico é um bom exemplo utilizado nas análises de Bourdieu para compreender o gosto e as práticas distintivas. Embora nele caibam diversas discussões presentes na atualidade sobre como a arte pode ser classificada, ou se deve ser classificada, o contexto da burguesia francesa frequentemente analisada pelo autor sugere que as qualificações dos elementos culturais eram vinculadas ao gosto da classe dominante.

Observa-se nos estudos de Bourdieu sobre as práticas distintivas que o gosto e o estilo de vida se tornam elementos centrais da distinção entre as classes. Atrelado ao *habitus* de classe e ao reconhecimento dos grupos enquanto semelhantes pela conduta, comportamento e até linguagem, o senso estético também se torna elemento fundamental de distinção.

Assim, o gosto e o senso estético das classes dominantes prevalecem na hierarquia social classificando e qualificando o que se entende como bom gosto. O sentido do *gosto dominante* (Bourdieu, 2007) marca essa relação entre a qualificação e o poder simbólico de todas as coisas no *campo* do poder. O que é classificado como bom gosto em relação a música e as artes visuais, por exemplo, é determinado pelo gosto das classes mais altas, em oposição, também classificam o que está distante deste bom gosto como pertencente às classes populares.

Essa dinâmica no *campo* do poder marca a naturalização das determinações e das qualificações que os diferentes estilos de vida carregam no sentido simbólico. Os comportamentos, a conduta e o gosto reconhecidos e reproduzidos pelas classes dominantes são determinantes nas disputas de poder que os classificam como dominantes. Essa disputa é notada ao fato de que tais classificações das classes dominantes influenciam o gosto e o estilo de vida dos agentes que não fazem parte deste seletivo grupo, sendo um importante elemento teórico bourdieusiano para compreender as distinções de classe.

Observa-se, portanto, a relação de oposição entre as classes enfatizando o gosto e o estilo de vida que são reconhecidos por elas e reforçados pelas práticas distintivas que fortalecem o vínculo entre os agentes em grupos relativamente homogêneos. Na música, destaca-se a distinção entre a música clássica e erudita, reconhecidas e qualificadas pelas classes dominantes como

“bom gosto” e distante das músicas populares das classes mais baixas da hierarquia social. Seguindo o exemplo dado no início do capítulo sobre a alta-costura francesa que se distancia das marcas de confecções de roupas comuns, pode-se também exemplificar na gastronomia, o processo classificatório de restaurantes feitos por estrelas (como é feito pelo Guia Michelin) em relação as cantinas e lanchonetes populares espalhados pelas cidades mundo afora, sendo conhecidos comumente como “comida de rua”.

Observando os estudos de Bourdieu sobre a distinção das classes, um importante elemento analisado através do *habitus* de classe em relação ao contexto francês do autor, principalmente entre a burguesia e as classes populares, é a necessidade. Tal elemento escancara a distinção entre as classes ao demonstrar as diferentes percepções dos agentes de classes distintas diante da necessidade.

Para o autor, a necessidade está diretamente relacionada com o *habitus* de classe das classes populares, destacando que o *habitus* de classe é um fator de posição na hierarquia social assim como a relação com o modo de produção, como visto em Marx. A relação com bens necessários enfatiza a forma com que as classes populares vivenciam seus estilos de vida. Bourdieu (2007) destaca a relação das classes populares e a sua racionalidade pela necessidade ao exemplificar o custo de um relógio de dois milhões ou o gasto de três milhões em uma festa de noivado por agentes das classes mais altas. Além disso, o desejo do agente das classes populares em relação aos altos valores dos bens não está diretamente nos bens em si, mas sim na disposição de poder dispor de alto valor em bens que não são considerados, na perspectiva de tal agente, necessários (Bourdieu, 2007).

A relação com a necessidade demonstra como a articulação dos diferentes capitais está presente na dinâmica social das classes dominantes e populares, pois dado o exemplo acima, nota-se que o ponto de vista do que é naturalizado pelas classes dominantes pode ser interpretado com estranhamento pelas classes populares e vice-versa. A conduta diante dos bens de consumo, por exemplo, atrelada à necessidade, mostra a relação das classes populares em priorizar a funcionalidade, afastando-se da preocupação sobre a estética presente nas formas de consumo das classes dominantes.

Nota-se aqui que não cabe dizer que, na distinção das classes, a estética está presente exclusivamente nas classes elitizadas, mas sim enfatizar que a maior disposição pela preocupação estética e pelo gasto de altos valores em elementos que não são considerados necessários pelas classes populares está mais presente nas elites, visto que a estetização se torna um dos elementos de distinção e de reconhecimento enquanto grupo homogêneo.

A submissão à necessidade que, conforme já vimos, leva as classes populares a uma “estética” pragmática e funcionalista, recusando a gratuidade e a futilidade dos exercícios formais e de toda a espécie de arte, encontra-se, também, na origem de todas as escolhas da existência cotidiana e de uma arte de viver que impõe a exclusão, como se tratasse de ‘loucuras’, das intenções propriamente estéticas (Bourdieu, 1979, p. 353).

Para o autor, nas classes populares a ênfase se dá em elementos prioritários e a necessidade de se preocupar com a função os afasta da preocupação com a estética. Esse afastamento, como visto na citação acima, exerce uma forma de exclusão desses agentes de algo que é tão comum às classes dominantes, que se dispõem a estetização de seus estilos de vida como uma forma de demonstrar a possibilidade de se preocuparem com a estética em seu cotidiano.

Assim, percebe-se a relação de necessidade das classes populares em bens rentáveis e duráveis, como vestuário simples e prático, por exemplo, em oposição encontra-se as classes elitizadas que almejam a estetização de seus estilos de vida como um elemento de distinção, possibilitando frequentemente o acesso a bens despojados, luxuosos e extravagantes.

A distinção, quando observada sob a ótica da dialética espacial que, por sua vez, apresenta-se na cidade, possibilita a observação dos agentes no espaço urbano seguindo a concepção do *habitus* de classe e das práticas distintivas. As regiões da cidade se tornam distintivas pelos elementos físicos e simbólicos, destacando a distinção dos diferentes estilos de vida, sendo em algumas áreas a disposição de um estilo de vida que favoreça a estetização e a presença de bens posicionais sofisticados. Enquanto há diferentes regiões

predominantemente ocupadas pelas classes populares onde a preocupação com a estética não é prioridade, muito pelo contrário, preocupa-se ainda com condições básicas de infraestrutura como o saneamento básico, por exemplo.

Destaca-se aqui que a manutenção da distinção socioespacial nos espaços urbanos pode ser investigada pela perspectiva da dialética espacial bourdieusiana, pois é na articulação das classes dominantes e nas disputas do *campo* do poder que se as dinâmicas do espaço social – aqui dando ênfase ao campo político das leis urbanísticas, por exemplo – se retraduzem no espaço físico com regiões tão distintas presentes no mesmo espaço urbano.

Por fim, busca-se na próxima seção do capítulo apresentar as diferentes perspectivas sobre as dinâmicas dos espaços urbanos, principalmente em relação às desigualdades socioespaciais – aqui apresentadas pela perspectiva da distinção e da dialética espacial – presentes nas discussões e nas temáticas da sociologia urbana no Brasil.

1.5 ELEMENTOS PARA UM DEBATE COM O PARADIGMA DOMINANTE NO BRASIL – O DIREITO À CIDADE

Pensando em como a Sociologia trabalha as temáticas urbanas na atualidade, sobretudo no Brasil, nota-se um processo de transformação na centralidade das discussões sobre o espaço urbano, sobretudo no campo teórico. Destacado por Lucas Pizzolatto Konzen no artigo “*A mudança de paradigma em sociologia urbana: do paradigma ecológico ao socioespacial*”, a perspectiva comumente trabalhada na sociologia urbana passou pelo processo de transição dos elementos teóricos ecológicos destacados pela Escola de Chicago, para o paradigma socioespacial aqui destacado por Henri Lefebvre.

Konzen (2011) inicia a análise desse processo enfatizando a centralidade teórica do debate sobre a cidade sob a perspectiva ecológica atrelada a Escola de Chicago e a fundação da sociologia urbana enquanto disciplina científica. No paradigma ecológico, os conceitos teóricos de George Simmel (1858-1918) e Émile Durkheim (1858-1917) davam luz aos estudos sobre a cidade enfatizando

principalmente a coesão social. Aproximada dos preceitos ambientais da biologia, o paradigma ecológico observava a cidade enquanto uma “ordem natural” (Konzen, 2011, p.83), sendo sociólogos os preocupados em superar os problemas sociais sob a perspectiva de serem ocasionados pela falta da organização social.

A cientifização dos problemas sociais, enquanto resultados de uma desorganização, demonstra que os problemas urbanos poderiam ser solucionados pela reorganização do espaço. Nesse paradigma, as responsabilidades caíam sobre o desenvolvimento acelerado, o alto crescimento e principalmente os imigrantes, criando sobretudo na cidade de Chicago uma não-coesão espacial (Konzen, 2011).

Buscando se distanciar dos elementos teóricos do paradigma ecológico, o paradigma socioespacial, surgindo com a herança da perspectiva marxista, insere uma ótica que relaciona o desenvolvimento urbano atrelando-o ao desenvolvimento do capitalismo. Embora Marx e Engels não se debruçaram profundamente nas discussões sobre a cidade – assim como Bourdieu – focando seus estudos na vida social e na propriedade privada, suas teorias foram trazidas para as discussões contemporâneas pela sociologia urbana que trabalhava o paradigma socioespacial, enfatizando o conflito no modo de produção e entre as classes (Konzen, 2011).

É o paradigma socioespacial que se destaca enquanto base conceitual e teórica do debate sobre os espaços urbanos no contexto atual da sociologia urbana no Brasil. A presente pesquisa sobre o processo de requalificação da nobreza urbana na Nova Prochet em Londrina – PR busca inserir, como novidade, a perspectiva da dialética espacial bourdieusiana, não muito frequentemente vista nas discussões sobre a cidade e que observa, sobretudo a relação de retradução entre os espaços social, físico e simbólico, de forma distinta a do paradigma socioespacial.

Brevemente, volta-se para Bourdieu (1989) e sua análise sobre a perspectiva marxista que conceituava as classes como “classes no papel”, inserindo-as enquanto classe nas disputas políticas, um pouco distantes da perspectiva bourdieusiana que conceitua as classes sociais pelo

reconhecimento e reprodução de elementos simbólicos que as definem enquanto grupos de agentes.

O paradigma socioespacial, destacado aqui pelo conceito do “Direito à cidade” (Lefebvre, 2011) aborda os estudos urbanos pela sua relação com o modo de produção capitalista, centralizando a exploração da força de trabalho no desenvolvimento social. Destacando a perspectiva de Bourdieu (1989) comentada acima sobre a herança teórica marxista, sendo “De acordo com Lefebvre, a falta de consciência acerca das políticas do espaço revela a alienação da vida cotidiana” (Konzen, 2011, p. 89), destaca-se a conceituação das classes enquanto papel político, sendo necessário sua ação na luta a fim de transformar o espaço urbano pelo direito à cidade.

O paradigma destaca a cidade enquanto resultado do processo social de produção, enfatizando que, ao produzir tal espaço sob a lógica dos valores de troca, este se torna produto. Assim, no processo histórico do capitalismo, a produção desequilibrada do espaço – enfatizando valores de troca ao invés dos valores de uso – torna-o em mercadoria (Konzen, 2011).

É que, uma vez produzido, o espaço torna-se algo que vai além de um mero produto. Ele interfere com o próprio processo produtivo, tornando-se, ao mesmo tempo, produto e produtor, portanto um instrumento de hegemonia (Konzen, 2011, p. 90)

As lutas sociais de grupos não-hegemônicos pelo direito à cidade é a marca de sua teoria, pois representa a intenção dos grupos em reverter o processo que insere os espaços enquanto produto (Konzen, 2011).

Castells também apresenta seus conceitos dentro do paradigma socioespacial contemplando a produção do espaço, porém destacando a relação do Estado e da ação de sindicatos e partidos políticos e movimentos populares da esquerda em pressionar o provimento de espaços e bens de serviços públicos como escola e infraestrutura de transporte coletivo (Konzen, 2011)

Portanto, nota-se a dinâmica da disputa do espaço urbano enquanto ação política das frações de classe que buscam distanciar a ação do avanço do

capitalismo e dos espaços enquanto mercadorias. Assim se dá o sentido de mudança social presente no direito à cidade.

Atrelado a perspectiva do paradigma socioespacial, a perspectiva da busca pela mudança social e da ação das classes enquanto papel político também é observada nos estudos sobre a espoliação urbana (Kowarick, 2009) que leva em consideração a criação de espaços homogêneos que afastam as classes populares de usufruir dos aparelhos urbanos.

Em seus estudos, Lúcio Kowarick (2009) centraliza a análise da espoliação urbana diante da ideia do desenvolvimento urbano fomentada pelo avanço do capitalismo, sobretudo na cidade de São Paulo, destacando os temas da cidadania, da exclusão social e do direito à cidade. Por se tratar de uma perspectiva que insere as classes enquanto grupos que se organizam diante de funções políticas na luta pelo direito à cidade, o papel dos grupos organizados diante da desigualdade é, principalmente, a pressão no Estado para a garantia de distribuição e acesso aos aparelhos urbanos, como destaca o trecho:

Dessa forma, a questão fundamental reside na capacidade dos vários grupos e camadas sociais de pressionar e obter do Estado esses elementos básicos para sua sobrevivência nas cidades. O papel do Estado é fundamental, não só pelas razões já arroladas, mas também porque o investimento que injeta no tecido urbano é fator de intensa valorização diferencial da terra, aparecendo como ator importante no processo de especulação imobiliária e segregação social (Kowarick, 2009, p. 23).

Identifica-se que o papel do Estado enquanto agente transformador do espaço urbano é central na perspectiva dos estudos do autor. No caso da Nova Prochet, nota-se também a centralidade do papel do Estado como agente renovador da região tanto pela ação nas leis urbanísticas enquanto nas políticas públicas de infraestrutura urbana. Diante da centralidade do Estado, a perspectiva da dialética espacial destaca o Estado enquanto espaço de disputa do *campo* do poder, sendo a ação dos agentes elemento importante de análise.

No próximo capítulo, busca-se analisar como o processo de transformação que ocorre com a Nova Prochet demonstra a ação dos agentes

na legislação urbanística que articulam as mudanças, no campo político, que definem as diretrizes da reorganização do espaço urbano de Londrina – PR. Como exemplo, o processo de renovação das leis específicas do plano diretor municipal que ocorrem através de audiências públicas junto ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL) que definem os estudos técnicos para a construção das leis urbanísticas.

Nota-se que a perspectiva do paradigma socioespacial, recorrente nos estudos sobre as cidades, trabalha as mudanças e os processos de transformações sobre a perspectiva da ação política dos grupos sociais, além da conceitualização das cidades enquanto espaços produzidos sob a lógica do valor de troca.

A dialética espacial bourdieusiana sistematizada por Wacquant (2023), ao ser inserida nas observações sobre o processo de requalificação da nobreza urbana da Nova Prochet, busca interpretar as transformações do espaço urbano contemplando os elementos físicos e simbólicos que contextualizam seu atual cenário de infraestrutura urbana, de legislação urbanística e de ação do mercado imobiliário. Porém, ao se apoiar na perspectiva bourdieusiana, torna-se necessário se aprofundar nessa contextualização, compreendendo a formação e a atuação dos agentes presente no processo de transformação urbana, sua composição subjetiva e simbólica que os compõe enquanto grupo não somente pela ação política, mas pelo próprio reconhecimento de normas, gosto e principalmente no estilo de vida reproduzidos pelos agentes que vivenciam a região da Nova Prochet.

É a partir da subjetividade presente no reconhecimento dos grupos enquanto classe homogênea que se nota as ações de disputa no *campo* político, exercendo o papel de dominância pelo acúmulo dos diferentes capitais no *campo* do poder.

Metodologicamente, a presente pesquisa busca compreender o processo de reconhecimento enquanto classe elitizada presente na região enobrecida da Zona Sul de Londrina – PR que passa pelo processo de transformação na infraestrutura urbana, na legislação urbanística e nas categorias cognitivas que os qualificam e classificam enquanto região mais nobre da cidade.

Na próxima seção, busca-se apresentar o processo de requalificação da nobreza urbana de determinada região da cidade de Londrina-PR, sendo notável a interpretação da estetização e estilização pela dialética espacial bourdieusiana, que investiga a articulação do espaço enquanto bem posicional na dinâmica do espaço social, físico e simbólico.

1.6 APRESENTANDO O OBJETO: A “NOVA PROCHET” NO ESPAÇO URBANO LONDRINENSE

Com o objetivo em analisar as transformações no espaço urbano da “Nova Prochet” sob a perspectiva da dialética espacial bourdieusiana, é necessário, primeiramente, apresentar as características físicas e simbólicas do território, contemplando brevemente seu processo histórico e a sua contextualização atual. Neste momento, o foco é caracterizar as qualificações que a região da “Nova Prochet” adquiriu durante o tempo, reiterando que a análise diante dessas transformações será aprofundada no próximo capítulo.

O processo de formação da cidade de Londrina-PR é marcado pela relação de proximidade do poder público com o poder privado e seu direcionamento no desenvolvimento do espaço urbano. Considerando a própria formação do povoado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), subsidiária da inglesa *Paraná Plantations Company*, com o objetivo de fazer a exploração das terras do norte-paranaense ganhar força com loteamentos de terras para os colonizadores. Nesse período, o governo paranaense não interferia objetivamente nas habitações nem no modo de povoamento, transferindo para a própria companhia as decisões sobre as terras cedidas. Assim, houve o favorecimento do uso da terra para fazendeiros (Januzzi, 2005).

Essa exploração de terras marca a relação próxima entre o poder privado e o Estado, visto que o surgimento de Londrina não ocorreu “ao acaso” como quando comparado ao de outras cidades do interior do país. O surgimento se deu pelo uso da companhia de terras em explorar o solo fértil para a produção agrícola. O que se nota no processo de desenvolvimento da cidade de Londrina

é que a relação de proximidade com a iniciativa privada não só se mantém, como também se renova ganhando outros agentes.

Foi somente no ano de 1934 que o município de Londrina foi fundado, após o povoado com o mesmo nome ter surgido no ano de 1929, homenageando a capital inglesa de Londres, origem dos colonos da *Paraná Plantations*. A agricultura cafeeira exerceu um papel de destaque na produção agrícola da região no século XX, acelerando consideravelmente o adensamento populacional e a necessidade de novas políticas públicas urbanas.

Na década de 1980, a cidade passou por uma intensa fase de transformações administrativas e de infraestrutura urbana, buscando garantir o desenvolvimento do capital comercial. Além do destaque para o setor terciário e a ocupação habitacional no sentido norte e sul (Januzzi, 2005).

Após a década de 1990, Londrina já era considerada um importante polo regional do Sul do Brasil. Atualmente, com 555.965 de habitantes (IBGE, 2022), Londrina é a quarta maior cidade da região, ficando atrás de Porto Alegre-RS, Curitiba-PR e Joinville-SC. Entre os destaques no setor comercial, industrial e cultural da região do norte-paranaense, o setor da construção civil é consideravelmente presente no município. Construtoras como a Plaenge, Vectra, Vanguard e Galmo atuam em cenário nacional e impulsionam a verticalização do espaço urbano londrinense.

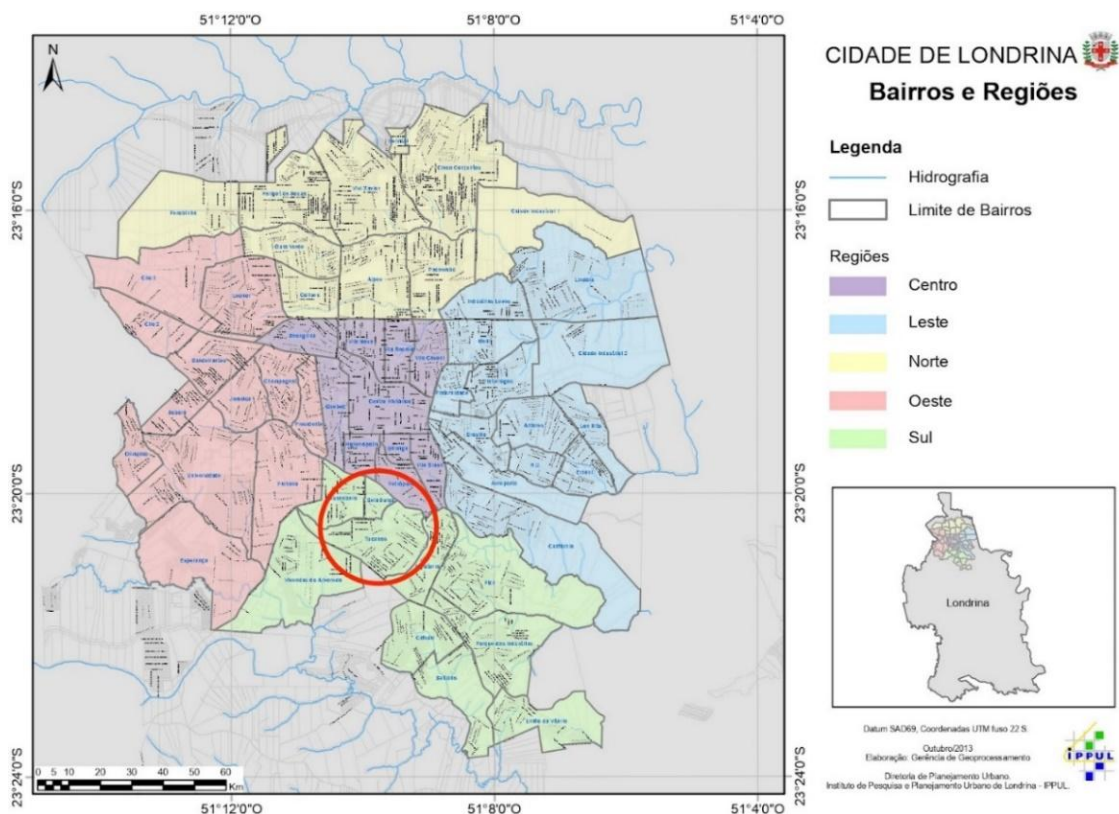
Embora no período da formação do município a relação entre o Estado e a iniciativa privada era notoriamente forte, visto que o Estado passava à Companhia de Terras do Norte do Paraná o gerenciamento do uso do solo, atualmente se percebe a continuidade da relação entre o público e o privado observando o papel das construtoras no cenário de desenvolvimento urbano.

Aqui é importante ressaltar que não se trata de uma concepção determinista sobre tal processo, pois o trabalho não objetiva abordar o papel das construtoras como único fator de desenvolvimento urbano. Porém, é ao observar esta relação de proximidade que se nota um encaminhamento nas transformações da região analisada durante a pesquisa. Portanto, nota-se no

contexto da região da Nova Prochet que as construtoras atuam intensamente em um processo de verticalização do espaço urbano.⁸

Na concepção do que é a Nova Prochet, é importante contextualizar que tal nomenclatura não é baseada em fontes oficiais da legislação do município. O nome dado a região foi proposto pela Vectra Construtora como forma de divulgação e propaganda de seus empreendimentos de alto padrão na região da Zona Sul de Londrina que compõe o entorno da Av. Harry Prochet. De acordo com o mapa das subdivisões de Londrina disponibilizado no portal da prefeitura do município, a região que compõe a Nova Prochet é delimitada por dois bairros: o Bela Suíça e o Tucanos.

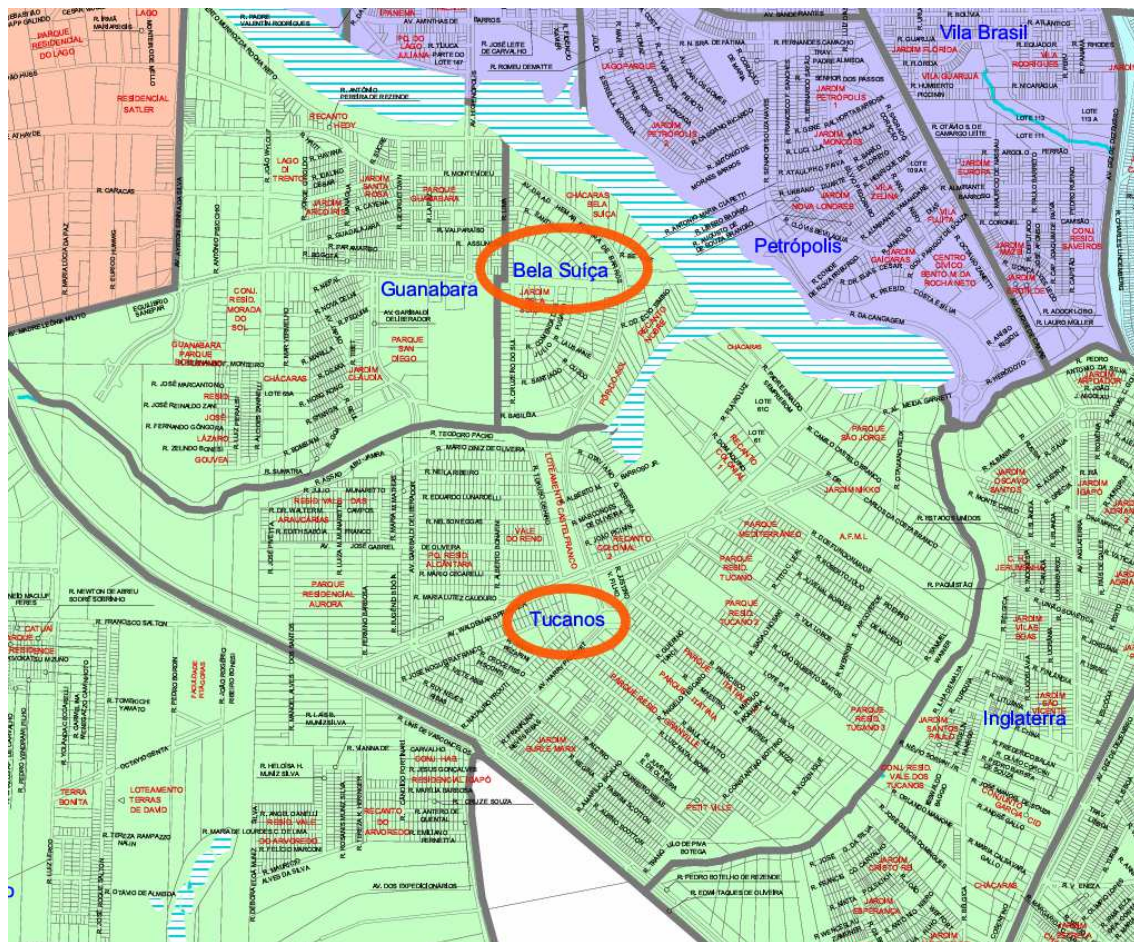
Figura 1 - Mapa do perímetro urbano de Londrina



Fonte: IPPUL

⁸ É possível observar o papel das construtoras e do mercado imobiliário no surgimento e consolidação de outro importante bairro e subcentro da Zona Sul de Londrina: o bairro Gleba Palhano. Neste bairro, após o início do século XXI, um intenso processo de verticalização adjunto a leis urbanísticas de zoneamento favoreceu a consolidação deste como um dos bairros mais nobres da cidade.

Figura 2 - Área aproximada destacando a região que compõe a Nova Prochet



Fonte: IPPUL (Edição Própria)

Nota-se, de antemão, que a nomenclatura dada envolve o sentido da renovação pelo mercado imobiliário das características dos bairros onde estão inseridos os empreendimentos. Renovação esta que é proposta pela construtora como forma de atrativo para o potencial novo residente ou investidor do empreendimento, sendo assim, uma renovação pelo mercado imobiliário. Neste caso, pergunta-se quais características do bairro estão sendo renovadas e qual sentido se ganha com essa renovação?

A pesquisa busca responder tais questionamentos sob a perspectiva bourdieusiana. Brevemente, notou-se que as características apresentadas no bairro desde sua formação eram de pouco adensamento, zonas residenciais com casas térreas, grandes, espaçadas e ruas pouco movimentadas. Atualmente, com as transformações observadas principalmente na infraestrutura

urbana da região, nota-se o surgimento de edifícios residenciais, alargamento de avenidas e, conseqüentemente, o aumento de fluxo de veículos e pessoas no bairro.

Dessa forma, a pesquisa trabalha o sentido da renovação das características do bairro se atentando aos elementos físicos e simbólicos: as transformações na infraestrutura urbana e nas legislações urbanísticas, além da percepção da qualificação da região como enobrecida reforçada pelo mercado imobiliário. O próximo capítulo buscará aprofundar a discussão sobre o processo de transformação e renovação da qualificação da Nova Prochet, que se consolida como uma das regiões mais nobres – se não a mais nobre – da cidade de Londrina-PR.

Desde seu surgimento como loteamento em meados de 1960, o bairro Bela Suíça era tipicamente pacato. A região era afastada do centro da cidade pelo Lago Igapó, até então não sendo um importante ponto turístico, ocupando a área da margem sul, enquanto o restante da cidade estava a margem norte do lago. Sua ocupação se deu por mansões grandes e espaçadas, onde algumas propriedades instalaram docas para atividades aquáticas. O bairro se estabeleceu como uma região nobre da cidade ressaltado pela característica pacata, segura e reservada.

O Tucanos teve sua ocupação seguindo o desenvolvimento da infraestrutura viária da Zona Sul do município. Principalmente as avenidas Harry Prochet e a Waldemar Spranger, que conectam o restante da cidade com a Rodovia PR-445. A área era composta por zonas residenciais de baixa densidade, com comércios e serviços nas principais avenidas e não contemplava uma ocupação tão enobrecida quanto o vizinho Bela Suíça.

Atualmente, o que se nota é um considerável cenário de transformação da infraestrutura urbana e, principalmente, com a verticalização intensa. Desde o ano de 2018 mais de dez empreendimentos residenciais de alto padrão foram lançados na região que contempla os dois bairros. A princípio, a opinião popular é dividida entre os que sugerem as mudanças como um importante passo de desenvolvimento e os que veem o processo de verticalização e adensamento como a perda das características tradicionais dos bairros. O próximo capítulo

aprofundará o debate público referente ao cenário de transformação baseado em materiais jornalísticos que propagaram a divergência de opiniões entre os dois grupos em portais locais.

De antemão, nota-se que as diferentes opiniões diante das transformações urbanas pelo processo de requalificação da nobreza da região se dão pela concepção de grupos proposta por Bourdieu (1983), ao fato de que o *habitus* de classe propõe o comportamento de autorreconhecimento de determinado grupo em relação ao gosto, ao comportamento e, principalmente, ao estilo de vida.

Anteriormente ao período de intensificação do processo de verticalização, os antigos moradores baseavam a qualificação enobrecida, sobretudo no Bela Suíça, à infraestrutura das mansões, ao baixo fluxo de pessoas, a segurança e a característica “interiorana” que era mantida por esses elementos. Da mesma forma, o Tucanos mantinha sua característica pacata pelo distanciamento do centro da cidade e pelo pouco adensamento populacional.

A mudança se dá ao fato de que o processo de verticalização pelo mercado imobiliário propaga a ideia da Nova Prochet como subcentro urbano, conectada com o principal cartão postal do município, o Lago Igapó, e a outras duas áreas centrais da cidade. De maneira resumida: sai o pacato e tranquilo e entra o concentrado, urbano e luxuoso.

Ao trazer a sistematização de Wacquant (2023) dos estudos de Bourdieu sobre o espaço urbano, a pesquisa investiga o processo de transformação se baseando tanto em elementos objetivos referente as leis urbanísticas e as transformações na infraestrutura urbana pelo poder público quanto ao processo que propaga a Nova Prochet como espaço a ser consumido pelo mercado imobiliário. De forma subjetiva, Wacquant (2023) também dá conta dos elementos simbólicos que ocorrem na percepção dos moradores diante do processo de transformação de um pacato bairro nobre em uma área com edifícios residenciais e comerciais luxuosos, estimulando o estilo de vida urbano enobrecido e sofisticado.

Aproximando a concepção da dialética espacial ao cenário de transformação urbana na Nova Prochet, é importante elencar os agentes da

dinâmica social que agem a favor ou contra o processo. No contexto do poder público municipal, destaca-se tanto os agentes que exercem funções de governança, as próprias leis urbanísticas como o Plano Diretor Municipal de Londrina - PDML, as leis complementares a este plano, o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina – IPPUL, no qual ocorre o direcionamento das discussões referentes as leis urbanísticas municipais. Destaca-se também os agentes do mercado imobiliário, as construtoras que atuam na cidade de Londrina, a mídia local – e sua relação com o debate sobre as transformações, bem como enquanto espaço publicitário – e os próprios agentes que residem e trabalham na região.

2. O ESTADO ENQUANTO AGENTE TRANSFORMADOR DO ESPAÇO URBANO: HISTÓRICO DOS ESPAÇOS DISTINTIVOS EM LONDRINA – PR

A fim de compreender os processos de transformação dos bairros Bela Suíça e Tucanos, que compõe a região batizada de “Nova Prochet” pela Vectra Construtora para seus lançamentos imobiliários, busca-se, primeiramente, retomar a história das transformações na infraestrutura urbana da cidade de Londrina, enfatizando as que ocorreram na região composta pelos dois bairros na Zona Sul. Em seguida, destaca-se o histórico de políticas públicas urbanas, atentando-se às mudanças do uso e ocupação do solo, principalmente na política de zoneamento.

Nesse processo, busca-se elencar e analisar os espaços distintivos da cidade, contemplando a formação e a transformação desses espaços conforme as mudanças na infraestrutura e nas políticas públicas urbanas. Assim, destacam-se três regiões do espaço urbano em três períodos históricos diferentes: inicialmente, o centro da cidade se caracterizava como distintivo pela sua localização imediata aos serviços urbanos nas primeiras décadas do desenvolvimento do município; seguindo para o bairro Gleba Palhano, após a virada para o século XXI, reconhecida enquanto bairro das frações de classes médias e altas e pelo seu intenso processo de verticalização, distinto das áreas centrais, e pelo surgimento de condomínios fechados de luxo próximos ao

Shopping Catuaí; e por fim, a Nova Prochet, destacando-se pelo seu processo de transformação como “o novo endereço da elite londrinense” (Portal i24, 2022).

Seguindo a dialética espacial bourdieusiana, o capítulo analisa o contexto atual do processo de transformação e requalificação da nobreza urbana que ocorre na Nova Prochet, destacando o atual cenário na política urbanística, seus agentes e suas relações no campo do poder. Busca-se, assim, caracterizar as transformações urbanas promovidas pelo Estado pelo seu reforço à segregação, consolidando grupos relativamente homogêneos a partir da ação no campo político.

Por fim, busca-se retomar o conceito de Espaço Social sintetizado por Wacquant (2023) na perspectiva bourdieusiana para trabalhar a primeira hipótese de pesquisa: o Estado tem relevante capacidade de promover a localização espacial de classes relativamente homogêneas, inclusive das frações de classe dominante, na medida em que desenvolve políticas urbanas segregadoras.

Para isso, enfatiza-se o atual contexto do processo de requalificação da nobreza urbana que ocorre na Nova Prochet, que favorece a atualização das propriedades distintivas presentes nos bairros Bela Suíça e Tucanos, passando de características residenciais de baixa densidade, seguras e com pouca circulação de pessoas, para uma região que convive com as características de centros urbanos, lado a lado de áreas comerciais e de serviço, maior número de circulação de pessoas e mais adensada pelo intenso processo de verticalização.

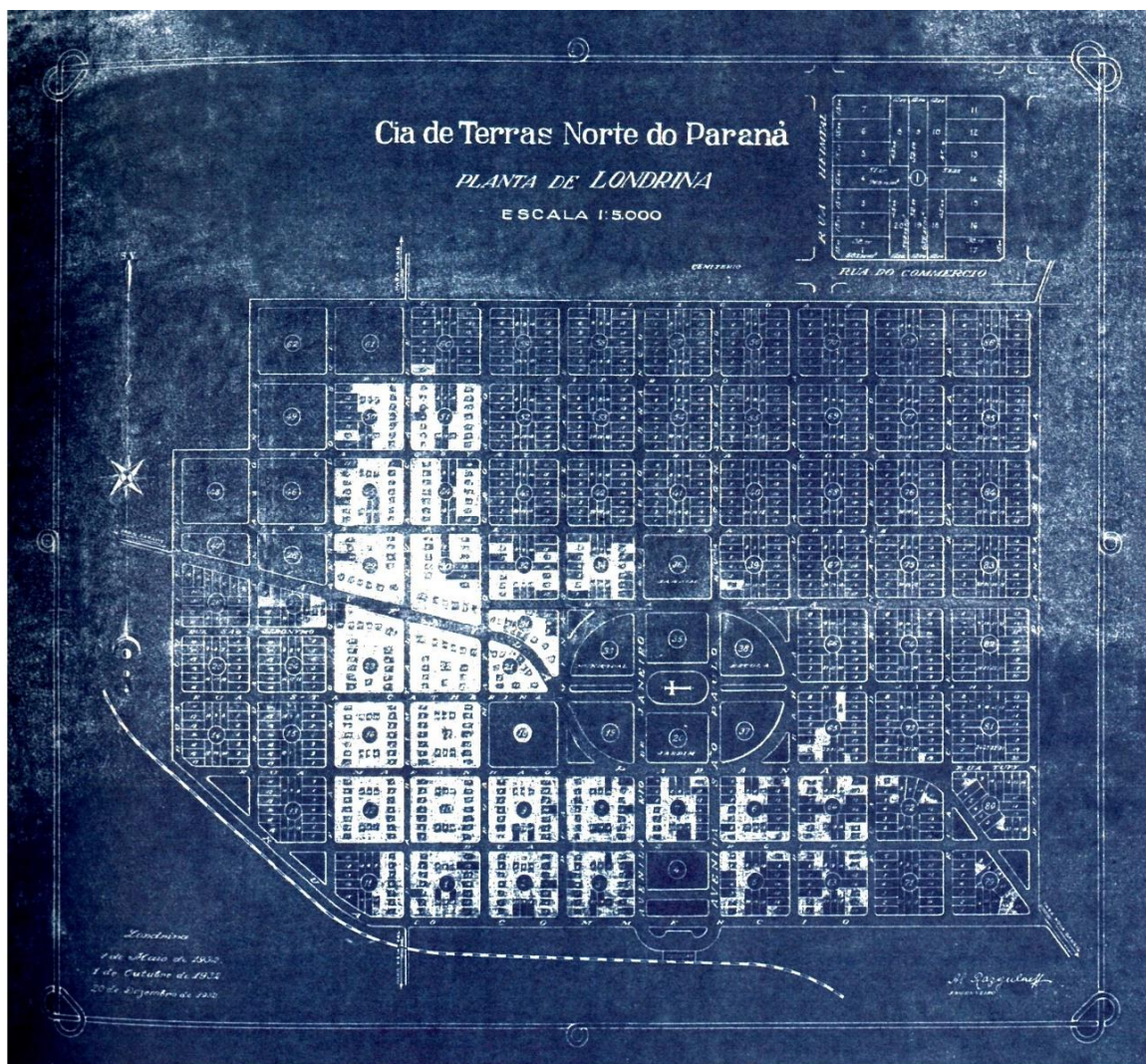
2.1. HISTÓRICO DAS TRANSFORMAÇÕES NA INFRAESTRUTURA E NAS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS EM LONDRINA – PR

Retomando a história do desenvolvimento urbano de Londrina – PR, destaca-se a relação próxima entre o governo do estado do Paraná e a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) que planejaram e promoveram a ocupação do território hoje compreendido pela cidade de Londrina para fins comerciais.

Observa-se, no início do processo de ocupação do norte-paranaense na década de 1930, levando em conta as políticas de aquisição e oferta dos lotes no território, a intenção da CNTP e do governo estadual em facilitar o empreendimento “imobiliário – colonizador” (Cunha, 1991), promovendo o uso do solo para a produção agroindustrial, sobretudo cafeeira. Dessa forma, a fundação do empreendimento de ocupação de Londrina foi considerada o maior empreendimento imobiliário feito pela CNTP no país até 1931 (Cunha, 1991).

Planejada para comportar 50 mil habitantes, a cidade foi estruturada sob a forma de grade quadrangular, com ruas retas e simétricas, como se nota no mapa a seguir:

Figura 3 - Planta Azul do ano de 1932



Fonte: IPPUL

No período de formação do município na década de 1930, grande parte da ocupação era em áreas rurais, principalmente por colonizadores vindo do estado de São Paulo e imigrantes. O processo acelerado de desenvolvimento agrícola da região, somado ao conhecido solo fértil, fez com que a cidade se desenvolvesse para além da produção agrícola, abrangendo setores comerciais e de serviços (Cunha, 1991).

O centro da cidade se tornou a região que concentrava a maior parte comercial e de serviços, sobretudo no entorno das avenidas Duque de Caxias e Paraná. Considerando a fração de classe elitizada composta principalmente por cafeicultores, o entorno da Av. Higienópolis foi ocupado por casarões. Cabe-se ressaltar a referência proposta por Rolnik (1997) ao bairro Higienópolis, localizado em uma região alta na capital paulista, São Paulo, sendo caracterizado pela infraestrutura de saneamento e pelos casarões das classes dominantes paulistanas.

O bairro paulistano Higienópolis exemplificado por Rolnik (1997) demonstra o foco do poder público no investimento da infraestrutura urbana em regiões da cidade ocupadas por frações de classes dominantes. Além da topografia que configurava como uma das áreas mais altas da cidade, o bairro marcou o início do investimento em saneamento básico na cidade de São Paulo. Além disso, em meados de 2010 o Higienópolis foi ponto central a respeito da construção de uma estação de metrô, obra amplamente em desacordo com a opinião de muitos moradores pelo possível aumento do fluxo de pessoas “indesejadas”, que se distanciam do padrão estabelecido no bairro.

De volta ao contexto da Avenida Higienópolis, em Londrina, os casarões dos grandes cafeicultores marcam a infraestrutura urbana desenvolvida e a chegada da arquitetura, ou seja, da forma de se construir, inspirados nos grandes casarões das classes dominantes do país.

Figura 4 - Centro da cidade de Londrina em 1949



Fonte: Sgilon

Nas décadas seguintes, a ocupação urbana próxima ao centro se desenvolvia pela disposição de aparelhos urbanos e pela oferta de serviços. O centro da cidade, principalmente o entorno da Av. Higienópolis, iniciou-se um processo de verticalização mais expressivo de edificações qualificadas como alto padrão. Nesse processo, a região próxima a Av. Higienópolis, posicionada nas partes mais altas da topografia física da cidade, assim como o bairro paulistano que a nomeia, tornou-se o lugar desejável das frações de classes mais altas em Londrina.

No que se refere as ações do poder público nesse período, levando em conta a importância do direcionamento do desenvolvimento urbano, as cidades desenvolviam planos de diretrizes básicas, comumente conhecidos como Planos Diretores Municipais. O primeiro plano diretor de desenvolvimento urbano de Londrina foi criado em 1968, aprovado pela Lei nº 1.444/1968, com um planejamento para os próximos 15 anos. Este plano buscava consolidar a cidade como o centro regional comercial, industrial e cultural do Norte-paranaense. Posteriormente, o outro plano diretor proposto no município foi o Plano de Desenvolvimento Urbano (PDU-Londrina), realizado em 1979 e relacionado ao

contexto do "Primeiro Programa de Investimentos Urbanos para as Cidades de Porte Médio do Estado do Paraná". (IPPUL)

Na década de 1980, o processo de verticalização, que antes se concentrava nas imediações das vias de comércio do centro da cidade, ganhou impulso pelo crescimento populacional e pela aceleração do desenvolvimento industrial, visto que neste momento a cafeicultura abria espaço para novas produções agrícolas e para indústria de serviços.

Pensando sob a perspectiva da dialética espacial bourdieusiana, o centro da cidade de Londrina se consagrava enquanto espaço físico distintivo tanto pela característica de centro regional norte-paranaense, quanto pela ocupação da elite cafeicultora e seus casarões imponentes na Av. Higienópolis. Portanto, a partir da perspectiva da retradução do espaço social no físico, a ocupação da elite cafeicultora nos arredores da Av. Higienópolis representa a característica de homogeneização tanto da fração de classe e todas as propriedades objetivas e simbólicas que os definem, quanto do próprio espaço do centro da cidade ocupado pelos casarões, que configuraram a homogeneidade das características arquitetônicas e da infraestrutura urbana da região.

Figura 5 - Parte da região central de Londrina em 1991



Fonte: IPPUL

Nota-se, principalmente no lado direito da imagem, o considerável aumento da presença de prédios. A região entre as Av. Juscelino Kubitschek e Av. Higienópolis demarcam a verticalização das edificações de alto padrão a partir da década de 1980. Assim, caracterizava-se o primeiro espaço distintivo londrinense.

O Centro, enquanto espaço distintivo, destacava-se pela qualificação de “centralidade”, próximo aos bens de serviços e aos aparelhos urbanos. Durante as décadas de 1980 e 1990, Londrina se firmava enquanto centro regional do

Norte-paranaense, contribuindo para a característica do estilo de vida urbano que o centro da cidade proporcionava.

Devido ao avançado processo de crescimento urbano, a ocupação de áreas para além da região central da cidade ganhou força, com o destaque para a característica de metrópole regional devido a conurbação com os municípios de Cambé e Ibiporã. Nesse sentido, com o espraiamento urbano, intensificou-se a ocupação da Zona Sul da cidade, destacando a revitalização do Lago Igapó e a construção de um *Shopping Center* no ano de 1997.

Dessa forma, o avanço da malha urbana para a Zona Sul da cidade é marcado pela ação de agentes transformadores do espaço urbano, com o destaque para a ação do mercado imobiliário. Aproximando-se dos estudos de Caldeira (1997), o distanciamento do centro da cidade demonstrava a oferta de um estilo de vida mais tranquilo, seguro e longe dos “problemas urbanos”.

A próxima seção se aprofunda na história do desenvolvimento urbano da Zona Sul de Londrina, buscando enfatizar os novos espaços distintivos distantes do centro da cidade que surgiram às margens sul do Lago Igapó.

2.1.1. O Processo De Transformação Da Zona Sul De Londrina – PR: A Gleba Palhano Enquanto Espaço Distintivo

No desenvolvimento do espaço urbano, conforme o passar das décadas seguintes, o poder público buscou readequar alguns pontos do sistema viário, transformando ruas em avenidas que conectavam os adensamentos para além do centro. O rápido crescimento populacional ocasionou a incorporação de áreas rurais mais imediatas ao perímetro urbano, as glebas de chácaras e pequenas propriedades foram transformadas em loteamentos desordenados sem seguir os critérios do início da urbanização (Cunha, 1991)

Figura 6 - Imagem aérea da Zona Sul de Londrina, 1974



Fonte: IPPUL (edição própria)

Na imagem apresentada destacando a porção sul da cidade de Londrina no ano de 1974, na região concentrada no centro da figura, apresenta-se o início da ocupação do que se tornaria o bairro Bela Suíça. Ao lado há o loteamento de chácaras e pequenas propriedades do Tucanos. Ambos os loteamentos tiveram seu início de parcelamento de solo no ano de 1974 (Cunha, 1991). No lado esquerdo da imagem, a ocupação de chácaras que se tornaria o bairro Gleba Palhano.

Na primeira década do século XXI, após a revitalização do Lago Igapó, o mercado imobiliário investiu em edificações de alto padrão na margem sul do

Lago Igapó II. A região, antes composta por chácaras, passou a ser ocupada por prédios residenciais. Essa ocupação se dá tanto pelo crescimento da cidade nas proximidades do lago, quanto pela construção do principal *shopping center* da região as margens da rodovia PR-445, o Shopping Catuaí, em 1997.

Em pouco mais de dez anos, o bairro localizado na margem sul do Lago Igapó I se transformou no principal subcentro urbano da cidade, sendo altamente adensado e verticalizado. Após 2010, a Gleba Palhano se consagra como o mais novo espaço distintivo de Londrina, com edificações de luxo, shoppings centers, restaurantes sofisticados e serviços urbanos que variam do “gourmet” ao “alto padrão” como mercados, padarias e academias.

Figura 7 - Gleba Palhano no ano de 1997



Fonte: IPPUL (edição própria)

Figura 8 - Gleba Palhano no ano de 2008



Fonte: Siglon

Nos últimos anos, a Gleba Palhano ainda apresenta inúmeros lançamentos imobiliários, porém se distancia das características de luxo, notando assim a presença de condomínios verticais para o público além da fração de classe dominantes. Além do crescimento de lançamentos para as frações de classe comumente interpretadas como “média e alta”, a região apresenta problemas de congestionamento nas principais avenidas em horários de pico, demonstrando uma característica comum do processo de verticalização desordenada.

Atualmente, a Gleba Palhano apresenta a característica da heterogeneidade, visto que compõe alguns edifícios de alto padrão ocupados por frações de classes dominantes, mas também há a ocupação de outros grupos, distanciando-se da concepção de autosegregação notada em condomínios fechados ou no próprio Bela Suíça, ocupado por mansões e equipado com um sofisticado sistema de segurança privada.

Figura 9 - Gleba Palhano vista do Lago Igapó II atualmente



Fonte: tripadvisor

É nessa ocupação heterogênea de classes que se caracteriza o distanciamento das frações mais dominantes. Junto ao desenvolvimento da Gleba Palhano enquanto espaço distintivo em Londrina, parte da região passou a ser composta por condomínios horizontais fechados de alto padrão, caracterizando o posicionamento de agentes que, buscando se distanciar dos problemas urbanos e do adensamento heterogêneo da Gleba Palhano, também se distanciaram fisicamente.

Enfatizando o adensamento heterogêneo da região, que se relacionou com o distanciamento das frações mais dominantes para os condomínios fechados, a Gleba Palhano, ao se tornar um subcentro urbano pela sua importância comercial e de oferta de serviços variados, perdeu-se a propriedade distintiva principal da exclusividade das frações de classes dominantes. Porém, nota-se que a Gleba manteve e ainda mantém características de bairro “nobre”, mas apresentando a ocupação das frações de classes médias, ou seja, que não reconhecem e reproduzem as propriedades distintivas das frações de classes dominantes, além da forma de ocupação contemplar edificações que não expressam as características arquitetônicas, de serviços e de “gosto” do alto padrão. Em outras palavras, atualmente, a Gleba Palhano se encontra “de tudo

um pouco”, porém mantém seu “distanciamento” de frações de classes dominadas, ou seja, das frações mais populares.

Como exemplo, a construção de edifícios de alto padrão da Gleba Palhano se concentram próximos a margem do Lago Igapó, sendo um deles o maior edifício da cidade, o *Maison Heritage*, da construtora A. Yoshii Engenharia, notado no canto esquerdo da figura 9. Já edificações de padrão arquitetônico mais baixo se concentram próximos a rodovia PR-445, distantes das principais avenidas de comércio e serviço dos bairros.

Seguindo a perspectiva de Tereza Caldeira (1997) sobre os enclaves fortificados na Grande São Paulo como alternativa para as frações de classes elitizadas se concentrarem em espaços físicos homogêneos, aparatados de serviços de segurança privada e distante dos conflitos do centro urbano, observa-se, dando as devidas proporções, características semelhantes com o que ocorre nas proximidades do Shopping Catuaí em Londrina.

Incorporadoras do mercado imobiliário concentram inúmeros condomínios horizontais fechados de alto padrão na porção sul da Gleba Palhano. Caldeira (1997) abordava como exemplo o que ocorre na região de Alphaville, em Barueri, exercendo um papel de alternativa às frações de classes mais altas que buscavam se distanciar dos problemas do centro de São Paulo. Enquanto em Londrina, a região que concentra os condomínios fechados também é comumente conhecida pelos londrinenses como Alphaville⁹ devido a três condomínios que recebem este nome, referenciando ao luxuoso bairro da Grande São Paulo.

⁹ Os condomínios fechados residenciais Alphaville surgiram na cidade de Barueri, na Grande São Paulo, em 1973 como uma proposta de alternativa aos cidadãos das elites paulistanas para a expansão das áreas de nobreza para a região Sul de São Paulo, como o Morumbi e o Jardins. Atualmente, a marca Alphaville funciona como uma espécie de “franquia” de condomínios e é esta marca que atua na Zona Sul de Londrina como sinônimo de nobreza. Mais informações disponíveis através do link: <https://ri.alphaville.com.br/quem-somos/historico-e-perfil-corporativo/>. Acesso em novembro de 2024.

Figura 10 - Condomínios fechados na Zona Sul de Londrina em 2021



Fonte: Siglon

Assim, a Gleba Palhano e os condomínios horizontais se caracterizaram como um espaço distintivo na cidade de Londrina considerando seus aspectos específicos: enquanto na Gleba Palhano se concentra grande número de edifícios, os condomínios fechados proporcionam casas espaçadas e a distância física de áreas movimentadas. Seguindo as perspectivas de Caldeira (1997), os condomínios fechados promovem a autosegregação de grupos sociais que anseiam pela segurança e pelo isolamento, sendo que o distanciamento físico corresponde ao distanciamento social. Nesse sentido, os condomínios da Zona Sul não são diferentes.

Considerando a dinâmica de transformação da Zona Sul de Londrina, a região da Gleba Palhano que concentra inúmeros lançamentos imobiliários, não mantém a exclusividade de edifícios de alto padrão e promove lançamentos que se distanciavam do alto padrão das frações de classes dominantes. Além disso, os condomínios fechados, como o Alphaville, promovem a autosegregação

social, considerando o estilo de vida do autoisolamento e do distanciamento de outras regiões do espaço urbano

Nesse contexto, uma nova região se tornou o foco do mercado imobiliário para os lançamentos de edifícios luxuosos e sofisticados. A Nova Prochet, nomeada pela Construtora Vectra, demonstra as características físicas e simbólicas da promoção do novo espaço distintivo da cidade de Londrina. A região se diferencia tanto da Gleba Palhano quanto dos condomínios fechados por promover uma nova forma de ocupação, pois não há a prevalência de condomínios horizontais fechados como a região próxima ao Shopping Catuaí, e não há a pretensão de promover uma ocupação heterogênea como ocorre na Gleba Palhano. A Nova Prochet surge como uma novidade para as frações de classes dominantes que buscam o luxo, a sofisticação, a tecnologia e o estilo de vida urbano.

A próxima seção retoma o processo histórico da formação e da transformação dos bairros Bela Suíça e Tucanos, que compõe a região compreendida como Nova Prochet. Nessa retomada, são destacadas as transformações nas políticas públicas urbanas que demonstram a ação do Estado como agente transformador do espaço urbano.

2.1.2. O Processo De Formação E Transformação Do Bela Suíça E Tucanos: O Novo Espaço Distintivo De Londrina – PR

O crescimento de loteamentos na Zona Sul de Londrina a partir da década de 1970 provocou não só uma demanda no mercado imobiliário, mas também em transformações na infraestrutura urbana (Cunha, 1991).

As loteadoras, as incorporadoras e as empresas imobiliárias foram e continuam sendo as grandes responsáveis pelo crescimento desordenado desta porção da cidade como também pela valorização imobiliária de alguns setores deste espaço [sic] (Cunha, p. 113)

Demonstrando a aceleração do processo de ocupação da região, nota-se a valorização do preço por metro quadrado dos dois bairros, sendo o Bela Suíça saltando de 18.000,00 cruzeiros em outubro de 1991 para 30.000,00 em novembro do mesmo ano. Já o Tucanos apresentou uma valorização de 100%, indo de 6.000,00 cruzeiros para 12.000,00 no mesmo período observado¹⁰ (Cunha, 1991).

Ao enfatizar o papel das loteadoras e incorporadoras na ocupação da região, destaca-se, além da terra como fonte de investimento especulativo, a renda fundiária, mantendo parte das terras ocupadas com lavouras, responsabilizando terceiros para a manutenção dessas terras, não apresentando gastos para a própria loteadora (Cunha, 1991).

¹⁰ A tabela completa dos loteamentos observados pelo autor se encontra na página 114, elencando a variação do valor de preço por metro quadrado do mês de outubro a novembro de 1991. Embora o autor não esclareça especificamente a razão da variação de preço em tão pouco tempo, a argumentação é feita sob a lógica do valor de troca e das terras enquanto investimento especulativo típico do modo de produção capitalista, destacando que é o que ocorre na Zona Sul de Londrina.

Figura 11 - Bela Suíça e Tucanos em 1991



Fonte: IPPUL

No ano de 1991, nota-se na imagem acima o grande número de lotes vazios, principalmente no bairro Tucanos, tendo sua ocupação mais marcada na margem sul do Lago Igapó II. O Bela Suíça, localizado no canto superior esquerdo da imagem, tem sua ocupação em estágio mais avançado, embora também apresente vazios urbanos.

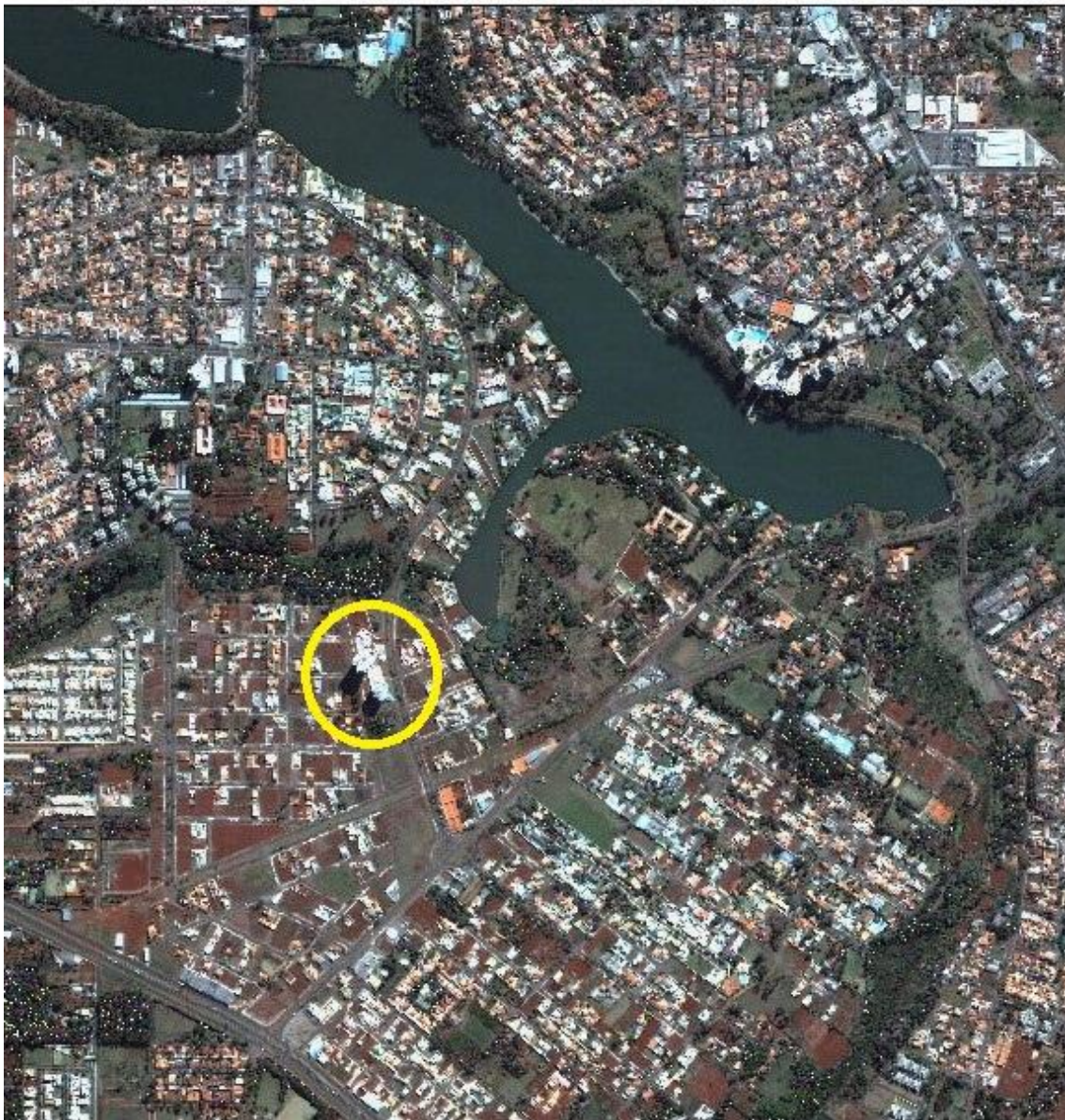
Na mesma imagem, notam-se as principais vias da região sem as duplicações e alargamentos, que serão realizados no início dos anos 2.000. Destaca-se, também, a Avenida Waldemar Spranger, na região central do bairro Tucanos, que ainda estava incompleta, apresentando quadras sem

pavimentação. Atualmente, a avenida ainda está em expansão na Zona Sul da cidade.

Nesta década foi promulgado o primeiro plano diretor participativo do município. O Plano Diretor do Município de Londrina de 1998, pela lei nº 7.482, foi gerenciado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL) tendo em vista o aprofundamento de políticas urbanísticas complementares, como o parcelamento do solo e o sistema viário. Além disso, de acordo com o Art. 5º da mesma lei, o plano enfatizava políticas de habitação e bem-estar, bem como o cumprimento à função social da propriedade urbana (IPPUL).

Nos anos seguintes a ocupação da Zona Sul da cidade aumentou consideravelmente, demonstrando a necessidade da ação do poder público para modificações na infraestrutura que comportassem o crescimento populacional desta porção do espaço urbano. No que se refere a ação do poder público para o favorecimento das transformações na infraestrutura urbana da região, destaca-se o planejamento viário, principalmente na interligação e expansão das três principais vias dos bairros: Rua Adhemar Pereira de Barros, Av. Waldemar Spranger e Av. Harry Prochet.

Figura 12 - Bela Suíça e Tucanos no ano de 2000



Fonte: Siglon (Edição Própria)

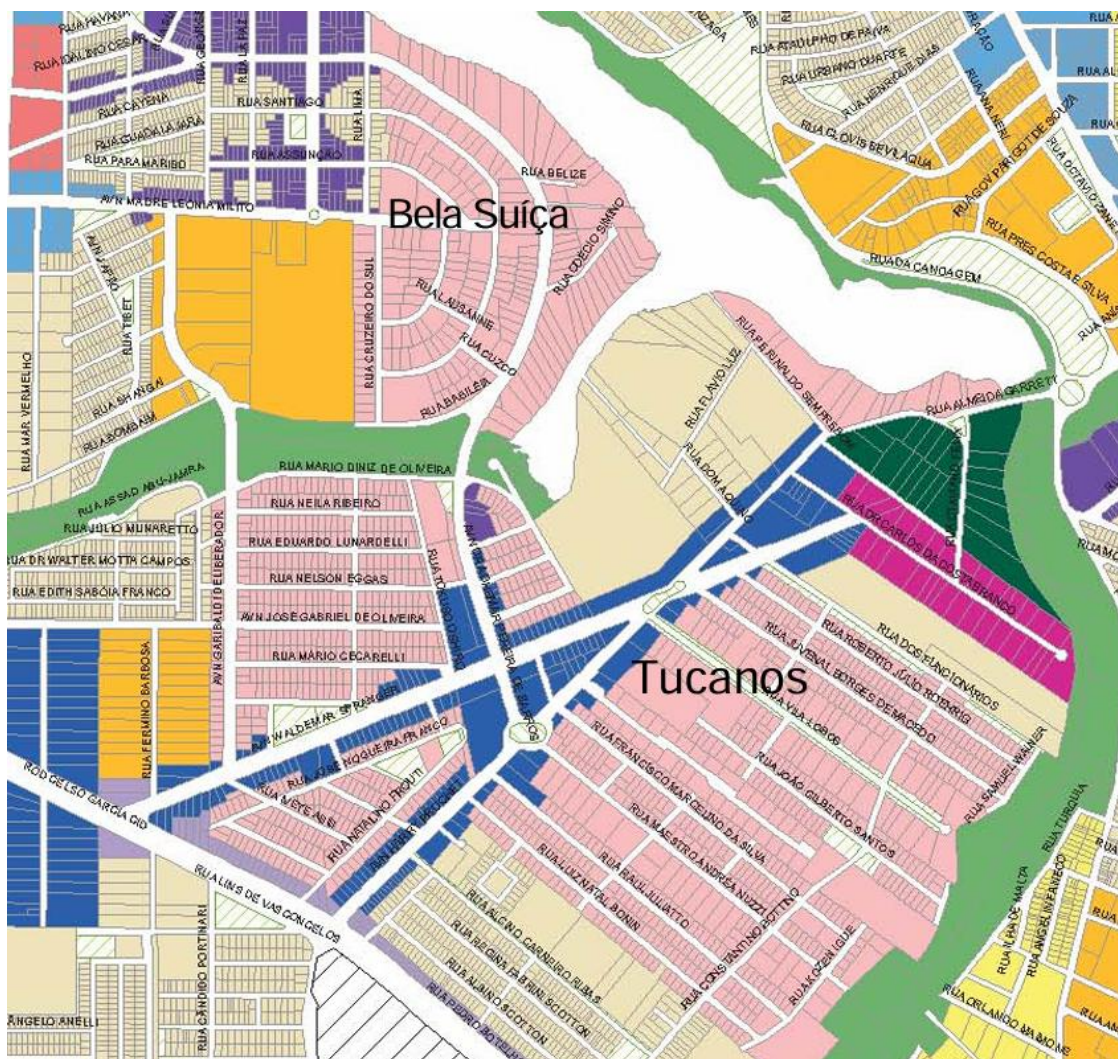
Na imagem aérea da região da Nova Prochet no ano de 2006, nota-se a maior presença de construções residenciais e comerciais, além da expansão e duplicação das três principais vias. Nota-se, também, o surgimento de dois edifícios residenciais, destacados em amarelo, na Av. Adhemar Pereira de Barros, marcando o início da presença das construtoras e incorporadoras na região.

Assim, com o crescimento da ocupação na Zona Sul de Londrina, sobretudo na margem sul do Lago Igapó, destaca-se a consolidação do Bela Suíça enquanto um bairro composto por construções residenciais de alto padrão, que remetem a casas de campo ou mansões, representando a tradicionalidade das frações de classes mais elitizadas da região. Como ocorria na Av. Higienópolis no início da formação da cidade, ocupado pela elite cafeeira com seus casarões no centro da cidade.

No ano de 2008, o novo Plano Diretor Participativo do Município de Londrina (PDPML – 2008) foi promulgado junto ao gerenciamento do IPPUL pela Lei nº 10.637 (revogado pela lei nº 13339/2022). Destaca-se a ação sobre o macrozoneamento do município, bem como da lei complementar sobre o Uso e Ocupação do Solo (lei nº 12.236/2015), que define as diretrizes de zoneamento e o ordenamento territorial do município. Essa lei é resultado das tomadas de decisões no campo político sobre como a cidade deve se organizar, definindo áreas de zoneamento comercial, residencial, industrial, além de áreas de proteção ambiental. Tal lei ainda se mantém vigente, porém se encontra em cenário de discussão sobre sua renovação pelo projeto de lei 143/2023, que será discutido na próxima sessão do presente capítulo.

A Lei de Uso e Ocupação do Solo nº12.236 do ano de 2015 estabelecia a região dos bairros Bela Suíça e Tucanos majoritariamente enquanto zonas residenciais de baixa densidade, não permitindo a verticalização e concentrando lotes comerciais apenas nas avenidas de maior capacidade de tráfego.

Figura 13 - Fragmento do mapa de zoneamento da Lei de Uso e Ocupação do Solo nº 12.236/2015



Legenda

ZR1	ZC1	ZI1	ZE1.1 - Aeroporto Gov. José Richa	ZE2.2 - Heimtal
ZR2	ZC2	ZI2	ZE1.2 - Campi Universitários	ZE3 - Combustíveis
ZR3	ZC3	ZI3	ZE1.3 - Autódromo e Estádio do Café	ZE4 - Fundo de Vale e Proteção Amb.
ZR4	ZC4	ZI4	ZE1.4 - IAPAR e EMBRAPA	ZE4.4
ZR5	ZC5	ZEIS1	ZE1.5 - Jd. Botânico	ZEITCA - Interesse Tur. Cult. e Amb.
ZR6	ZC6	ZEIS2	ZE1.6 - AISU	FT - Faixa de Transição
ZR7	ZC7	ZEIS3	ZE2.1 - Casoni	
ZR8				
ZR9				

Fonte: IPPUL (Edição própria)

No mapa acima, nota-se a predominância de zonas residenciais (ZR-1 e ZR-2) ilustrados respectivamente pelas cores rosa e creme, caracterizados como zonas residenciais de baixa densidade. Nas principais vias do bairro Tucanos,

há o modelo de zoneamento comercial ZC-4, que visa a presença de comércio que não demonstre incômodo e atenda a demanda de seu entorno (IPPUL).

Nota-se, também, a ocupação residencial ZR-1 na margem sul do Lago Igapó, em comparação com a margem norte, destacada pela área de lazer pública do lago (representada pela cor verde claro). Assim, percebe-se que a ocupação da margem sul do Lago Igapó é prevista em lei pelo PDPML-2008, representando um formato de ocupação e uso do solo que poderia ser de interesse público em áreas residenciais particulares.

Logo no início da primeira década do milênio, o Lago Igapó passou por um processo de revitalização devido a expansão da cidade na região sul do município. Recém-revitalizado, o lago tornou-se um importante ponto turístico da cidade e uma das principais áreas de lazer do espaço urbano londrinense.

Considerando a articulação teórica da trialética, entende-se que a proximidade da região com o lago compõe o reconhecimento da área de lazer como fator de valorização ou de lucro espacial pela qualificação de ponto turístico ou até de principal cartão-postal da cidade. É importante observar nesta perspectiva o reconhecimento do Lago Igapó – um corpo de água formado pela construção de barragens no Ribeirão Cambé – como um ambiente desejável no espaço urbano.

O lucro espacial, ou lucros de localização, compreende a articulação entre elementos físicos e simbólicos presentes no espaço que, ao serem absorvidos pelas frações de classes dominantes como elementos pertencentes a elas, tornam-se assim em elementos potencializadores de distinção espacial. Os lucros de localização sugerem vantagens na hierarquia social aos agentes que ocupam lugares no espaço físico dotados desta forma de lucro, pois atrelados a ideia de pertencimento e da dinâmica de grupo, os agentes que ocupam tais espaços se favorecem do pertencimento e da proximidade de uma região repleta de elementos lucrativos, além de outros agentes que também partilham deste lucro.

Seguindo a concepção dos lucros espaciais, pode-se inserir como funcionamento da obtenção de lucro o valor simbólico que determinados lugares promovem. Bairros nobres, por exemplo, geralmente carregam a ideia de

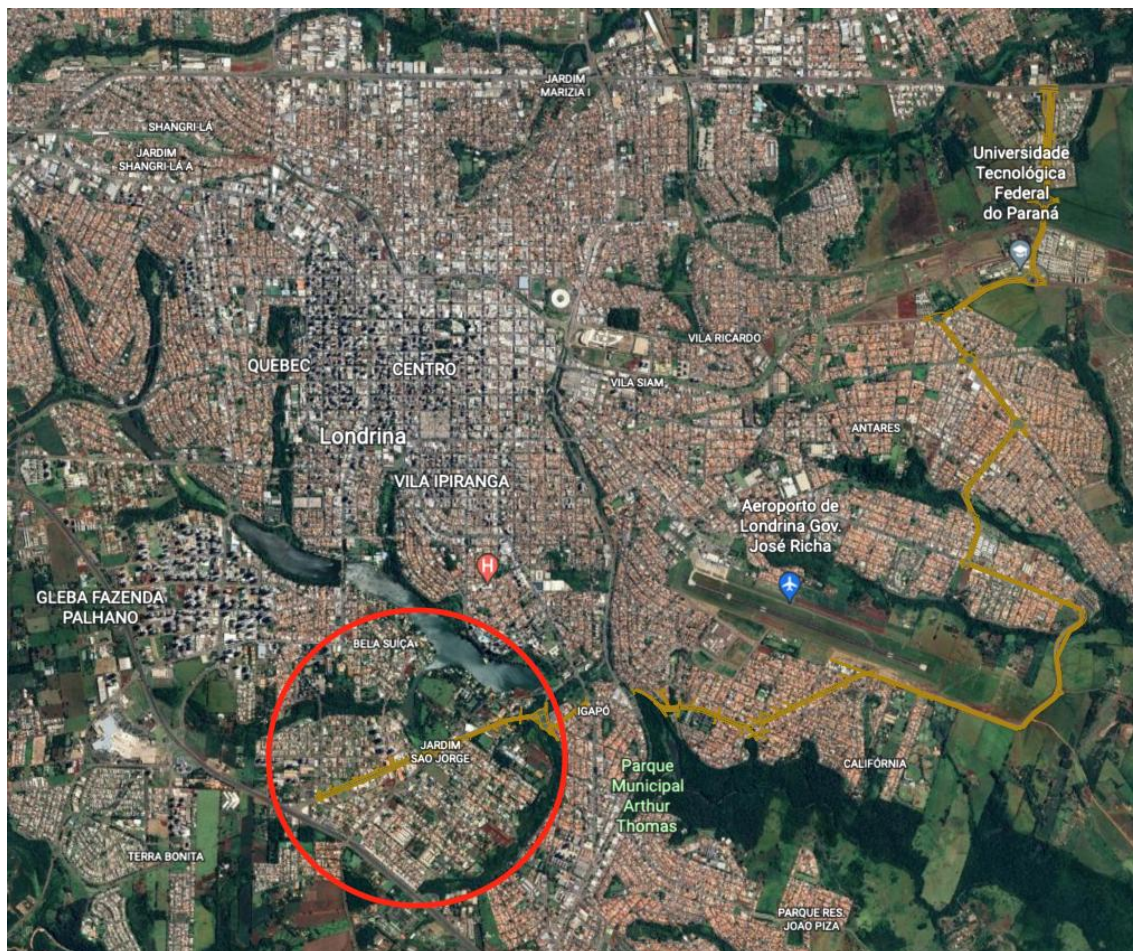
prestígio, *status* ou até tradicionalidade em determinadas cidades. Indo além, a ocupação por outros agentes pertencentes as frações de classes dominantes, bem como o próprio valor das residências fomentam o sentido do lucro de localização. Por fim, tal lucro envolve os elementos que reforçam o sentido de distinção que determinados lugares promovem no espaço urbano.

Brevemente, abre-se comparações, a título de compreensão e se atentando as devidas proporções, com o que ocorre proximidade com as áreas de lazer em Ipanema e Leblon e sua proximidade com as praias e a lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro – RJ, e os bairros no entorno do Parque Ibirapuera, como os Jardins, Vila Nova Conceição e Moema, na cidade de São Paulo – SP. Nestes exemplos, a proximidade com as áreas de lazer ganham sentido na qualificação do espaço enquanto enobrecido, fortalecendo o lucro espacial.

É importante ressaltar que a proximidade com áreas de lazer valorizadas e que fomentam o contato com a natureza não é o único fator de produção de lucro espacial de uma região, entretanto, no caso da Nova Prochet e considerando o reconhecimento do Lago Igapó enquanto importante área de lazer da cidade, sua proximidade é relevante para as ações dos agentes públicos e privados que interferem nas transformações da região.

Considerando a localização espacial da Nova Prochet, é importante destacar ainda o projeto de transformação da infraestrutura viária denominado de Arco-Leste. Tal projeto, iniciado em meados de 2010, propôs ampliar a malha viária do município conectando as zonas sul, leste e norte através da interligação de extensas avenidas, além da construção de novos trechos.

Figura 14 - Mapeamento do trajeto integral do Arco-Leste (região da Nova Prochet destacada em vermelho)



Fonte: Google Maps

O Arco-Leste conecta a rodovia PR-445, na região da Nova Prochet, à BR-369, importante via expressa da região metropolitana de Londrina. Na região da Nova Prochet, o trecho pertencente ao Arco-Leste envolve a Avenida Waldemar Spranger até o cruzamento em rotatória interligando a região ao centro cívico e a Zona Leste da cidade.

Devido a ampliação e a interligação viária proposta pelo Arco-Leste, a região da Nova Prochet se tornou mais movimentada, com aumento do fluxo de circulação de veículos que utilizam suas vias para se locomover até outras regiões da cidade. Sendo assim, após a conclusão do trecho viário do Arco-Leste, a região se viu perdendo a característica pacata e pouco movimentada,

tornando-se, atualmente, pontos de congestionamento e tráfego intenso em horários de pico.

Durante o ano de 2024 iniciou-se a execução da ampliação viária que conectará a Av. Octávio Genta à Av. Waldemar Spranger, interligando a Nova Prochet até a região dos condomínios fechados próximos ao Shopping Catuaí. Assim, Além da ampliação de sua conexão pela infraestrutura viária, possivelmente resultando em um aumento de tráfego, em breve, a Nova Prochet se ligará com outra região ocupada por frações de classes dominantes do espaço urbano.

Figura 15 - Projeto de expansão da Av. Octávio Genta



Fonte: Globo (G1)

Considerando o processo histórico da infraestrutura da região, destacando as ampliações viárias e a revitalização do Lago Igapó, bem como as mudanças nas políticas públicas urbanísticas desde a formação dos bairros, nota-se até a década de 2010 que, tanto o Bela Suíça quanto o Tucanos, estabeleciam-se enquanto bairros tipicamente residenciais, pacatos e com pouco movimento de pessoas. Após as transformações na infraestrutura viária,

a região passou a ser mais movimentada, mas, ao mesmo tempo, com ampla mobilidade e integração com outras áreas da cidade.

Com a ampliação da infraestrutura viária, após a década de 2010, notou-se o aumento de empreendimentos residenciais de alto padrão pelas construtoras em lotes próximos ou imediatos às principais avenidas da região. Nos últimos quatro anos, a região que antes contava com apenas dois edifícios de alto padrão¹¹ (Na Av. Dr. Adhemar Pereira de Barros), agora conta com cerca de nove empreendimentos residenciais, sendo majoritariamente nas três vias principais.

Atualmente, a região da Nova Prochet se destaca pelo movimento de veículos em suas vias principais, ampliadas e alargadas pelas transformações na infraestrutura urbana realizada pelo poder público. A interligação com o Arco-Leste e, no futuro próximo, com a Av. Octávio Genta, que ligará a Nova Prochet com os condomínios fechados horizontais de alto padrão da Zona Sul londrinense, marcam o direcionamento do poder público para o aumento da capacidade viária da região.

Simultaneamente, os empreendimentos imobiliários verticais ganharam força junto ao contexto de revisão do plano diretor vigente desde o ano de 2008. Assim, entende-se a importância de contextualizar e analisar o processo de revisão e promulgação do novo plano diretor da cidade de Londrina. A próxima seção busca dar conta da análise sobre o debate acerca da revisão da Lei de Uso e Ocupação do Solo de 2015, lei complementar ao plano diretor de 2008.

Com a análise do atual contexto das políticas públicas urbanas que alteram a política de zoneamento da região composta pelos dois bairros observados, espera-se compreender, além da base da lei sobre o processo de transformação da Nova Prochet, a atuação do poder público no direcionamento de tais transformações.

¹¹ Ainda na primeira década dos anos 2000, dois edifícios de alto padrão se destacaram na paisagem urbana tipicamente horizontalizada no Bela Suíça, os edifícios PALAZZIO, demonstrando o primeiro sinal da possibilidade de verticalização de luxo da região com edifícios conhecidos comumente como “mansões sobrepostas” pelo mercado imobiliário;

Assim, a próxima seção busca elencar os agentes que participam do atual processo de políticas públicas urbanas, destacando os próprios órgãos públicos, como a Prefeitura Municipal de Londrina (PML) e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL), além de órgãos civis como as associações de moradores. Dessa forma, é importante destacar o atual contexto do processo de transformação no campo político, buscando compreender a relação entre as decisões do poder público em relação ao direcionamento das políticas urbanísticas com, de fato, as transformações físicas que ocorrem no local, destacando a intensa verticalização com empreendimentos de alto padrão.

Por fim, reitera-se a necessidade de aproximar o contexto do processo de transformação nas políticas públicas urbanas da perspectiva bourdieusiana, podendo observar a dinâmica do campo político para destacar como e por quem o processo de decisão sobre o zoneamento do espaço urbano é tomado. A próxima seção introduzirá os principais elementos do processo de transformação das políticas públicas urbanísticas, sobretudo ao processo de atualização da Lei de Uso e Ocupação do Solo.

2.1.3. O Atual Contexto De Transformação Das Políticas Públicas Urbanas: A Promulgação Do Plano Diretor Municipal De Londrina De 2022 E A Nova Lei De Uso E Ocupação Do Solo (LUOS)

Próximo ao fim da vigência do Plano Diretor Municipal de 2008, no ano de 2018, o poder público londrinense iniciou o processo de revisão para o novo Plano Diretor do Município. Porém, levando em conta atrasos no processo e os procedimentos em relação à pandemia da COVID-19, a promulgação do novo Plano Diretor ocorreu somente em 2022, com a lei nº 13.339, de 7 de janeiro de 2022.

Nos princípios fundamentais e objetivos gerais do Plano Diretor Municipal de Londrina de 2022, o Art. 5º destaca o foco na função social da cidade, presente no Estatuto da Cidade (Lei Federal nº10.257 de 2001), além do direito à cidade, perspectiva presente em estudos e análises das políticas públicas urbanas, no item II:

II – Direito à cidade e ao campo com usufruto equitativo de um ambiente digno por todos, considerando as especificidades geracionais de gênero, de etnia e das pessoas com deficiência; (LONDRINA, 2022)

A perspectiva do direito à cidade, altamente difundida na literatura sobre os espaços urbanos no Brasil, é inserido no PDML-2022 fortalecendo a necessidade de um olhar amplo na implementação de políticas públicas urbanas, demonstrando a preocupação do poder público com o acesso ao espaço urbano para todos seus habitantes. Porém, o que se nota é a manutenção da segregação socioespacial. O estudo sobre a Nova Prochet segue como exemplo da aplicação das políticas públicas urbanas como forma de manutenção de espaços distintivos segregadores.

O PDML-2022 estabelece, além das revisões das leis complementares, a revisão sobre o atual limite do perímetro urbano, a política de zoneamento e o incentivo do uso de vazios urbanos. Segundo o Art. 64., há o objetivo das diretrizes do parcelamento e ocupação do solo a fim de controlar a expansão horizontal da cidade, com destaque para o terceiro item:

III – controlar o adensamento de áreas urbanas periféricas condicionando a aprovação de novos loteamentos, de novas atividades e o acréscimo de população à disponibilidade de infraestrutura, de serviços gerais de apoio, priorizando as áreas contíguas à ocupação urbana preexistente para evitar a formação de vazios urbanos; (Londrina, 2022)

Nota-se, assim, a preocupação da cidade com a expansão horizontal e o estímulo ao uso de áreas consideradas vazios urbanos. Dessa forma, destaca-se também o incentivo ao adensamento e, conseqüentemente, o favorecimento da verticalização em áreas com suporte da infraestrutura urbana, ou seja, vias públicas, iluminação, saneamento etc.

A partir da promulgação do novo Plano Diretor, a discussão sobre suas leis complementares se inicia através de estudos técnicos realizados entre a prefeitura e o IPPUL, além de audiências públicas com a apresentação de

cadernos técnicos sobre diferentes temas, também realizados pelo IPPUL. Dessa forma, a expectativa sugere a participação da comunidade: cidadãos, instituições civis, grupos de interesse privado etc.

Dentro da perspectiva da participação da comunidade, há a prerrogativa de grupos de interesse no que diz respeito ao processo de tomadas de decisões para a promulgação das novas leis complementares referentes ao Plano Diretor Municipal. Ou seja, os grupos que participam das audiências públicas podem ou não ter sua participação no processo de elaboração das novas diretrizes das políticas públicas urbanísticas. Porém, é importante destacar o papel do Estado como provedor e mediador do processo de criação políticas públicas urbanas através dos projetos de leis. O papel do Estado em tal processo será aprofundado na próxima seção deste capítulo.

Através das audiências públicas, chega-se nas minutas de leis encaminhadas para o seguimento do processo de tramitação na Câmara Municipal dos Vereadores, para enfim seguir para implementação do Poder Executivo no município. Destaca-se, para a objetividade do presente estudo, o processo de revisão da Lei de Uso e Ocupação de Solo de 2015 (Lei nº12.236), ainda vigente no momento da escrita desta pesquisa.

Durante o ano de 2023, após a apresentação dos cadernos técnicos referentes ao cenário do zoneamento realizados pelo IPPUL, a minuta do projeto de lei para a nova política de uso e ocupação de solo foi encaminhada para a Câmara Municipal de Londrina em 18 de julho de 2023 pelo PL 143/2023, e segue em tramitação¹².

No que se refere a região composta pelos bairros Bela Suíça e Tucanos, em comparação com a Lei de Uso e Ocupação do Solo de 2015, a minuta do P143/2023 propõe a alteração de áreas comerciais e residenciais de baixa densidade, as Zonas Residenciais 1, 2 e 3, nas novas categorias de zoneamento denominadas como Zonas de Uso Misto (ZUM). Em suma, a nova categoria

¹² A tramitação da minuta do PL 143/2023 pode ser acompanhada pelo portal da Câmara Municipal de Londrina, bem como as alterações na proposta. Pode-se também conferir o mapa do zoneamento proposto nos anexos presentes no portal. <https://www1.cml.pr.gov.br/cml/site/projetodetalhe.xhtml?codigoproj=PL001432023&codigo=PL001432023>. Acesso em setembro de 2024.

sugere a possibilidade de uso comercial, residencial e de serviço na mesma região.

Essa modalidade de zoneamento possibilita a construção de estabelecimentos de uso misto, compondo edificações residenciais e comerciais no mesmo lote. Atualmente presente em diversas cidades do mundo, esse tipo de empreendimento promove o adensamento, a verticalização e a redução da mobilidade urbana, pois estimula que os cidadãos morem, trabalhem e consumam no mesmo local.

Com um rápido olhar sobre os exemplos de tal modalidade de empreendimentos, nota-se que, em sua maioria, trata-se de empreendimentos de alto padrão. Na cidade de São Paulo, por exemplo, tais empreendimentos fazem parte do espaço urbano desde o século passado. Como o Edifício Copan, que possui muitos apartamentos residenciais e uma galeria comercial em seu térreo. Atualmente, os chamados “Smart City”, complexos imobiliários de alto padrão, ganham notoriedade no mercado imobiliário e nas grandes cidades brasileiras. O maior deles em construção, o “Parque Global¹³”, também na capital paulista, é um exemplo dessa modalidade de habitação, possuindo *shopping center*, hotel, torres empresariais, hospital e torres residenciais no mesmo empreendimento.

Os complexos imobiliários de uso misto se aproximam das classificações sobre a garantia homogeneização que tais empreendimentos promovem a seus moradores. Assim, por trás de um estilo de vida prático e sem grandes deslocamentos que os complexos imobiliários promovem, entende-se também a garantia da segurança e do distanciamento dos moradores a grupos de classes sociais que são distintos a eles. Ou seja, sob a perspectiva bourdieusiana, essa forma de habitação promove a manutenção de grupos de classes homogêneos delimitados em um “lugar” do espaço físico que garante a distinção.

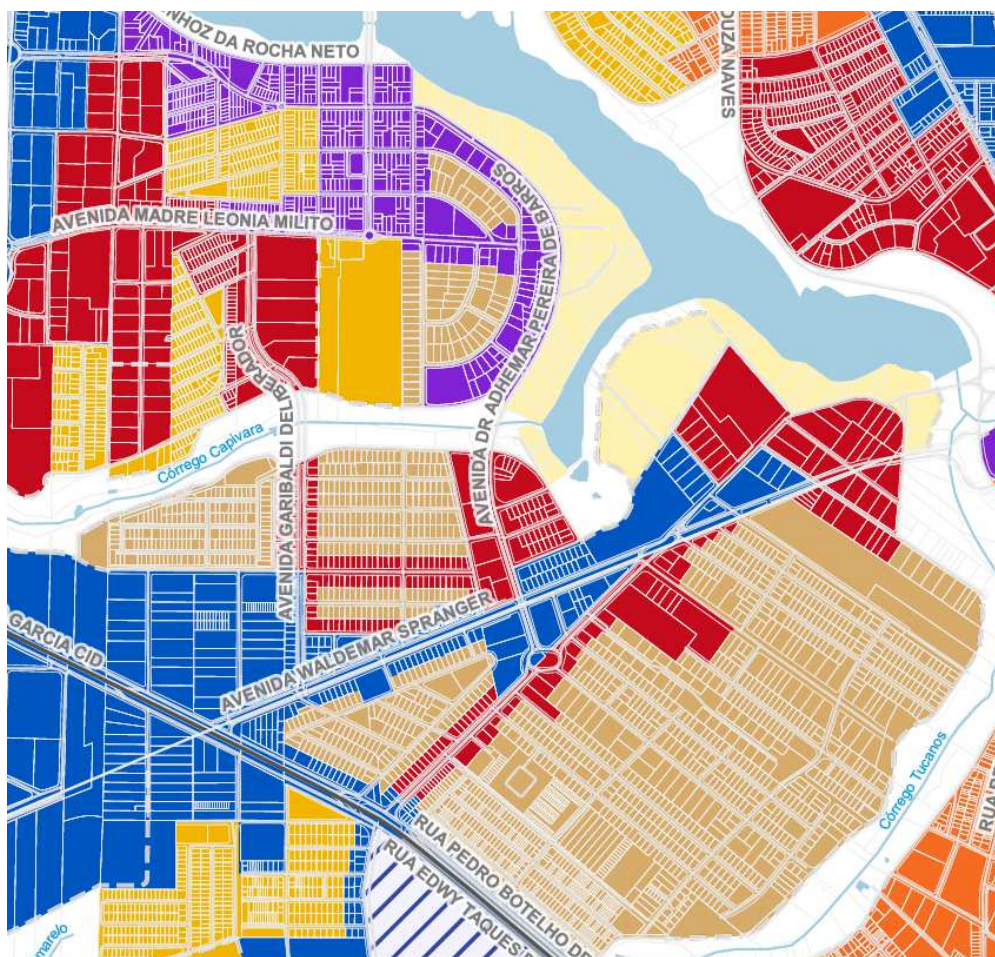
No novo projeto de zoneamento do PL 143/2023 na cidade de Londrina, há o favorecimento da modalidade habitacional dos complexos imobiliários de

¹³ O Parque Global, localizado no bairro Real Parque, na Marginal Pinheiros, em São Paulo, é o maior complexo imobiliário em construção na América Latina, composto por torres residenciais de alto padrão e uma série de edificações de serviços “*premium*”. As informações sobre o empreendimento podem ser encontradas no portal da construtora: (acesso em setembro de 2024)

uso misto em lotes nas principais vias da região. As Zonas de Uso Misto (ZUM) também garantem o adensamento e a verticalização, visto que promovem o uso dos lotes disponíveis para ocupação humana objetivando a concentração de funções e de cidadãos no mesmo espaço.

Na proposta de revisão do uso do solo urbano presente no PL 143/2023, nota-se o incentivo ao adensamento em áreas de infraestrutura urbana existente, demonstrando o foco do “desenvolvimento” urbano em áreas que contam com infraestrutura desenvolvida. Nos bairros que compõem a Nova Prochet, o zoneamento de uso misto se concentra próximo as três principais vias da região.

Figura 16 - Mapa aproximado destacando os bairros Bela Suíça e Tucanos do PL 143/2023 ¹⁴



Fonte: IPPUL

¹⁴ O mapa completo do PL 143/2023 da Lei de Uso e Ocupação do Solo (Substitutivo nº1) pode ser acessado pelo link: <https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/ippul/documentos-finais-leis-especificas/59086-zoneamento-a0-sust-mar-24/file>. Acesso em outubro de 2024;

O mapa acima demonstra o plano de zoneamento que está em tramitação na Câmara dos vereadores de Londrina com o PL 143/2023, ilustrando o mais atual contexto do processo de atualização da Lei de Uso e Ocupação de Solo. Assim, as cores em amarelo escuro e amarelo claro ilustram as áreas que se pretende manter a exclusividade de zonas residenciais de baixa densidade; a cor azul próxima a Av. Waldemar Spranger e a cor roxa próxima a Av. Dr. Adhemar Pereira de Barros ilustram, respectivamente, as zonas comerciais 1 e 2, onde já se encontra o maior número de lojas, farmácias e supermercados; e por fim as áreas em vermelho próximas a Av. Harry Prochet, Av. Waldemar Spranger e Av. Dr. Adhemar Pereira de Barros ilustram as Zonas de Uso Misto (ZUM-2), onde se espera o crescimento de empreendimentos do tipo complexos imobiliários.

Aprofundando o olhar diante dos estudos sobre a atualização da LUOS de 2015 para a atual, pelo PL 143/2023, nota-se que as características de loteamento das Zonas de Uso Misto (ZUM-2) favorecem a construção de empreendimentos verticais. Embora não se tenha notado um limite claro de altura das edificações, o PL sugere que os empreendimentos tenham seus limites de alturas calculados pelo coeficiente do uso do lote, como demonstrado na tabela presente a minuta do PL 143/2023:

Figura 17 – Fragmento da tabela apresentando as características de uso e ocupação das ZUM

Zona de Uso Misto 2 (ZUM-2)																	
USO		OCUPAÇÃO															
Permitidos	Permissíveis	Lote mínimo (m²)	Lote máximo (m²)	Frete mínima (m)	Unidade autônoma mínima/desdobra (m²)	Frete mínima UA/desdobra (m)	Taxa de ocupação máxima (%)		Coeficiente de Aproveitamento (CA)			Gabarito máximo (pav.)	Taxa de Permeabilidade mínima (%)	Recuo mínimo (m)	Afastamento mínimo (m)		
							subsolo, terreno e 1º pav.	demais pav.	mínimo	básico	máximo				lateral	fundos	
RESIDENCIAL	Unifamiliar ou Bifamiliar (RUB)	-	360	25.000	12	180	6	70	70	0,3	1,2	-	-	20	5	1,5	1,5
	Multifamiliar em Condomínio (RMC-RUB)	-	360	25.000	12	-	-	100 (a)	60	0,3	3	5 (b)	-	20	5 (c)	2,5 (c)	5 (c)
NÃO RESIDENCIAL	Multifamiliar vertical (RMV)	-	360	25.000	12	-	-	100 (a)	60	0,3	3	5 (b)	-	20	5 (c)	2,5 (c)	5 (c)
	Multifamiliar em Condomínio (RMC-RMV)	-	360	25.000	12	-	-	100 (a)	60	0,3	3	5 (b)	-	20	5 (c)	2,5 (c)	5 (c)
	Misto (M) CS-a CS-b CS-c CS-d Ind-a	IPP (d)	360	25.000	12	-	-	100 (a)	60	0,3	3	5 (b)	-	20	5 (c)	2,5 (c)	5 (c)

(a) Computado sobre a área livre do terreno, respeitados os recuos, afastamentos e área permeável mínimos exigidos.

(b) Com aplicação da Outorga Onerosa do Direito de Construir.

(c) Acima da altura (H) de 9,00m (nove metros) da edificação, os recuos e afastamentos mínimos deverão ser calculados de acordo com as seguintes fórmulas:

$$\text{Recuo: } R = H/10$$

em que:

R= recuo mínimo em metros

H = altura da edificação em metros

$$\text{Afastamento lateral: } AL = (H/15) + 1,2m$$

em que:

AL = afastamento lateral mínimo em metros

H = altura da edificação em metros

$$\text{Afastamento de fundos: } AF = (H/15) + 3,4m$$

em que:

AF = afastamento de fundos mínimo em metros

H = altura da edificação em metros

(d) Atividade limitada em área máxima utilizada.

Fonte: IPPUL (PL 143/2023)

O cálculo da altura máxima dos edifícios é definido pelo coeficiente de aproveitamento, levando em consideração a distância de recuo entre o edifício e a via pública e as laterais do lote. Leva-se em consideração, também, o tamanho do lote, visto que a maior metragem garante edifícios mais altos. Indo além, nota-se a relevância da Lei de Outorga Onerosa do Direito de Construir, que permite as construtoras que pretendem edificar na cidade o direito de “comprar” maior potencial de construção, ou seja, comprar de lotes vizinhos que não atingiram os limites do potencial construtivo seus direitos de construir ultrapassando os limites definidos pela Lei de Uso e Ocupação do Solo do município.

Por fim, é importante destacar que as informações acerca do potencial construtivo das ZUM-2 presente no PL 143/2023, ainda não estão em vigor, visto que o processo de tramitação do PL ainda ocorre na Câmara dos Vereadores. Atualmente, ainda na vigência da LUOS de 2015, os lançamentos de edifícios de alto padrão que ocorrem no Bela Suíça e Tucanos envolvem a anexação de

lotes residenciais em áreas comerciais, onde a altura das edificações é elevada pelo coeficiente de aproveitamento. Ainda de acordo com a LUOS de 2015, as construtoras, ao possuírem lotes na região, compram, também, o título do direito de construir pela Lei de Outorga Onerosa do Direito de Construir, potencializando ainda mais a altura dos edifícios. Ou seja, pela lei, os atuais edifícios em construção ganham forma pela possibilidade de anexar lotes residenciais em áreas comerciais e pela capacidade de “comprar” potencial construtivo.

A relevância em apresentar as formas de se construir que compõem a minuta do PL 143/2023 é reforçada ao apresentar como a forma de se usar os espaços urbanos, neste caso, os lotes, tanto pelos cidadãos que os adquirem quanto pelas incorporadoras e construtoras que compram lotes cada vez maiores. Dessa forma, nota-se que o uso do espaço urbano é definido em lei e implementado pelo poder público.

Logo, no atual contexto da Nova Prochet, o intenso processo de transformação, acelerado nos últimos anos, ganha mais força com a atualização da Lei de Uso e Ocupação do Solo como lei complementar ao novo Plano Diretor de 2022. Reforçando, assim, a relação entre o Estado e o direcionamento das transformações urbanas como um todo.

Na próxima seção do capítulo, busca-se aprofundar a relação do Estado no processo de requalificação da nobreza no espaço urbano que ocorre através da Nova Prochet, promovendo políticas urbanísticas segregadoras que fortalecem a localização espacial de frações de classes relativamente homogêneas. Para isso, busca-se, também, destacar os agentes que atuam na transformação da região, como a comunidade de moradores e as construtoras, e como se dá essa relação no processo de discussão sobre a atualização da Lei de Uso e Ocupação do Solo pelo PL 143/2023.

Com o destaque na ação dos agentes que atuam no processo de formação da nova LUOS, a próxima seção se aprofunda na perspectiva bourdieusiana ao analisar as transformações físicas do espaço urbano buscando compreender as ações no espaço social. Dessa forma, compreende-se, também, o sentido da retradução do espaço social no físico, visto que o processo

da tomada de decisão do campo político aprofunda a análise sobre as dinâmicas do campo de poder.

É importante enfatizar que a análise do processo de formação da política pública não se configura como único elemento para a compreensão da dinâmica do campo de poder, visto que tal definição compreende elementos da dialética espacial que se debruçam sobre categorias mentais dos agentes e, principalmente, o papel das frações de classes mais altas em se reconhecerem enquanto grupo homogêneo com capacidade – e poder – de nomeação e qualificação dos espaços distintivos urbanos. Sendo assim, o entendimento sobre as dinâmicas do campo político sugere compreendê-lo como uma das formas de ação dos agentes nas disputas do campo de poder.

2.2 O ESTADO ENQUANTO AGENTE PROMOTOR DE POLÍTICAS URBANAS SEGREGADORAS: AS DISPUTAS DE POSIÇÕES DOS AGENTES NO ESPAÇO SOCIAL

A pesquisa buscou até aqui destacar os principais elementos do processo histórico das transformações das políticas públicas e da infraestrutura urbana de Londrina. Além disso, buscou-se enfatizar as transformações dos espaços distintivos da cidade, do centro da cidade até a Gleba Palhano e os condomínios fechados no entorno do Shopping Catuaí, e atualmente, a Nova Prochet surgindo como uma novidade do mercado imobiliário londrinense.

Nesse processo, entende-se que cada espaço distintivo é reconhecido de tal forma devido aos elementos específicos de cada região. É no reconhecimento destes elementos que se observa o *habitus* de classe e o estilo de vida das frações de classes dominantes, que reconhecem nos espaços distintivos o seu “lugar” no espaço urbano. Ou seja, nos espaços distintivos estão diretamente sobrepostas as dinâmicas do espaço social e das posições de seus agentes referentes.

É a partir do reconhecimento dos agentes enquanto grupos de classes que se fortalece a noção de frações de classes, onde os agentes pertencentes

as frações de classes dominantes disputam pelas posições mais altas da região dominante do espaço social a fim da manutenção do reconhecimento enquanto grupo. São essas posições que garantem o exercício do poder de qualificação e nomeação da realidade, estruturando tanto as categorias cognitivas que interpretam o espaço urbano como as próprias estruturas sociais que as estruturam.

Assim, os espaços distintivos enobrecidos trazem elementos que se conectam com o que é reconhecido como enobrecido e se tornam espaços físicos desejáveis pelos bens posicionais. Dessa forma, tais espaços, ao serem qualificados enquanto enobrecidos, se tornam distintivos em relação aos espaços tipicamente ocupados pelas frações de classes dominadas. Na infraestrutura, por exemplo, destacam-se elementos arquitetônicos, áreas verdes, qualidade dos aparelhos urbanos e até a arborização da via pública como elementos que distinguem determinadas regiões de outras.

Na dinâmica do campo do poder, exercitado no campo político, as decisões sobre as políticas públicas que direcionam as transformações urbanas, tornam-nas meios de produzir a distinção socioespacial. No caso da Nova Prochet, o que se observa no processo histórico das políticas públicas é o direcionamento da infraestrutura urbana faz parte do processo de requalificação da nobreza urbana. Dessa forma, as transformações ocorridas no espaço físico, atrelados ao contexto da política de zoneamento urbano, demonstram o interesse do poder público em fortalecer a região da Nova Prochet enquanto espaço direcionado as frações de classes dominantes.

No processo de discussão acerca da atualização da política de zoneamento pela LUOS, apresentada anteriormente, nota-se a ação de agentes que buscam se inserir no processo de formação da nova lei. As ações dos agentes se apresentam tanto na forma da representação, por meio de grupo interno de moradores, por exemplo, quanto por meio dos Estudos de Impacto de Vizinhança (EIV).

Essas ações foram observadas e coletadas através dos relatórios das audiências públicas realizadas pelo IPPUL¹⁵ acerca da discussão em relação a atualização das leis complementares ao novo PDML-2022, realizadas em outubro de 2022, com o convite ampliado a todos os moradores da cidade de Londrina.

Figura 18 - Chamada para audiência pública realizada pelo IPPUL acerca da nova LUOS



Fonte: IPPUL (3º Relatório de Audiência Pública sobre a LUOS)

Ao analisar o relatório a respeito da audiência pública sobre a revisão da LUOS que resultou na formação do PL 143/2023 enfatizando as alterações de zoneamento na região da Nova Prochet, destacam-se três elementos: o primeiro,

¹⁵ O relatório referente as audiências públicas acerca da revisão da LUOS e os cadernos técnicos a respeito da minuta de lei está disponível no portal do IPPUL através do link: <https://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/plano-diretor-2018-2028/revisao-das-leis-especificas-documentos-consolidados.html>. Acesso em outubro de 2024;

a representação da associação de moradores do Bela Suíça ao expressar o pedido de revisão para garantir a manutenção do zoneamento tipicamente residencial da região, não permitindo a construção de edifícios altos; o segundo se refere ao Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) solicitado por outro grupo de moradores do Bela Suíça, acerca da duplicação da Av. Madre Leônia entre o cruzamento da Av. Higienópolis até a Av. Dr. Adhemar Pereira de Barros para a readequação do zoneamento passando de exclusivamente residencial para comercial, alegando a possibilidade de valorização da região; e o terceiro elemento é referente ao próprio direcionamento decidido pela formação do PL 143/2023 que apresenta o novo zoneamento possibilitando as alterações da exclusividade das zonas residenciais, passando para zonas comerciais e, principalmente, de uso misto.

O primeiro elemento observado demonstra a relação dos moradores tradicionais das mansões do Bela Suíça a respeito das alterações do zoneamento. Tais moradores acompanharam nos últimos quatro anos a intensificação do processo de verticalização residencial de alto padrão no bairro. A opinião dos antigos moradores é vista em matérias jornalísticas a respeito da intensificação das mudanças no bairro tipicamente pacato e seguro. Como exemplo, apresenta-se o trecho da reportagem “Mudança de zoneamento do bairro Bela Suíça causa polêmica”, do Portal i24:

Moradores de um dos bairros mais nobres de Londrina estão vivendo um impasse com a possibilidade da mudança de regras de zoneamento da região, localizada em um ponto que antigamente era afastado, mas hoje em dia está localizado em uma das áreas mais centrais da cidade. O tema é polêmico já que parte dos moradores são contrários, enquanto outros são a favor das mudanças e conseqüentemente com a urbanização do bairro, tido hoje como uma “meca” de mansões espetaculares, além de câmeras de segurança espalhadas pelas ruas. (Portal i24, 2022)

O trecho acima enfatiza a característica do bairro enquanto a sua concentração de mansões, o rigoroso sistema de segurança, e ressalta a característica de conexão às áreas centrais adquiridas no processo histórico do

desenvolvimento urbano, além do atual momento de divisão entre os antigos moradores a respeito da atualização da política de zoneamento.

A reportagem “Prédios de luxo supervalorizam Bela Suíça, o novo endereço da elite de Londrina”, também do Portal i24, apresenta os lançamentos imobiliários como a nova promessa de empreendimentos luxuosos.

O Bela Suíça, que por muitos anos foi um bairro essencialmente horizontal, com mansões da elite mais antiga da cidade, agora experimenta a verticalização massiva, a exemplo do que aconteceu na Gleba Palhano entre 2005 e 2015. A diferença é que, se a Gleba foi construída para ser um bairro classe média, o Bela Suíça converte para se tornar o novo endereço ‘queridinho’ dos mais ricos de Londrina, com torres espetaculares que oferecem vista infinita do Lago Igapó, em apartamentos com 3 e 4 suítes. (Portal i24, 2022)

No trecho destacado, nota-se como “tradicionalidade” do bairro Bela Suíça as suas mansões e a pouca presença de prédios. Apresenta-se, também, a relação do processo de verticalização ocorrida na Gleba Palhano, destacando o direcionamento de sua ocupação pela “classe média”. O que difere do atual processo que ocorre na região da Nova Prochet, onde as unidades não saem por menos de 1 milhão de reais, de acordo com a reportagem.

Destaca-se, também, a “vista infinita” como elemento de qualificação para a compra dos imóveis. Nesse caso, a “vista infinita”, ou a vista permanente para o Lago Igapó que considera a posição do edifício na região, onde se busca garantir que a vista para o lago não será obstruída por outro edifício. Assim, a vista permanente se apresenta como um elemento de luxo e valorização espacial.

Por fim, na reportagem “Jardim Bela Suíça ganha prédio comercial com 14 andares”, publicado pela Folha de Londrina em 2024 em parceria com o Grupo Galmo, construtora responsável pela Torre Firenze, o primeiro edifício de escritórios da região, destaca-se a mobilidade urbana como elemento de valorização.

Um dos diferenciais do jardim Bela Suíça é a mobilidade urbana, que permite escoamento do trânsito por vias rápidas por meio das avenidas Waldemar Spranger e Adhemar de Barros e da Rodovia PR445, com acessos facilitados para o aeroporto, universidades, shoppings e Gleba Palhano. (Com informações da assessoria de imprensa do Grupo Galmo). (Folha de Londrina, 2024)

As transformações na infraestrutura viária da região, principalmente a ampliação e duplicação das principais vias, fortalecem a intensificação da verticalização pelo mercado imobiliário. Assim, relacionando a ampliação das principais vias com a proposta de Zonas de Uso Misto presente no PL 143/2023 acerca da nova LUOS, espera-se que, devido ao coeficiente de aproveitamento dos lotes disponíveis para construção às margens das vias principais, o processo de verticalização se intensifique ainda mais, ao levar em consideração que, com maiores lotes presentes em vias de grande capacidade de tráfego, pode-se construir edificações mais altas.

Dessa forma, ressalta-se o atual contexto de transformação urbana na região, reforçado pela repercussão midiática tanto em relação a polêmica divisão de opiniões entre os antigos moradores e o reforço da renovação do mercado de luxo imobiliário.

Ao observar a cobertura jornalística a respeito do cenário de requalificação da nobreza urbana na Nova Prochet, questiona-se de que forma os agentes envolvidos na formação das políticas públicas urbanísticas se organizam e agem acerca das alterações da política de zoneamento. O que se percebe é a ação pela representação dos interesses dos grupos envolvidos, sobretudo no Bela Suíça.

A Associação dos Proprietários e Moradores do Bela Suíça, no ano de 2022, solicitou junto ao IPPUL a manutenção do zoneamento residencial 1, não inserindo empreendimentos comerciais ou edifícios residenciais de grande densidade.

Figura 19 – Fragmento da tabela com pedidos e propostas coletados em audiências sobre a LUOS pelo IPPUL

 Oficina de Qualificação 10 - LUOS 64							
Pedidos pontuais de zoneamento e propostas recebidas no IPPUL após a Oficina do dia 29/04/2022 – Em análise							
Ordem	Proponente	Processo	Data da Solicitação	Local	Zoneamento Vigente	Zoneamento Solicitado	Síntese da solicitação
1	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Avenida Augusto Severo	ZR-2	ZR-3/ZR-4/ZC-6	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua Newton Braga / Rua Raja Gabaglia/Rua Michigan / Avenida Paul Harris (lado par - Face Oeste)	ZR-2	ZC-6	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Avenida Aminthas de Barros (entre Meyer e Paranaguá)	ZR-4	ZC-6	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua Nepal	ZR-4	ZR-3/ZR-4/ZC-6	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua João XXIII	ZR-2	ZR-3/ZR-4	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua Fernando de Noronha (Idem 47)	ZR-2	ZR-4	Igualar zoneamento nas duas faces
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	10/2/2020	Rua Heinz Persuhn	ZR-2	ZC-6	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua Professor João Candito (entre JK e Goiás)	ZR-4/ZC-1	ZR-4/ZC-1	Igualar zoneamento nas duas faces
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua Alagoas (entre Belo Horizonte e Paranaguá)	ZR-2	ZR-4	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais. Número de ordem 44 propôs ZC
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Avenida Dr. Adhemar Pereira de Barros	ZR-1	ZRC	Não especificado. Uso residencial restritivo.
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Vila Brasil / Rua Castro Alves	ZR-2	ZR-4	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua Paris (trecho UNOPAR)	ZR-3	ZC (qualquer)	Considerar a Vocação comercial
	SINCL - Sind. dos Corretores de Imóveis	Ofício	29/4/2022	Rua Bélgica	ZR-2	ZC (qualquer)	Restrições da ZR-2 quanto a ocupação para fins comerciais. Número de ordem 44 propôs ZC
2	SINDUSCON- PARANÁ NORTE	Ofício	28/04/2022	Proposta de Zoneamento em geral (Zonas, parametros etc)	-	-	Apresenta proposta de unificação de zoneamentos, através de mapas e tabelas elaborados por profissionais do sindicato.
3	Associação dos Proprietários e Moradores do Jardim Bela Suíça	Ofício	29/04/2022	Zoneamento do Bairro Jardim Bela Suíça	ZR-1	Manter o atual	Apresenta oposição a futuras alterações de zoneamento que possam ocorrer no Bela Suíça a fim de manter sua origem histórica e natureza jurídica.
4	ADAMA	Ofício	13/05/2022	Zoneamento industrial - preocupação com a primeira versão da nova LUOS, que altera o zoneamento da área de sua planta em Londrina de ZI-4 para ZI-1.	ZI-4	ZI-4	Manter Zoneamento atual

Fonte: IPPUL (3º Relatório de Audiência Pública sobre a LUOS)

Destacado na cor azul, no item 3, a associação solicita a manutenção da atual política de zoneamento sob a alegação do interesse em manter características históricas e de “natureza jurídica” (IPPUL). Na reportagem “Prédios altos no Bela Suíça, Moradores do Jd. Bela Suíça questionam autorização para construções altas no bairro¹⁶” realizada pela TV RPC, afiliada da Rede Globo no Paraná, demonstra a opinião de alguns moradores que reforçam a desnecessidade de verticalizar e adensar áreas tipicamente de baixa densidade.

Ainda na ação da associação dos moradores referente ao processo de formação da nova LUOS, as solicitações aceitas pelo IPPUL foram respondidas e registradas no relatório das audiências públicas destacados no trecho abaixo.

¹⁶ A reportagem está disponível integralmente pela Rede Globo, com relato de moradores e de agentes públicos a respeito do processo de verticalização que ocorre na região que compõe a Nova Prochet. Disponível através do link: <https://globoplay.globo.com/v/7618415/>. Acesso em outubro de 2024;

Figura 20 - Fragmento do relatório nº3 da audiência pública da nova LUOS

c) Moradores do Jardim Bela Suíça

- *Importância da participação dos cidadãos em temas que devem ser realizados por uma análise conjunta;*
- *Solicita alteração em relação a nomenclatura e tipo de zoneamento, a proposta de Zona de Uso Misto está sendo para a cidade inteira indiscriminadamente, solicita a nomenclatura da lei vigente;*
- *Manter o uso estritamente para uso residencial, o bairro já possui serviços nas vias vicinais e não precisa levar essas atividades para o interior do bairro;*
- *Não querem que a Av. Madre Leônia seja duplicada, isso só seria possível se tivesse a ponte sobre o lago igapó, deve ser avaliada a viabilidade dos problemas ambientais;*
- *A resposta de indeferimento não esta sendo aceita para a comunidade, que entende que a duplicação altera o zoneamento, aguardando a resposta do EIV protocolado no IPPUL.*

Considerações do IPPUL:

- *A duplicação da via não está na esfera do IPPUL, já foi aprovada em Lei e não foi executada;*
- *Na análise de ocupação do Solo foi realizado um recorte histórico desde a lei de 1984 (40 anos) e analisado a ZR1 nunca foi uma zona estritamente residencial, havia usos de serviços com ruídos, clínicas médicas, igrejas, bares, entre outros;*
- *Nossa proposta (ZR1) tem a destinação mista do imóvel, sendo o residencial e o comercial voltado principalmente para o uso de escritórios, já permitido desde 1984;*
- *Foi realizada uma revisão completa na modalidade de usos da ZR1, não há demanda de empreendedores para consolidação nestas áreas e por isso foi retirado da modalidade de usos industriais e CNAES permitidos anteriormente.*

Fonte: IPPUL (3º Relatório de Audiência Pública sobre a LUOS)

A resposta dada pelo IPPUL referente as solicitações afirmam a continuidade da duplicação da Av. Madre Leônia, bem como a alegação de que as Zonas Residenciais 1 nunca foram estritamente residenciais, se referindo ao processo de anexação de lotes residenciais por áreas comerciais que justificam a construção dos empreendimentos atuais do bairro. Assim, esse grupo de moradores busca defender, no campo político, seu interesse em manter o estilo de vida e as características tradicionais do bairro, porém o poder público coordena, através das leis, o direcionamento que a região está tomando.

O fragmento presente na figura 20 exemplifica uma das formas que o IPPUL, representando o poder público, responde aos questionamentos dos moradores. Tal resposta demonstra o exercício do poder de nomeação do espaço pelo Estado. Os antigos moradores, ao buscarem pela manutenção da política urbanística atual, não conseguiram manter seus interesses diante da qualificação da região que agora compõe a Nova Prochet, sendo assim, tornam-se fração dominada da classe dominante, pois o Estado enquanto agente decisor

sobre o espaço urbano decide, tomando conhecimento da disputa entre antigos e novos moradores, pela mudança da política de zoneamento, favorecendo a transformação na infraestrutura e na ocupação da região.

Em contrapartida, o segundo elemento observado se aprofunda na divisão de opiniões dos moradores das tradicionais mansões do Bela Suíça, evidenciado pela cobertura jornalística sobre a “polêmica” mudança na política de zoneamento. Ainda no ano de 2022, um Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) foi solicitado por um grupo de moradores do bairro Bela Suíça acerca da duplicação da Av. Madre Leônia, conectando diretamente a região tipicamente comercial da Gleba Palhano com a Av. Adhemar Pereira de Barros. Segundo a reportagem divulgada pela Folha de Londrina, “Mudança de zoneamento divide opinião de moradores do Bela Suíça”, também publicada em 2022, o EIV demonstrou mais benefícios para a região do que malefícios.

O relatório ressalta os lados que seriam positivos para o bairro, como "a valorização imobiliária, diversificação de serviços, criação de empregos diretos e indiretos e manutenção da área de preservação permanente, já que os empreendimentos que serão ali instalados tendem a prezar por áreas verdes e de recreação no seu entorno". (Folha de Londrina, 2022)

O EIV¹⁷ realizado reforça como benefício a valorização imobiliária, tratando o processo de verticalização atrelado a ampliação viária, bem como o aumento de loteamentos comerciais e de uso misto, como formas de agregar valor aos imóveis e terrenos da região. O que se nota é a disputas de perspectivas dos moradores do Bela Suíça referente as transformações no cenário das políticas públicas urbanas. Sendo assim, é uma disputa pelo espaço físico no espaço social, onde o “ringue” dessa disputa é o campo de poder, visto que o que está em jogo não é só o valor dos imóveis ou o fim da privacidade das

¹⁷ Embora existam várias reportagens tanto em portais digitais quanto em canais de televisão que mencionam o EIV solicitado pelo grupo de moradores, não foi encontrado nos portais do poder público municipal a identificação ou o texto completo referente ao EIV mencionado em tais reportagens. Foi solicitado aos portais de notícias o EIV mencionado, mas sem obtenção de resposta;

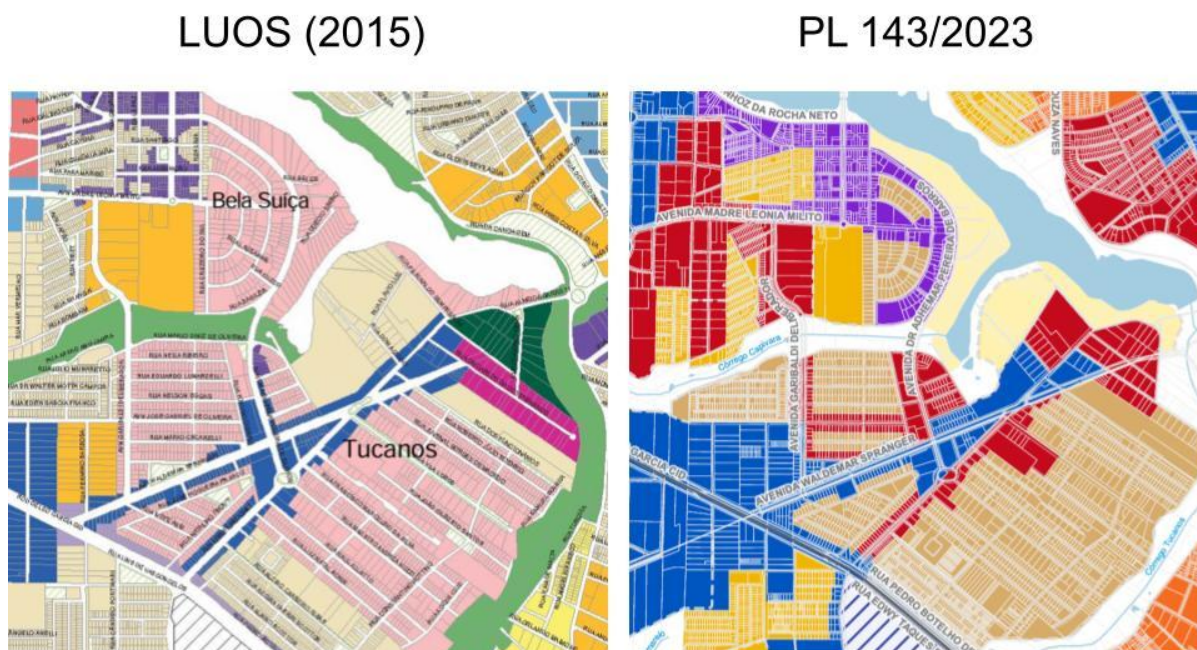
mansões promovido pela construção de altos edifícios, mas sim, a disputa pela qualificação e pela nomeação da região. A Nova Prochet surge como uma nova percepção sobre os bairros Bela Suíça e Tucanos.

Por fim, há o terceiro elemento a ser destacado ao observar as ações dos agentes no campo político, sendo, de fato, a tomada de decisão do poder público diante do impasse envolvendo a divisão de opiniões entre os antigos moradores da região da Nova Prochet.

Considerando o processo de formação do PL 143/2023, sendo a proposta de renovação da LUOS de 2015 para a atualização da política de zoneamento dos bairros Bela Suíça e Tucanos, tal projeto de lei apresenta o direcionamento que o poder público tomou como decisão. Ou seja, embora a formação do projeto de lei seja composta por audiências públicas que buscaram ouvir as solicitações dos moradores de Londrina, a tomada de decisão sobre o que será feito na atualização das leis é do poder público, visto que o Estado tem o poder de nomeação. Assim, destaca-se o IPPUL enquanto órgão público, a Prefeitura Municipal de Londrina e a Câmara Municipal de Londrina.

Como apresentado na seção anterior do presente capítulo, o PL 143/2023 ilustra com seu mapa anexado a nova configuração que representa a tomada de decisão, no campo político, do poder público referente a Lei de Uso e Ocupação do Solo. Dessa forma, embora a disputa envolvendo os moradores do Bela Suíça sobre o futuro do bairro tenha ganhado notável repercussão midiática entre o ano de 2022 e 2023, a decisão do poder público favorece o avanço do processo de verticalização e adensamento.

Figura 21 - Comparativo entre a LUOS de 2015 e a do PL 143/2023



Fonte: IPPUL (Edição própria)

A LUOS de 2015 representava, nas cores rosa e bege, os lotes tipicamente residenciais de baixa densidade, enquanto os lotes na cor azul escuro representavam áreas comerciais. Já o PL 143/2023 altera a política de zoneamento, mantendo, na cor amarela, lotes residenciais de baixa densidade, porém inserindo em vermelho as áreas que permitirão a verticalização e o adensamento com as Zonas de Uso Misto (ZUM-2). Além das áreas comerciais próximas a Av. Waldemar Spranger e Av. Harry Prochet, o PL altera o entorno da Av. Adhemar Pereira de Barros para zona comercial e de serviço, destacado pela cor roxa.

Por fim, a alteração solicitada pelo grupo de moradores acerca do prolongamento e duplicação da Av. Madre Leônia foi aceita, demonstrada no mapa do PL 143/2023 pela presença de lotes que antes eram residenciais e agora passam a ser comerciais e de serviço, também na cor roxa.

O que se nota é a projeção do poder público para o adensamento e a verticalização da região que compõe a Nova Prochet. Além das transformações de áreas antes restritamente residenciais em áreas de uso misto. Ao observar o

mapa proposto para a nova LUOS, percebe-se a favorabilidade da área se tornar um subcentro da Zona Sul londrinense, composto por edifícios residenciais, comerciais e de serviços. Atrelado às alterações na infraestrutura, a região comporta, segundo o PL 143/2023, maior movimentação de cidadãos e veículos.

Nesse sentido, ao analisar o processo de atualização da LUOS e suas disputas de poder, o Estado funciona tanto enquanto operador da tomada de decisão, quanto promotor da lei que garante as transformações do espaço urbano. Embora o Estado aparente ser um “mediador” do processo de tomada de decisões, na verdade ele é o principal operador social das operações sociais de nomeação, visto que ele tem o poder de produzir, impor e inculcar a representação legítima do mundo social. A alteração do zoneamento da região da Nova Prochet põe em prática o poder do Estado em atualizar políticas urbanas segregadoras, pois mesmo considerando o processo de disputa entre os antigos moradores para a manutenção do zoneamento tradicional do bairro, a alteração também reforça a requalificação da nobreza urbana.

Com o Estado promovendo a atualização das políticas urbanas segregadoras, a fração de classes altas que antes se reconhecia pela característica de pacatez, segurança e privacidade se vê diante de um processo de atualização de tais características por outras, sendo estas garantidas pelo Estado e defendidas por parte do grupo. Ou seja, no campo de poder, a requalificação urbana também aparece como resposta à disputa de posições no espaço social.

Tais disputas inserem a dinâmica da fração de classe dominante presente na região que compõe a Nova Prochet diante do processo observado pela perspectiva de sobreposição da dialética espacial entre os espaços social, físico e simbólico. Assim, a requalificação da nobreza urbana escancara a necessidade de renovação e atualização do estilo de vida e da qualificação do espaço físico mesmo nas frações de classes dominantes.

Dessa forma, os antigos moradores se veem em meio a uma atualização do que caracteriza a região enquanto nobre. É importante ressaltar que, ao se tratar de uma região ocupada desde sua formação pelas frações de classes mais altas, o impasse presente nas disputas do espaço social sobre as propriedades

distintivas não altera a principal delas: a de bairro nobre. Sendo assim, o que se observa são as alterações das características que configuram tal nobreza no espaço urbano.

O Estado, inserido nesse processo pela legislação pública e, mais especificamente, pelo direcionamento da política de zoneamento apresentada neste capítulo, tem relevante capacidade de promover a localização espacial de classes relativamente homogêneas na medida em que desenvolve a atualização de políticas urbanas segregadoras.

Ao observar o processo de transformação da política urbana londrinense, destacando suas disputas entre grupos de interesse de frações de classes semelhantes, nota-se que as propriedades distintivas se atualizam, ou seja, os elementos físicos e simbólicos de qualificação espacial são renovados a partir das dinâmicas de disputas presentes no espaço social e retraduzidas no espaço físico.

As propriedades distintivas compreendidas por parte dos antigos moradores, como a tranquilidade, a pacatez e a privacidade, garantidos pela política pública urbana de acordo com o uso e ocupação do solo da região, tipicamente residencial, se atualizam. Assim, o processo de atualização das propriedades distintivas apresenta o estilo de vida urbano, a sofisticação de edificações modernas e tecnológicas, a presença de serviços urbanos, áreas comerciais e de escritórios, representando a perda da característica de pacatez. Tal atualização é reforçada pelo Estado ao promover a nova política de zoneamento, garantindo a requalificação da nobreza da Nova Prochet.

No próximo capítulo, busca-se se aprofundar no sentido simbólico presente no processo de requalificação da nobreza urbana, analisando, nas propriedades distintivas, as características de reconhecimento presente no habitus das frações de classes dominantes que ocupam e consomem a Nova Prochet. Assim, busca-se, também, destacar o papel das construtoras que constroem atualmente mais de nove torres de altíssimo padrão na região, contemplando em seus empreendimentos e materiais publicitários o reforço das novas propriedades distintivas no espaço urbano.

3. ESPAÇO SIMBÓLICO E ESPAÇO DE PONTOS DE VISTAS

O terceiro e último capítulo desta dissertação busca realizar uma análise mais aprofundada acerca do que se considera um importante norteador, tanto do cenário atual da Nova Prochet, quanto do que se pode esperar para os próximos anos: o papel das construtoras na inserção de novas formas de caracterizar e distinguir o bairro do restante da cidade. De certa forma, o capítulo busca compreender de que forma a Nova Prochet se configura enquanto bairro, quem a adjectiva e como ela é apresentada enquanto espaço a ser consumido.

O capítulo pretende trabalhar as concepções bourdieusianas de *habitus*, *habitus* de classe e gosto de classe, além da articulação com os sentidos simbólicos da fabricação de grupos sociais relativamente homogêneos, aprofundando a análise acerca do poder simbólico que promove as novas propriedades distintivas da Nova Prochet.

Para isso, busca-se trabalhar a percepção de disputa por posições no espaço social entre os antigos e novos moradores através de materiais jornalísticos acerca das transformações potencializadas pelo processo de verticalização e adensamento nos bairros. Nesse sentido, trabalha-se a qualificação das propriedades distintivas no contexto de “antes”, considerando a percepção de antigos moradores sobre as características de bairro pacato, seguro, sem problemas urbanos em relação ao contexto do “agora”, que considera o acelerado processo de verticalização, a promoção de novos empreendimentos pelas construtoras e como estes são divulgados. Assim apresenta-se uma atualização das propriedades distintivas com novos elementos, como a sofisticação, a exclusividade, o estilo de vida urbano e o contato com a natureza.

Nota-se, antes de aprofundar o tema, que não se busca colocar o papel das construtoras como único potencializador de definição de distinções do bairro, mas o mais acessível, visto que por se tratar de um material de vendas e publicidade sua perspectiva sobre o bairro é amplamente divulgada e em busca, justamente, do reconhecimento dos possíveis novos moradores. Esse é um importante fator de análise para a pesquisa: como a Nova Prochet é reconhecida

pelo seu “público-alvo” e quem é esse público. De certa forma, a escolha em relação à análise acerca das construtoras se atenta à forma de comunicação, as características arquitetônicas dos empreendimentos e a forma de acesso à essas moradias.

O capítulo busca inserir a forma com que os agentes imobiliários, corretores, apresentam as características dos empreendimentos e, principalmente, da região, como localização, a proximidade dos aparelhos urbanos e de áreas de interesse. Para isso, considera-se a análise de conteúdo proveniente do contato direto com estes agentes, ou seja, ouvi-los acerca da “venda” da região e dos imóveis se atentando as características físicas e simbólicas apresentadas por eles. Assim, busca-se aprofundar a concepção da “boa localização” presente nos lucros de localização, além de possíveis elementos que reforçam as propriedades distintivas da região. Sintetizado por Louback Lopes,

[...]os intermediários culturais seriam um grupo de definidores de gosto e influenciadores de demandas, pertencentes a uma nova burguesia, cujo trabalho integrava uma economia calcada na produção de gostos de consumo. Para o autor, a ênfase está em como a estratificação social é reproduzida e legitimada pela noção de gosto, lógica esta operada pelo trabalho desses intermediários culturais, cujo capital profissional está, para tanto, na reprodução de seus próprios modos de vida, os quais são fornecidos por sua classe social conquanto sejam internalizados como hábito. (Louback Lopes, 2021, p. 215)

Os intermediadores culturais são responsáveis por apresentar bens simbólicos (como conceitos de arte, literatura etc.) ao público, porém não se restringe unicamente a conceitos ligados a “cultura” no sentido estrito, mas bens simbólicos ligados a elementos de gosto de classe, como costumes, postura, linguagem e o abarca as noções introduzidas e reproduzidas pelas frações de classes dominantes. Ao trazer as concepções sobre intermediadores culturais para o espaço urbano, os bens simbólicos são também bens posicionais, tanto no espaço físico quanto no simbólico e social. Os intermediadores culturais acabam exercendo uma conexão entre os bens posicionais, sendo os empreendimentos de alto padrão no caso da Nova Prochet, e elementos de

habitus e de gosto de classe, que dão sentido ao estilo de vida reforçado pelas construtoras. Atualmente, a relação dos intermediadores culturais é marcada pela relação mercadológica, sendo o espaço físico um produto a ser consumido.

[...] intermediários culturais passam a ser compreendidos como atores de mercado, que constroem valor a partir da mediação entre os bens simbólicos e as pessoas. Em outras palavras, são profissionais que ocupam um lugar privilegiado de articulador entre a esfera cultural e as outras esferas da vida urbana, a partir da elaboração e da reelaboração de significados que permitam o diálogo entre criadores e mercado, entre as criações artísticas e as demandas de consumo cultural da sociedade contemporânea. (Loback Lopes, 2021, p. 216)

Ainda sobre a decisão de analisar o material proposto pelas construtoras, reafirma-se que o objetivo é compreender o caminho que se espera do ideal de desenvolvimento de um bairro que passa por um processo intenso de transformação. Essa intensidade é um elemento que a pesquisa busca compreender.

Antes de se aprofundar no material coletado, torna-se necessário fazer algumas considerações acerca do fazer sociológico, no sentido de realização prática da pesquisa em Sociologia inserindo o pesquisador, assim como seu objeto, fala de algum lugar. Aqui, o lugar é definido dentro das concepções bourdieusianas de posição dentro do espaço social. Nessa pesquisa o pesquisador não ocupa um lugar no espaço social possível de ser inserido dentro do que o seu objeto comporta, ou seja, o objeto de pesquisa não é acessível por ele. Em outras palavras, o pesquisador, enquanto agente que têm em sua vivência fatores específicos que remetem as classes mais baixas das hierarquias sociais não pertence as frações de classes dominantes que compõe seu objeto de pesquisa: os moradores e os futuros moradores da Nova Prochet.

Esse fator foi considerado para ser inserido no terceiro capítulo, pois foi vivenciado pelo pesquisador no momento de coleta de dados e nas visitas às construtoras. Tal vivência insere no pesquisador, ocupante de determinada baixa posição no espaço social, o lembrete do não-pertencimento nas posições mais altas do espaço social. Esse lembrete é presente em detalhes sutis como a

nomeação que se dá a determinados elementos arquitetônicos, a apresentação de escolhas e decisões de *design* e *layout* da marcenaria e dos acabamentos e até da posição dos apartamentos para garantir a melhor luz do pôr-do-sol. Tais pontos de vista eram até então desconhecidos pelo pesquisador.

Embora seja uma vivência do pesquisador frequentando este espaço em que não se pertence, acredita-se que essa vivência tem seu valor de importância no sentido prático do fazer sociológico, visto que, como dito, o pesquisador na Sociologia pesquisa a partir de algum lugar e, provavelmente, seu objeto ocupa outro lugar no espaço social. Em uma rápida comparação hipotética, o pesquisador da cidade também ocupa a cidade, assim como seu objeto, porém é nas concepções bourdieusianas das disputas de posições dos agentes no espaço social que se destaca a forma com que o pesquisador tanto ocupa seu espaço quanto enxerga seu objeto de pesquisa. Um pesquisador da cidade que vive em um espaço físico central terá uma visão diferente de não pertencimento acerca de uma região periférica ou favelizada da cidade, não reconhecendo alguns elementos que as definem. Enquanto o mesmo pesquisador pode ter, para mais ou para menos, uma outra forma de não pertencimento ao pesquisar uma região enobrecida, com mansões e edifícios sofisticados. Em suma, o pesquisador urbano deve se atentar a sua ocupação no espaço físico e social ao analisar outras regiões da cidade a qual não pertence.

Na concepção comumente chamada de pertencimento, a pesquisa busca compreendê-la sob a ótica bourdieusiana do *habitus* de classe, ou do gosto de classe, elementos da teoria de Bourdieu que tomam conta de observar o comportamento dos agentes enquanto grupos homogêneos. Como destrinchado no primeiro capítulo desta pesquisa, esses elementos sugerem a ideia de reconhecimento. Objetivamente, a ideia de pertencimento estará atrelada à concepção de reconhecimento de classe neste trabalho.

O capítulo busca apresentar os elementos presentes no atual contexto de requalificação da nobreza urbana na Nova Prochet que sugerem a concepção de reconhecimento dos agentes enquanto grupos pertencentes àquele espaço físico. Com o aporte teórico sintetizado por Wacquant (2023) da dialética espacial bourdieusiana, entende-se que os elementos são observados tanto na perspectiva do espaço físico, como a infraestrutura e a arquitetura, quanto no

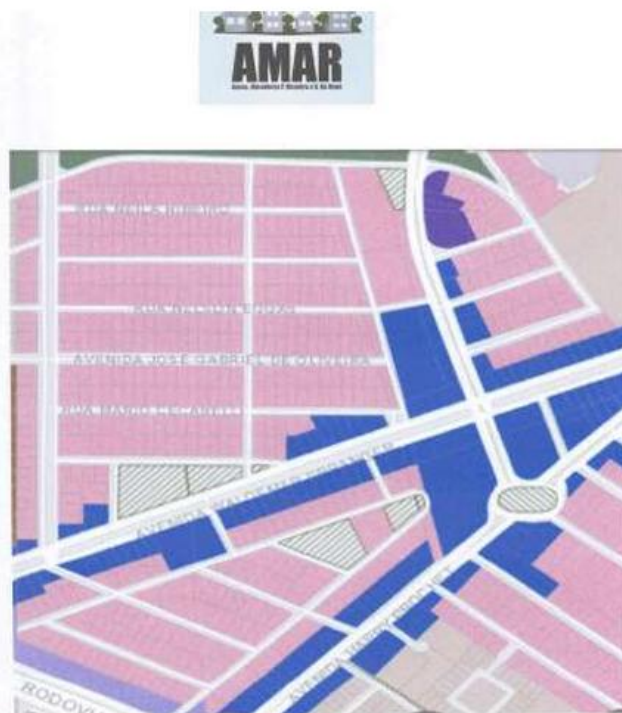
espaço simbólico e social, como a representação simbólica dos elementos arquitetônicos que serão apresentados em breve, ou como a dinâmica social entre frações de classes que ocupam o mesmo espaço físico de forma diferente. Por fim, em relação ao contexto urbano londrinense, o capítulo busca compreender como a Nova Prochet se posiciona enquanto espaço distintivo.

3.1 A ANTIGA PROCHET

Como visto nos capítulos anteriores, principalmente no segundo capítulo desta pesquisa, a Nova Prochet sugere a existência da antiga Prochet. A antiga Prochet é compreendida justamente pela existência da Nova Prochet, visto que anteriormente a região era conhecida apenas como o entorno da Avenida Harry Prochet, entre os bairros Tucanos e Bela Suíça. Ou seja, não havia anteriormente um elemento centralizador de criação de um único ponto de vista a respeito do bairro, como é evidenciado pelo papel das construtoras que investem na região. Para construir a análise do que compõe a antiga Prochet, a pesquisa busca no histórico de políticas públicas e nas ações de grupos de moradores evidenciados em audiências públicas o ponto de vista dos antigos moradores a respeito do atual contexto de transformação da região.

A presença de grupos de moradores do Bela Suíça, como mostrado no segundo capítulo, sugere a perspectiva contrária ao processo de requalificação da nobreza urbana sob a perspectiva do distanciamento com configurações originais do bairro, considerando a verticalização e adensamento um possível problema urbano para a calma e a segurança do bairro. Em contrapartida, há a existência de antigos moradores que são a favor das transformações e apoiam o poder público nas mudanças tanto na política pública enquanto na infraestrutura das vias, aumentando ainda mais para suportar um maior potencial construtivo.

Figura 22 - Fragmento do relatório sobre atualização da lei de uso e ocupação de solo nº 12.236



Imperioso deixar bem claro novamente que, todos os pedidos são de proprietários de terrenos que passam anos especulando valores dentro do nosso bairro, não se preocupando com os moradores que ali residem.

Solicitamos mais uma vez que se mantenha as características atuais do bairro, visto que, conforme lei de ocupação de solo vigente¹, já é possível e passível a instalação de comércio de baixo impacto em nossa região.

Fonte: Repositório – IPPUL

O trecho sugere que os proprietários e especuladores dos terrenos disponíveis para a construção apoiam as mudanças na lei de zoneamento visando benefício próprio, demonstrando-se um elemento presente nas disputas do espaço social por posições beneficiadas pelo poder público. A mudança de zoneamento, mesmo prejudicando alguns grupos de moradores, beneficia outros tantos. Na concepção bourdieusiana das dinâmicas do espaço social, as frações de classes mesmo que dominantes, podem ser prejudicadas por pressão e decisão de agentes que detém mais capitais na hierarquia social.

Essa concepção é notada em outra situação presente no processo de requalificação da nobreza urbana na região: como mencionado anteriormente, os moradores da região do Bela Suíça delimitada pelas placas e pelo sistema de monitoramento pressionaram a Câmara Municipal para garantir a manutenção das características originais do bairro, conseguindo assim a manutenção das características tradicionais de ocupação. Nesse caso, nota-se a presença de uma fração de classe dominante que, devido ao seu poder de influência e organização enquanto grupo homogêneo, conseguem manter seus interesses perante as tomadas de decisões do poder público.

Para aprofundar a análise acerca da vitória dos moradores da área delimitada do Bela Suíça e a garantia da manutenção das características de zoneamento atuais do bairro, apresenta-se aqui alguns elementos descritos na justificativa da 3ª emenda criada pela vereadora Lu Oliveira (REPUB) sobre o PL 143/2023 debatido na Câmara Municipal de Londrina:

Em Londrina, o bairro Bela Suíça reflete essa mesma beleza ao preservar suas tradições e estilo europeu. Com uma arquitetura inspirada em vilas suíças e áreas verdes cuidadas, Bela Suíça se destaca pela atmosfera charmosa e tranquila que faz lembrar as cidades da Europa, agregando à cidade um toque de sofisticação e tradição. O poder público precisa mapear essas áreas e defendê-las com as ferramentas que possui. (Londrina, 2024, p. 2)

Nota-se o apelo ao estilo pacato e a atmosfera europeia que o bairro promove, considerando elementos subjetivos como justificativa da manutenção do zoneamento, mantendo ao Bela Suíça o ar europeu sofisticado. Na perspectiva da dialética espacial bourdieusiana, destaca-se tais elementos enquanto fundamentais no espaço simbólico, para a promoção de capitais distintivos que os moradores do Bela Suíça detêm nas disputas do espaço social, que assim se reflete no espaço físico na forma de uma região da cidade que remete a uma vila suíça com arquitetura e estilo europeu. Dessa forma, as características simbólicas e físicas distintivas do bairro se tornam bens posicionais que garantem a manutenção do grupo nas mais elevadas posições no espaço social.

[...] a verticalização nem sempre aumenta a densidade ideal e, sem um planejamento gradual, pode gerar contrastes abruptos com residências menores, elevando os preços dos imóveis nas áreas de alta demanda. Ainda assim, o aumento da oferta imobiliária com novos empreendimentos ajuda a estabilizar preços ao deslocar a demanda para áreas de menor custo. No caso do bairro Bela Suíça, manter suas características intactas sem aderir à verticalização, é um desejo da maioria de seus moradores e apreciadores da singularidade do bairro. No entanto, essa escolha envolve vantagens e desafios que devem ser ponderados. (Londrina, 2024, p. 2)

Observa-se o apelo a um planejamento urbano acerca das transformações que ocorrem no bairro pela verticalização e adensamento. Destaca-se como justificativa que a manutenção das características atuais do Bela Suíça e a transferência das áreas de verticalização, que conseqüentemente acarretam a valorização imobiliária, para áreas com imóveis de valores mais baixos é uma forma de equilíbrio do processo de desenvolvimento. Em suma, a permanência das características originais do Bela Suíça e a concentração dos empreendimentos na área fora da delimitação pela Associação dos Moradores do Bela Suíça é uma forma de garantia de valorização do entorno não tão valorizado do bairro. Nesse sentido, espera-se que a região além da delimitação do Bela Suíça se torne tão valorizada quanto a região delimitada, porém promovendo outros elementos distintivos com o estilo de vida urbano, movimentado, *premium* e verticalizado.

A Associação dos Moradores do Bela Suíça esteve presente em todas as oficinas e audiências públicas sobre a Lei do Plano Diretor e suas leis complementares requerendo a não verticalização e mantendo o gabarito de altura de 8 (oito) metros no trecho compreendido entre as Avenidas Higienópolis e Adhemar Pereira de Barros. Documentos anexos ao projeto de lei de Parcelamento de Solo e assinaturas da maioria dos moradores já foram protocolados nesta casa de leis e formalizados desde 2021 e reiterados em 2024 durante as audiências relacionadas à Lei de Parcelamento de Solo. (Londrina, 2024, p. 3)

O trecho destaca a forte presença dos moradores da região delimitada do Bela Suíça nas audiências públicas que discutiram a atualização da LUOS nº12.236/2015, demonstrando a participação dos moradores na tomada de decisão da vereadora de garantir a emenda que determina a manutenção solicitada pela Associação dos Moradores do Bela Suíça para manter as características atuais do bairro.

Desta forma, fica claro que manter o valor histórico do bairro, além de sua tranquilidade tão desejada pelos moradores há décadas, e atender ao pedido de não verticalização no trecho em destaque mantendo o gabarito de altura, é exercer a democracia que a maioria dos moradores exigem. Com a nossa colaboração e apoio, iremos atender a comunidade local ao mesmo tempo que fortalecemos e celebramos as características únicas deste bairro tão precioso para Londrina. (Londrina, 2024, p. 3)

A vereadora firma a justificativa da emenda destacando o valor histórico e a tranquilidade que o bairro promove aos moradores que delimitaram a região com placas de identificação com a bandeira suíça, câmeras de monitoramento nas ruas e serviço de segurança terceirizada.

Figura 23 - Placa de sinalização do Bela Suíça



Fonte: Portal O Londrinense

Assim entende-se que, sob a salvaguarda do poder público, a maior parte dos moradores do Bela Suíça podem manter a tranquilidade conquistada e a garantia da segurança e do pouco movimento do bairro, se mantendo fora do espaço físico das transformações ocorridas pela verticalização e pelo adensamento promovido pela Nova Prochet.

Por fim, a nota de justificativa da emenda reforça a colaboração e o apoio do poder público londrinense na garantia do interesse dos moradores do Bela Suíça, celebrando as características já destacadas de tranquilidade, charme, além do ar europeu de sofisticação e tradição que o bairro promove na cidade.

Figura 24 - Fachada de residência no Bela Suíça



Fonte: Portal O Londrinense

Nos dois casos demonstrados nessa seção os especuladores presentes na maior parte do bairro Tucanos e os moradores das mansões da área bem delimitada do Bela Suíça alinham seus interesses à tomada de decisão pelo poder público, assim ambos os grupos são beneficiados pelo processo de requalificação urbana, um garantindo lucro com a compra de terrenos pela construtora e o outro garantindo a manutenção das características atuais de zoneamento, mesmo que muito próxima das áreas adensadas e verticalizadas.

Nesse sentido, percebe-se a expressiva presença de parte dos antigos moradores insatisfeitos com a mudança, tanto na região do Bela Suíça, quanto próximas aos terrenos especulados no Tucanos. Na concepção bourdieusiana do espaço social e das dinâmicas de classe, entende-se tais grupos como parte das frações de classes dominantes dominadas, ou seja, ainda são relacionados às frações dominantes, mas não possuem capitais suficientes na disputa de poder acerca do processo de transformação vivido na região.

As frações dominadas de classes dominantes são grupos que, embora dominantes, não ocupam as posições mais altas nas dinâmicas de poder do espaço social, logo estão sujeitas a readequações e decisões que são tomadas por frações de classes que estão acima delas.

Percebe-se dois elementos centrais nas dinâmicas de posições do espaço social: a percepção da antiga Prochet, que sugere ir contra ao processo de requalificação da nobreza urbana, e a percepção da Nova Prochet, dos apoiadores, especuladores e moradores, antigos e novos, que se relacionam diretamente nas novas características distintivas de estilo de vida proposto pelo processo de requalificação da nobreza urbana.

É preciso esclarecer que, na complexa dinâmica de disputas por posições no espaço social, a fração de classe dominante que ocupa a região de delimitação do Bela Suíça, mesmo relacionada com a percepção dos antigos moradores acerca da característica de tranquilidade e segurança do bairro, mantém sua posição nas disputas do espaço social, visto que obtiveram poder para manter seus interesses. Devido ao fato de garantirem seus interesses perante as decisões do Estado, essa fração do Bela Suíça reforça sua percepção de tranquilidade e segurança fornecida por suas mansões enquanto características distintivas, mas não mantém seus interesses em seu entorno.

E assim, grande parte dos antigos moradores da região da Nova Prochet, contrários às mudanças de zoneamento e fora da área delimitada pelas placas da bandeira da Suíça nas ruas, permanece enquanto fração de classe dominante dominada. Já os moradores que apoiam e reconhecem as características distintivas da Nova Prochet se movimentam para permanecerem presentes nas frações de classes dominantes, visto que reconhecem e integram as novas características de estilo de vida de ocupação do bairro que os mantém distintivos. Ressalta-se que não se trata apenas de uma relação entre o capital econômico, pois é justamente por ser público-alvo de construtoras em convergência com o campo político que eleva os novos moradores ao patamar de fração de classe dominante.

Por fim, é importante ressaltar que nas concepções bourdieusianas a complexidade das disputas de poder e a dinâmica das frações de classes

enquanto grupos no espaço social se relacionam com a ideia do reconhecimento e pertencimento, enfim, com o *habitus* de classe. Essa perspectiva é importante para compreender as motivações dos grupos de agentes diante das transformações no espaço físico, social e simbólico, mesmo que seja necessário a atualização dos elementos distintivos reconhecidos pelo grupo.

A Nova Prochet insere novos elementos distintivos tanto no espaço físico, quanto no social e simbólico. Tais elementos são reconhecidos e integrados por frações de classes dominantes presentes na região, ou seja, entre os antigos moradores, e por novos integrantes que se reconheçam diante destes elementos.

São os elementos distintivos físicos e simbólicos o ponto central para compreender o processo de requalificação da nobreza urbana que ocorre na Nova Prochet não somente pelas características físicas da região, como a presença de inúmeros novos edifícios de luxo, mas também o estilo de vida que é sugerido e reforçado pelas construtoras do que é reconhecido como os novos elementos distintivos.

Na próxima seção do capítulo, retoma-se a discussão acerca do reconhecimento e pertencimento apresentando as decisões metodológicas acerca da coleta de dados iconográficos e de conteúdo em discursos de vendas feito por agentes do mercado imobiliário.

3.2 VISITANDO A NOVA PROCHET: O PAPEL DOS CORRETORES IMOBILIÁRIOS E A PROMOÇÃO DO LUXO E DA SOFISTICAÇÃO

Diante do fazer sociológico que supõe um objeto de pesquisa na qual não se pertence, o andamento da pesquisa esbarra em alguns elementos que modificam o caminho para acessar o objeto. O presente capítulo busca analisar os elementos distintivos que compõem a Nova Prochet, dessa forma, para acessar tais elementos presentes na dialética espacial do espaço físico, social e simbólico, busca-se compreender o ponto de vista dos intermediadores culturais (Featherstone, 1990) que agem na mediação entre os novos possíveis moradores e seus empreendimentos residenciais. Assim, os corretores

imobiliários são compreendidos enquanto intermediadores culturais pelo fato de serem agentes que estão presentes na relação entre moradores e o bairro, porém não são agentes pertencentes das frações das classes dominantes. Em suma, um corretor imobiliário vende um imóvel de luxo que dificilmente conseguirá adquirir em sua vida.¹⁸

A escolha de analisar o discurso de venda de corretores imobiliários também se dá ao fato da inacessibilidade de se dialogar tanto com antigos moradores, quanto com possíveis novos moradores e investidores. Retoma-se aqui a perspectiva de não pertencimento do pesquisador com a vida cotidiana nas mansões monitoradas do Bela Suíça, visto que a região é ocupada por moradores reservados e preocupados com a movimentação de estranhos em seu bairro.

Já os corretores imobiliários do mercado de luxo são capazes de romper a inacessibilidade com as frações de classes dominantes, pois os agentes dominantes geralmente passam pelo processo de venda para adquirir uma nova residência ou um novo investimento. Sendo assim, esse processo de venda é composto por uma série de elementos simbólicos presentes na fala dos corretores, visto que as unidades dos empreendimentos são promovidas para serem consumidas.

Nos elementos simbólicos estão presentes também os elementos distintivos que caracterizam tanto os empreendimentos quanto a região. Ressalta-se aqui a ideia de região valorizada do mercado imobiliário, onde estão presentes diversos empreendimentos que proporcionam tanto um bom investimento financeiro quanto uma moradia que possui vantagens em relação as de outras regiões.

Teresa Caldeira (1997) ao teorizar sobre os enclaves fortificados investigou profundamente o papel das construtoras e imobiliárias nos processos de transformações do espaço urbano. Embora seus estudos objetivassem os enclaves fortificados, condomínios de casas marcados pelo distanciamento e

¹⁸ Em uma comparação rápida, um vendedor de relógios Rolex dificilmente será proprietário de um Rolex, visto que não tem capital econômico e social, pois para se ter um relógio Rolex é necessário ter um histórico de relação de consumidor com a marca.

isolamento, o papel das imobiliárias ao propagandear os empreendimentos mostra um *modus operandi* comum ao mercado imobiliário de luxo: o de se relacionar com os elementos do estilo de vida dos possíveis moradores como forma de sedução.

O objetivo das propagandas é seduzir. Os anúncios usam um repertório de imagens e valores que fala à sensibilidade e fantasia das pessoas a fim de atingir seus desejos. Como Augé indica em sua análise dos anúncios dos *Chateaux* e *domaines* franceses, seu efeito jaz 'no descobrimento ou na súbita revelação a um indivíduo específico de um lugar onde, ele imagina, a vida será possível para ele' (1989:28-9). Para conseguir esse efeito, os anúncios e as pessoas a quem eles apelam têm que compartilhar um repertório comum. Se os anúncios falham em articular imagens que as pessoas possam entender e reconhecer como suas, eles falham em seduzir. (Caldeira, 1997, p. 264)

Os materiais publicitários dão forma aos elementos distintivos presente no estilo de vida das classes dominantes. Na cidade de São Paulo, objeto de estudo de Caldeira (1997), as propagandas apresentavam condomínios fechados enaltecendo a possibilidade de um estilo de vida seguro e tranquilo, voltado a atividades de lazer na natureza e acesso a serviços diferenciados, evidenciado no anúncio do empreendimento Portal do Morumbi, onde “[..] Passeio ao ar livre a qualquer hora do dia e da noite volta a ser um prazer plenamente possível [...]” (Caldeira, 1997). É através das ações das imobiliárias em propagandear um determinado estilo de vida possível de ser reconhecido pelos agentes pertencentes das classes dominantes que o atual capítulo busca se apoiar a fim de investigar de que forma esse *modus operandi* ocorre no caso da Nova Prochet. O capítulo busca apresentar os anúncios propagandeados pelas construtoras, que exercem função de imobiliária ao vender as unidades dos empreendimentos, enfatizando os elementos distintivos sob a ótica bourdieusiana.

Por fim, a escolha de investigar o discurso de venda de corretores imobiliários a respeito da Nova Prochet, bem como a opinião de outros corretores a respeito do mercado imobiliário de Londrina, sugere a compreensão acerca

dos elementos distintivos que definem a Nova Prochet e as frações de classes dominantes que reconhecem tais elementos.

Para a realização da coleta de dados dos discursos de venda dos corretores, a pesquisa traçou como caminho a visita *in loco* das sedes e *showrooms* das principais construtoras presentes na Nova Prochet, objetivamente a A. YOSHI Engenharia, a Vanguard e principalmente a Vectra, responsável pela nomeação da região como Nova Prochet.

Visando a melhor coleta de informações presente no discurso de vendas, as visitas foram feitas sob a intenção de comprar uma unidade nos empreendimentos da Nova Prochet. Essa escolha se dá pela dificuldade de acesso e as negativas recebidas das construtoras acerca de uma possível conversa formal com os corretores enquanto pesquisador, mesmo sem se configurar em uma entrevista propriamente dita e sem qualquer forma de divulgação de dados que pudessem identificar os corretores. As respostas negativas ocorreram como justificativa do pesquisador não ser um comprador do imóvel, logo não seria proveitoso ao corretor o encontro, houve também a falta de resposta de algumas construtoras.

A escolha em se apresentar como um possível comprador para os corretores durante as visitas também se justifica pela intenção de não interferir no discurso de venda, pois a presença anunciada do pesquisador acarretaria um discurso em que o foco do corretor não seria a venda dos empreendimentos.

Dessa forma, surge a opção da visita nos *showrooms* das construtoras em busca de conhecer pessoalmente as unidades dos empreendimentos e o discurso de venda acerca dos apartamentos, dos itens dos edifícios e do bairro, garantindo a escuta a um discurso feito para um possível comprador, não para um pesquisador. Nesse sentido se dá a emulação do pesquisador em um potencial agente pertencente à classe dominante a fim de se inserir no contexto do que é a Nova Prochet para adquirir um imóvel¹⁹.

¹⁹ Cabe enfatizar que, por se tratar de informações públicas presentes tanto em folders e materiais publicitários quanto em veículos digitais, as informações coletadas pelos corretores não são dados sensíveis ou privados das construtoras. Nisso, reforça-se a escolha da visita nos *showrooms* na forma de um possível comprador das unidades dos empreendimentos ao invés

Além do discurso de venda dos corretores imobiliários presente nas construtoras que possuem empreendimentos na Nova Prochet, tentou-se também o contato com corretores imobiliários de Londrina sem vínculos com construtoras, seguindo o princípio de uma conversa informal, não-estruturada, sobre o cenário do mercado imobiliário londrinense enfatizando a presença da Nova Prochet. Os diálogos ocorreram de forma *online* e por ligação telefônica, sem qualquer forma de identificação dos corretores. Esses dados serão demonstrados e analisados após a apresentação do discurso de venda dos corretores nos showrooms das construtoras mencionadas.

Para nortear o diálogo dos corretores presentes nos *showrooms* das construtoras, foram definidos alguns tópicos e perguntas norteadoras para serem feitas durante a visita a fim de não só reafirmar o interesse de adquirir um imóvel na região, como também entender o ponto de vista do corretor acerca das características do bairro. Os tópicos apresentam possibilidades de angariar informações relevantes, mas não foram obrigatoriamente seguidos à risca. Assim, apresenta-se os seguintes tópicos:

- a) Quais são as principais diferenças entre o Bela Suíça, Gleba Palhano e Alphaville?
- b) Quais características diferenciam esses empreendimentos dos demais na cidade?
- c) Quais serviços e infraestrutura viária são considerados diferenciais para os compradores?
- d) O que você considera como diferencial?
- e) Os compradores desses empreendimentos costumam ser moradores de Londrina ou vêm de outras cidades? Há investidores?
- f) Como você considera a situação da segurança na região?
- g) A construtora pretende realizar algum projeto urbano além do empreendimento que visa alguma intervenção na infraestrutura urbana?

Diante dos pontos elencados enquanto escolhas metodológicas, apresenta-se os discursos de vendas realizados pelos corretores das três construtoras visitadas, sem qualquer forma de identificação de tais corretores, visto que o objeto analisado se resume apenas no discurso acerca dos empreendimentos e da concepção da Nova Prochet enquanto região valorizada no mercado imobiliário londrinense.

A primeira construtora visitada foi a A. YOSHI Engenharia, localizada na Gleba Palhano e cercada pelos próprios empreendimentos tanto de uso comercial quanto residencial e até os primeiros de uso misto do bairro. Foram visitados três decorados, dois deles eram apartamentos em empreendimentos na Gleba Palhano e um na Nova Prochet. O corretor iniciou a apresentação dos decorados pelos empreendimentos da Gleba Palhano sob a justificativa de que a construtora é expressivamente presente no bairro. Os apartamentos eram entre 80m² e 150m², acabamentos em piso laminado ou porcelanato, bancadas em granito e sacadas gourmet.

De antemão, destaca-se que a visita nos decorados de empreendimentos presentes na Gleba Palhano foi fundamental para compreender a dimensão das diferenças com os empreendimentos da Nova Prochet. Os decorados da Gleba Palhano eram apartamentos espaçosos, mas menores que os visitados na Nova Prochet, além de não possuírem os mesmos aparelhos de lazer e “conforto” presentes no outro bairro.

Em seguida, foi apresentado o decorado do edifício Mayfair, na Avenida Harry Prochet, com 256m² de área privativa, quatro suítes e com quatro ou seis vagas na garagem. No material publicitário, o edifício é apresentado inserido no “Jardim Mediterrâneo”, porém o corretor que apresentava o decorado se referiu em sua fala como localização do edifício a “Nova Prochet”. Assim, demonstra-se sutilmente a relação com o poder de nomeação dos grupos dominantes, visto que o termo Nova Prochet criado pela Vectra Construtora está se inserindo no cenário do mercado imobiliário londrinense.

O decorado era expressivamente maior que as unidades visitadas na Gleba Palhano, com grandes varandas com vista para o Lago Igapó, para Gleba Palhano e para o Centro da cidade.

Figura 25 - Material Publicitário do Edifício Mayfair



Fonte: AYOSHI Engenharia

Na figura 25, nota-se a nomenclatura do edifício homenageando o bairro enobrecido Mayfair, em Londres (Reino Unido), além do destaque como um lançamento de alto padrão e o uso de termos em inglês em “*Exclusive for you*”, ressaltando o sentido de exclusividade e de conexão com a linguagem estrangeira.

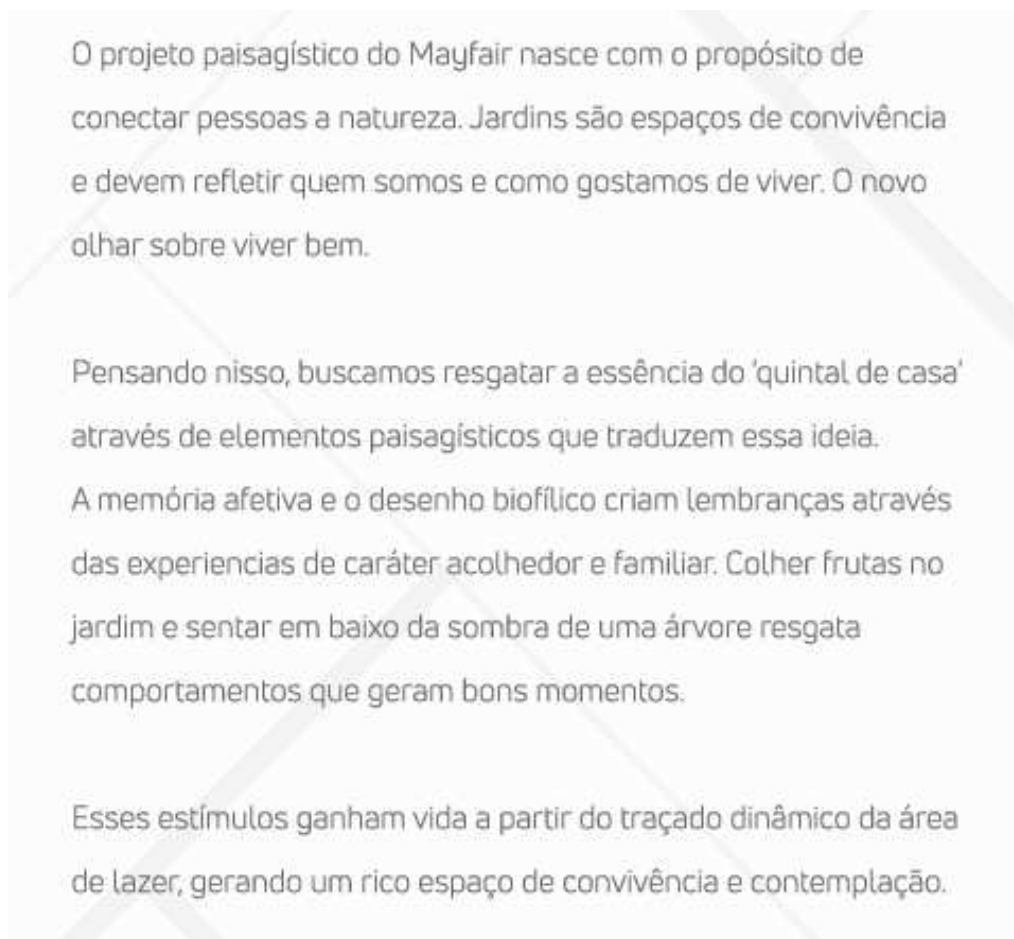
A visita seguiu com a explicação acerca das duas torres que compõem o condomínio, a *Berkeley* e a *Regent*, referindo-se respectivamente a uma região da Inglaterra e ao parque luxuoso em Londres, cada uma contando com dois apartamentos por andar. Nota-se novamente a conexão não só com a linguagem estrangeira, mas também aos próprios territórios estrangeiros. Pode-se referenciar também a conexão da cidade de Londrina com a cidade de Londres, perceptível pelo nome e pela relação histórica do surgimento da cidade de Londrina pelos ingleses.

Ainda sobre a explicação acerca das características do condomínio, o corretor afirmou que o Mayfair é o empreendimento “carro-chefe” da construtora, ou seja, o principal produto oferecido por ela, com maior metragem, melhor acabamento e com as melhores opções de lazer e atividades em áreas comuns que a construtora tem a oferecer. A afirmação segue sob a justificativa da Nova Prochet exigir empreendimentos mais completos. Assim, nota-se que o Mayfair detém características diferenciadas dos outros empreendimentos da construtora,

sendo atualmente o padrão mais alto disponível, visto que os outros empreendimentos presentes na Nova Prochet também são de alto padrão.

No folder apresentado pelo corretor com as informações do empreendimento Mayfair está a apresentação pelos responsáveis pelo projeto arquitetônico e paisagismo. Destaca-se a seguir o trecho de apresentação do projeto paisagístico:

Figura 26 - Trecho descritivo sobre paisagismo - Edifício Mayfair



Fonte: AYOSHI Engenharia

Na descrição do paisagismo realizado nas áreas comuns do condomínio apresentado no folder dado pelo corretor na figura 26, nota-se o apelo a alguns elementos que remetem a conexão com a natureza, a tranquilidade e ao viver

bem. A descrição da ação de colher uma fruta e se sentar embaixo de uma árvore é sugerida como um diferencial, um elemento que atualmente é reconhecido enquanto privilégio. Nota-se também que a descrição do projeto paisagístico oferece um estilo de vida que remete as características distintivas dos antigos moradores do Bela Suíça e Tucanos, reforçando a calma e a tranquilidade que é contemplar um jardim.

No folder informativo sobre o empreendimento também há a descrição de todas as atividades de lazer presente no edifício: Praça central; *sports bar*; *social gourmet*; *deck social gourmet*; *play*; *teen lounge*; *kids club*; *bike stop*; piscina *indoor*; sauna; hidromassagem; sala de pilates; *fitness*; *outdoor training*; *splash pads*; piscina externa; *beach sports*; quadra; quadra de tênis; *garden gourmet*; *fire place*; piscina no *garden gourmet* e redário²⁰. A maioria dos elementos de lazer apresentados estão em inglês, novamente remetendo o conhecimento da linguagem estrangeira a elementos possíveis de serem descritos em português. Espera-se, assim, que o público-alvo do edifício Mayfair tenha familiaridade com atividades de lazer e de esporte descritas em inglês.

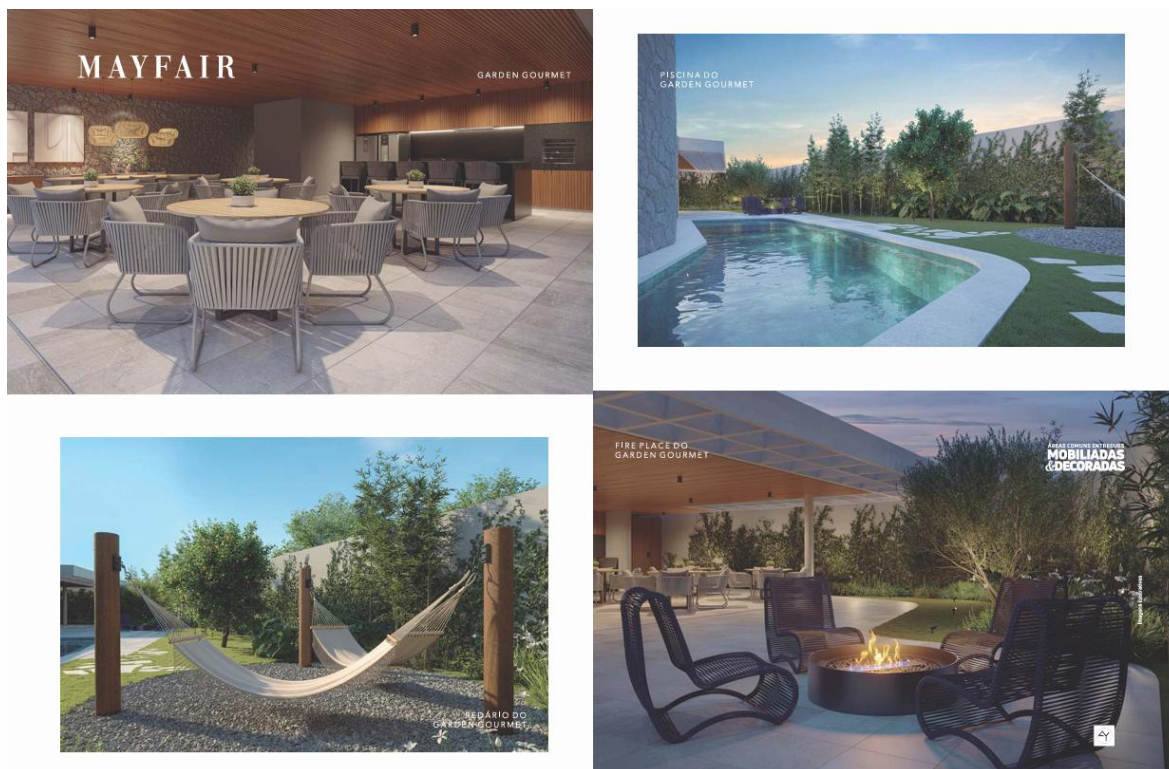
Figura 27 - Sport Bar no Edifício Mayfair



Fonte: AYOSHI Engenharia

²⁰ Para fins de garantir a compreensão do texto, segue a tradução para o português de todos os elementos mencionados em inglês pela construtora: Bar de esporte; gourmet social (no sentido de espaço gastronômico refinado); terraço do gourmet social; área recreativa; espaço para jovens; clube das crianças; parada de bicicletas; piscina interna; sala de pilates; academia; academia externa; área de recreação aquática; esportes de praia.

Figura 28 - Ambientes externos Edifício Mayfair



Fonte: AYOSHI Engenharia

Seguindo a visita ao decorado, quando questionado sobre as diferenças entre a Gleba Palhano e a Nova Prochet, o corretor afirmou ser morador da Nova Prochet e disse que por experiência própria a região é extremamente mais tranquila que a Gleba Palhano, onde há muito barulho de carros e motos de madrugada, além de ser bem mais segura a noite devido à presença de estabelecimentos comerciais com câmeras nas avenidas Waldemar Spranger e Harry Prochet e às guaritas de condomínios já existentes. Ressaltou-se, também, que a região é ótima para crianças pela proximidade com áreas verdes e, por conter menos edifícios que a Gleba Palhano, a região é menos movimentada.

Sobre a unidade representada pelo decorado, o corretor afirmou que a intenção do apartamento é ser uma “casa suspensa”, ou seja, representar elementos que remetem a residências térreas, como grande varanda e cômodos mais espaçosos.

Figura 29 - Varanda presente no decorado - Edifício Mayfair



Fonte: AYOSHI Engenharia

Figura 30 - Banheiro da “master” suíte no decorado – Edifício Mayfair



Fonte: AYOSHI Engenharia

Após a visita no decorado o corretor apresentou os dados de valores referente a mais de uma unidade, sendo valores diferentes entre eles, nota-se assim que os valores das unidades são relativos: dependem da fase de construção em que a obra está, no início das obras o valor é menor e no final o valor é maior, também dependem do andar e de qual posição o imóvel está para a vista permanente, ou seja, os imóveis direcionados para o Lago Igapó são mais caros. A entrega do empreendimento está prevista para maio de 2026.

Figura 31 - Tabela de preços das unidades disponíveis no empreendimento Mayfair em julho de 2025

01/07/2025					
DISPONIBILIDADE	Sinal	Parcelas Mensais ¹¹	Balões ¹³	Conclusão da Obra	TOTAL ¹³
		9	1		
TORRE REGENT					
				Área Privativa [Aprox]	Área Total [Aprox]
FINAL 1				257	457
101	159.900	12.990	139.900	2.543.168,95	2.959.878,95
201	159.900	12.990	139.900	2.700.648,41	3.117.358,41
FINAL 2					
102	159.900	12.990	139.900	2.543.168,95	2.959.878,95
202 302	159.900	12.990	139.900	2.700.648,41	3.117.358,41
TORRE BERKELEY					
				Área Privativa [Aprox]	Área Total [Aprox]
FINAL 1				257	457
101	159.900	12.990	139.900	2.543.168,95	2.959.878,95
201 301	159.900	12.990	139.900	2.700.648,41	3.117.358,41
401	159.900	12.990	139.900	2.858.127,87	3.274.837,87
FINAL 2					
102	159.900	12.990	139.900	2.543.168,95	2.959.878,95
202 302	159.900	12.990	139.900	2.700.648,41	3.117.358,41
402	159.900	12.990	139.900	2.858.127,87	3.274.837,87

Fonte: AYOSHI Engenharia

A princípio, deve-se apresentar um sinal no valor de R\$ 159.900 reais para adquirir qualquer unidade, seguida de parcelas mensais de R\$ 12.990 e balões de R\$ 139.900. Por fim, após a conclusão da obra os valores variam de acordo com as características das unidades mencionadas acima, chegando a um total entre R\$ 2.959.878,95 e R\$ 3.274.837,87. Na apresentação dos valores das unidades há alguns tópicos destacados com informações como a correção dos

valores de mensalidades e balões de acordo com variações do INCC-DI (FGV)²¹ e após a conclusão o valor total negociado sofre a correção de acordo com o IGP-M (FGV)²² além de um acréscimo de juros de 1% ao mês do valor negociado. Caso esteja disponível, o comprador pode adquirir uma vaga de automóvel extra pelo valor de R\$ 54.025,95.

Considerando que a medição do valor por m² é geralmente calculado sob a área privativa dos apartamentos a venda no Brasil, calcula-se que com o valor da unidade 402 de R\$ 3.274.837,87 e com a área privativa de aproximadamente 257m², o valor por m² é de aproximadamente R\$ 12.674,84²³.

Como elemento de destaque do empreendimento, o corretor abordou o potencial de investimento do imóvel atribuindo já o valor aproximado de dois milhões de reais dos imóveis vendidos no início da construção do empreendimento, não especificando um valor aproximado ou uma porcentagem de valorização do imóvel em sua fala. Ou seja, no início da construção as unidades chegavam a dois milhões de reais e durante a construção já estão custando mais de três milhões.

Demonstra-se os valores dos imóveis como um elemento importante para a análise das características distintivas da Nova Prochet, mas não como elemento central, visto que imóveis de valores parecidos existem em regiões como a Gleba Palhano e mansões presentes em condomínios fechados no Alphaville. Embora o valor do imóvel seja um elemento distintivo, ele é distintivo em relação a regiões não enobrecidas da cidade.

Logo cabe questionar a relação entre o valor do imóvel pela sua metragem e a sua posição na cidade de Londrina. Como visto nos capítulos anteriores, o processo histórico de espaços distintivos na cidade em transformação estabelece que algumas regiões, principalmente na Zona Sul, possuem valores

²¹ **INCC-DI (FGV)** significa **Índice Nacional de Custo de Construção – Disponibilidade Interna**, e é um indicador econômico fundamental para o setor imobiliário no Brasil. Ele é calculado e divulgado mensalmente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ele mede os custos de materiais de construção, bem como serviços de aluguéis de instrumentos de trabalho e mão de obra na construção civil.

²² **IGP-M (FGV)**, ou **Índice Geral de Preços do Mercado**, é outro importante indicador econômico também calculado e divulgado mensalmente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ele é amplamente conhecido como a "inflação do aluguel" devido à sua forte influência nos reajustes de contratos de locação

de metragem que podem ser semelhantes. Busca-se compreender de que forma se qualifica a distinção entre regiões enobrecidas com o custo similar por metro quadrado. O que se nota no presente capítulo com os relatos a serem apresentados é que a perspectiva de valorização do metro quadrado na Nova Prochet é notadamente mais alta que o restante da cidade, mesmo comparando a outras áreas enobrecidas.

Indo além, a percepção dos valores dos imóveis contribui para a compreensão da acessibilidade das moradias na região por agentes que detém certo acúmulo de capital financeiro em relação aos que não detém. Nesse sentido, questiona-se por quais razões potenciais moradores escolhem a Nova Prochet ao invés de uma mansão no Alphaville ou um apartamento com vista para o lago na Gleba Palhano, visto que os imóveis custam valores relativamente semelhantes.

Dentro da perspectiva da dialética espacial bourdieusiana a relação entre o imóvel em determinada região e o seu futuro morador depende de fatores além do capital econômico. Ressalta-se então outros elementos distintivos que compõem a caracterização da região no espaço urbano, os “diferenciais” que são incumbidos a ela por uma relação intrínseca ao *habitus* de classe, ao gosto de classe e ao estilo de vida. Os elementos distintivos que evidenciam essa relação são apontados e analisados durante todo o capítulo.

Por fim, nota-se com a visita ao *showroom* da construtora alguns elementos importantes como o fato do empreendimento “carro-chefe” atual da empresa, o Mayfair, ser na Nova Prochet, além das diferenças destacadas pelo corretor da região com a Gleba Palhano, outra importante região aquecida pelo mercado imobiliário.

A segunda construtora visitada foi a Vanguard, também localizada na Gleba Palhano. No início da visita a corretora ressaltou que a empresa ainda não está presente na região da Nova Prochet com imóveis à venda, mas que empreendimentos da Gleba Palhano poderiam ser apresentados. Não houve visita em nenhum decorado dos imóveis presentes na Gleba Palhano e Terra Bonita, bairro próximo ao Shopping Catuaí, na Zona Sul de Londrina.

Os apartamentos disponíveis nas duas regiões mencionadas eram de metragens menores, entre 60m² e 120m², além de estúdios até 30m². Para a pesquisa, considerou-se a fala da corretora a respeito do crescente número de investidores oriundos principalmente de São Paulo – SP e Curitiba – PR que investem em imóveis em Londrina – PR, além da ênfase da cidade ser um destaque no mercado imobiliário nacional.

Diante da fala da corretora, nota-se que os imóveis para investimento são tratados como um elemento expressivamente presente no mercado imobiliário. Embora não seja objetivo da pesquisa se aprofundar no mercado de investidores imobiliários, é importante ressaltar que essa modalidade de compra está no cotidiano das construtoras. Assim, ressalva-se que as construtoras enquanto agentes transformadores do espaço urbano centralizam seus objetivos nas vendas de imóveis, mesmo que os imóveis sejam vendidos para consumidores que não habitarão as unidades, mas sim, usarão como forma de investimento financeiro. A temática dos imóveis enquanto investimento financeiro também será tratada brevemente na apresentação da visita à próxima construtora, a Vectra, nomeadora da Nova Prochet e a primeira a construir empreendimentos na região.

3.2.1 O protagonismo da construtora Vectra na atualização de elementos distintivos com a Nova Prochet

Devido ao fato de a construtora Vectra conter mais empreendimentos imobiliários na região, sua visita conteve mais informações a respeito do ponto de vista da construtora em relação ao bairro, destacando sua forma de estar presente na região enquanto transformadora e norteadora dos elementos distintivos que caracterizam a Nova Prochet.

A construtora se localiza na Av. Adhemar Pereira de Barros, sendo a única visitada que está fisicamente presente na Nova Prochet. Sua atual sede está localizada próxima aos seus empreendimentos, sendo em um ponto central da região e ao lado da área delimitada pelo Bela Suíça. O corretor explicou que houve uma mudança da antiga sede na Gleba Palhano para a Nova Prochet sob a justificativa da motivação da construtora que, após iniciar o processo de

verticalização da Gleba Palhano no início dos anos 2000, agora foca em iniciar o processo de verticalização da Nova Prochet. Embora a alegação seja feita por um representante da marca em um discurso de venda, nota-se a relação desta ou de outras construtoras no papel de impulsionar a Gleba Palhano enquanto espaço distintivo em Londrina e, atualmente, a transição para a Nova Prochet como novo espaço distintivo.

No início da visita foi apresentado um cardápio contendo diversos tipos de cafés “*gourmet*” que recebiam nomes dos empreendimentos da construtora. O café *Caramel Machiatto Wonder*, nome de um dos edifícios, foi servido durante a introdução do corretor para apresentar os empreendimentos da marca. Nota-se de início o diferencial de atendimento aos consumidores que buscam um apartamento da construtora em relação às outras visitadas.

A visita ao *showroom* começou com o corretor apresentando a proposta da construtora para o bairro, inicialmente onze edifícios localizados na porção mais próxima do Lago Igapó, da Avenida Harry Prochet e principalmente do Mercado da Prochet, espaço conhecido pelos londrinenses como um mercado de produtos *premium* e selecionados, relacionando-se com a concepção comumente conhecida como “*gourmet*”.

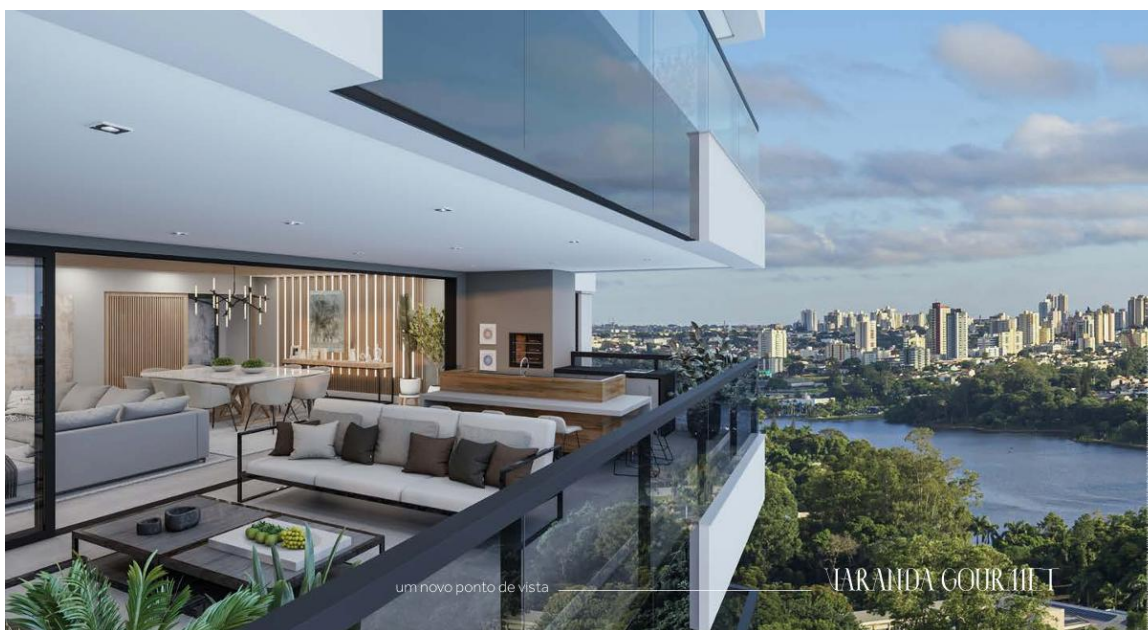
Foi apresentado uma maquete com as principais ruas e avenidas da região e a localização de cada empreendimento espalhado pelo bairro. A explicação dada pelo corretor sugere que cada empreendimento foi pensado para ocupar um lote sem obstruir a vista de outros edifícios, além de evitar a sensação de sufocamento causada por edifícios muito próximos, como ocorre na Gleba Palhano. Quando questionado acerca da presença de outras construtoras na região, o corretor afirmou que a Vectra enxerga as outras construtoras não como concorrentes, mas como irmãs, assim os empreendimentos são organizados para não obstruírem a vista um do outro.

De início, observa-se que a construtora apresenta um planejamento de longo prazo para a Nova Prochet com os edifícios atuais e novos empreendimentos que ainda serão lançados, visto que de acordo com o corretor, a construtora já possui diversos terrenos na região. Em sua fala o corretor ressaltou que todos os empreendimentos na Nova Prochet se tratam de

apartamentos maiores que 100m² em área privativa, justificando a garantia de que a alta metragem estabelece o alto padrão dos edifícios na região.

O corretor apresentou através de um folder o empreendimento Wonder, cujo decorado não estava presente no showroom devido ao fato de estar próximo da conclusão das obras e das entregas das unidades, porém a construtora ainda detinha algumas unidades disponíveis para venda. O Wonder se trata do primeiro empreendimento da construtora na região como nome de Nova Prochet, tendo a vista para o Lago como principal diferencial, além do número expressivo de itens de lazer presentes no edifício. A frase que acompanha todas as páginas do folder é “um novo ponto de vista”

Figura 32 - Material publicitário do Edifício Wonder destacando a vista para o lago



Fonte: Vectra Construtora

Além de destacar o empreendimento como “um novo ponto de vista”, o Wonder também apresenta o nome Nova Prochet dado a região que está inserida os novos empreendimentos, inserindo não só o ponto de vista da construtora para a região, mas também a nomeação dela.

Figura 33 - Material publicitário do edifício Wonder apresentando a Nova Prochet²⁴



Fonte: Vectra Construtora

Em uma série de imagens contendo pessoas fazendo atividades de lazer em áreas externa e internas, remetendo a conexão com a natureza, o bem-estar, o esporte, hobbies e até a vida noturna, a construtora apresenta de forma simbólica os elementos que podem ser reconhecidos por novos moradores do bairro. Tais elementos apresentados a seguir contemplam as concepções de características distintas na região, visto que sugerem as atividades de bem-estar e o contato com a natureza enquanto o estilo de vida a ser reconhecido por quem busca um imóvel na região.

O slogan “um novo ponto de vista” presente em diversos materiais publicitários da construtora é contraposto pela noção bourdieusiana de ponto de vista, que sugere na verdade a relação entre o habitus e o gosto de classe de determinadas frações de classe ao introduzir e retraduzir os elementos

²⁴ O texto contido na imagem é: “Sorria, você está na Nova Prochet: venha viver mais e melhor nesta região nobre de Londrina” (VECTRA)

simbólicos nos diferentes campos. Na Nova Prochet, o “novo ponto de vista” não é novo, visto que abarca as concepções já relacionadas ao estilo de vida presente na região, direcionando alguns elementos que reforçam os pontos de vida realmente distintivos no espaço urbano. Ressalta-se então a perspectiva da atualização presente no espaço simbólico que tem como efeito a convergência de *habitus* em um “espaço de pontos de vista”

Figura 34 - Material publicitário do edifício Wonder apresentando o estilo de vida na Nova Prochet



Fonte: Vectra Construtora

Nas figuras 34, nota-se a presença de uma bailarina no primeiro plano, seguido de imagens de atividades no lago como remo, bem como o vôlei de praia e o yoga. Na parte debaixo da imagem, apresenta-se o texto:

A Vectra Construtora é precursora na construção de edifícios de Alto Padrão, nas avenidas Adhemar de Barros e Harry Prochet, com obras reconhecidas como os Edifícios Palazzo Di Cesare e Veronesi e mais recentemente, o Wave. Aqui, em um ponto charmoso, que se tornou o principal vetor de crescimento comercial da cidade. Onde o sol nasce refletido sobre o Lago Igapó, como num espelho. Onde se tem uma excepcional

qualidade de vida e contato com a natureza tão próxima ao bairro. (VECTRA, ----)

Nota-se o destaque para a presença pioneira da construtora no bairro, bem como a informação sobre a Nova Prochet ser o novo vetor de crescimento comercial da cidade, visto que inúmeros empreendimentos comerciais surgem nas principais vias do bairro. Por fim, novamente se destaca o apelo para elementos da natureza e conexão com o lago como fator de qualidade de vida.

Figura 35 - Material publicitário do edifício Wonder apresentando o estilo de vida na Nova Prochet



Fonte: Vectra Construtora

Na figura 35, segue o padrão de apresentar imagens que remete a vivências de bem-estar, vida noturna, e atividades esportivas realizadas no entorno do lado, seguido do texto na parte debaixo da imagem:

No Coração da Avenida Waldemar Spranger e Harry Prochet, tudo inspira a novas experiências. Neste local será incorporada uma série de torres residenciais com metragens diferenciadas e vistas privilegiadas, que trarão mais vida à vida das pessoas, proporcionando aos seus moradores uma experiência única de

se viver com qualidade de vida e alta projeção de valorização imobiliária. Sorria, você chegou na Nova Prochet. Melhor que isso, essa é a Nossa Prochet. (VECTRA, -----)

Ao apresentar o material iconográfico publicitário do edifício Wonder, evidencia-se quais elementos distintivos são demonstrados para classificar o estilo de vida na Nova Prochet. Destaca-se a conexão com atividades ao ar livre, o uso de aparelhos urbanos e a presença de serviços *premium*. O Lago Igapó demonstra a atualização de uma forma de ocupação que já ocorre deste antes do surgimento da Nova Prochet, evidenciando o uso para esportes aquáticos, caminhadas em seu entorno e a conexão com áreas verdes. Mais precisamente no sentido bourdieusiano, a atualização do uso do lago com a Nova Prochet evidencia a reificação do espaço urbano devido a atualização da permanência dos agentes pertencentes as frações de classes dominantes em um espaço público possível de ser ocupado por agentes pertencentes à outras frações de classes, mas que são desestimulados pelas frações dominantes.

A reificação do Lago Igapó evidencia o cenário de disputas do espaço social retraduzidas no espaço físico, sendo a forma em que as classes dominantes ocupam tal espaço enaltecida pela representação das construtoras em materiais iconográficos que sugerem o uso do lago pelo bem-estar e atividades esportivas, promovendo a classificação dos usos do lago dentro do espaço urbano londrinense. Nesse sentido, a reificação, sendo a atualização da forma de ocupação dos agentes de frações de classes dominantes, é a forma de atualizar o poder de nomeação sobre aquele espaço físico.

Essa relação de disputa é evidenciada pelo uso do Lago Igapó por agentes não pertencentes das frações de classes dominantes, como os banhistas que usam as quedas d'águas da barragem do lago para lazer aos fins de semana.

Figura 36 - Banhistas na barragem do Lago Igapó, ao fundo a Av. Harry Prochet



Fonte: cobranews

É importante ressaltar que o uso das águas do lago igapó são definidas pelo poder público como impróprias para banho, demonstrando, também, uma forma de disputa pelo espaço que visa desestimular determinadas formas de uso do espaço público²⁵. Em meados dos anos 2010 também eram frequentes o uso do lago pelos visitantes que realizavam piqueniques ou churrascos improvisados, com carros de som e música alta no entorno da Av. Harry Prochet. Atualmente a região se tornou ocupada pela criação de um centro médico sob a iniciativa privada, impossibilitando o uso do terreno pelos banhistas e suas atividades de lazer.

²⁵ Embora o uso do lago para banho ser impróprio nas definições da saúde pública, parte da população londrinense ainda assim realiza este formato de uso. Sugere-se, nessa pesquisa, não criar forma de julgamento ou classificação contrário a determinados tipos de uso da região, mas sim evidenciar as formas existentes desses usos.

Figura 37 - Novo centro médico, parte dos serviços premium oferecidos na Nova Prochet



Fonte: Catuai Imóveis

Proposto pela iniciativa privada, a construção do centro médico promove um uso específico da região antes utilizada por agentes de classes dominadas, visto que um centro médico particular é um aparelho urbano utilizado por agentes que detém capitais elevados. Assim se evidencia uma forma de reificação do espaço urbano, distanciando as possibilidades de outras frações de classes utilizarem da forma que escolherem e promovendo a exclusividade do uso para grupos relativamente homogêneos pertencentes às classes dominantes.

Dessa forma o material publicitário das construtoras acerca do uso dos espaços públicos sob a perspectiva do estilo de vida do bem-estar e da conexão da natureza evidencia contextos de disputas pelo uso do espaço urbano por grupos relativamente homogêneos. As construtoras não criam formas de

utilização do lago como bem posicional e elemento distintivo, mas sim renova seu uso fortalecendo a perspectiva enobrecida dos moradores atuais e novos sobre as atividades ao ar livre.

Retomando a visita ao *showroom* da construtora Vectra, após a apresentação do empreendimento Wonder através do folder informativo relatado nas figuras 35, 36 e 37, o corretor iniciou a visita aos decorados pelo novo empreendimento lançado na região, o Lótus.

Na apresentação da maquete disposta na entrada do decorado, o corretor demonstrou como a construção do edifício foi pensada dentro do conceito da “gentileza urbana”. Na fala do corretor, a “gentileza urbana” oferecida pelo empreendimento se baseia na fachada semiaberta, com muros vazados seguindo um formato ondulado com paisagismo tanto dentro do perímetro do edifício quanto fora, na calçada, além de bancos e lixeiras adaptadas para passeios com animais de estimação. Também é ressaltado que a motivação da escolha é criar uma fachada mais acolhedora e convidativa, conectando a área de lazer interna do condomínio com a rua, mas sem interferir na privacidade dos moradores.

Figura 38 - área de lazer do edifício Lótus destacando o paisagismo entre área externa e interna



Fonte: Vectra Construtora

Em uma pesquisa rápida em mecanismos de buscas digitais, o termo “gentileza urbana” é amplamente relacionado a sites de construtoras de empreendimentos imobiliários, não apresentando a origem do termo. O uso do termo em algum meio oficial do poder público foi identificado através de um projeto realizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo (SP) chamado “Programa Gentileza Urbana” na subprefeitura da Sé, que visa a criação e manutenção de ambientes “gentis” criando jardins de chuva, biovaletas, poços de irrigação e vagas verdes²⁶. Nota-se, assim, que o termo é comumente usado para se referir a elementos de sustentabilidade e melhorias no bem-estar entre os moradores e a cidade.

O termo “gentileza urbana” e a definição dada pelo corretor imobiliário demonstram a estreita relação entre a construtora e o bairro, ressaltado pelo papel dela no reforço em elementos distintivos que expressam a conexão com a natureza e o estilo de vida conectado à cidade. Nesse sentido, a “gentileza urbana” proposta pelo empreendimento garante aos futuros moradores a conexão com o entorno da edificação, relacionando-os para além dos muros do condomínio. Assim, a gentileza urbana é um elemento distintivo na Nova Prochet, visto que o mesmo formato de construção não ocorre em áreas dos condomínios horizontais fechados ou nos edifícios de muros altos na Gleba Palhano.

Novamente se faz uma relação com os estudos de Teresa Caldeira (1997) sobre os “enclaves fortificados”, visto que há, na Nova Prochet, um diferencial em relação a criação de enclaves para classes altas, ou dominantes, pelo apelo à conexão com o estilo de vida urbano, tanto no espaço simbólico quanto físico, como demonstrado pelo edifício Lótus e sua fachada inspirada pela “gentileza urbana”.

Seguindo para o decorado Lótus, cujo slogan presente no folder apresentado pelo corretor é “Um lugar onde a plenitude é eternizada e cada

²⁶ O Programa Gentileza Urbana da subprefeitura da Sé, em São Paulo – SP, está descrito no site oficial da Prefeitura Municipal de São Paulo, disponível através do link: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/se/w/noticias/108463>. Acesso em julho de 2025

detalhe revela o extraordinário” (Vectra Construtora, 2024), nota-se a princípio um apartamento espaçoso, diferente dos que foram apresentados na Gleba Palhano pela construtora AYOSHI Engenharia, com unidades de 279m² e cobertura de 563m². O condomínio segue o padrão do edifício Wonder com itens de lazer como *sports indoor*, piscina interna aquecida, piscina externa. *Playground, delivery hub* etc. A unidade da cobertura conta com piscina privativa.

Na apresentação do decorado, o corretor chama atenção para os tons de cor terrosos na unidade, que representam o deserto, bioma originário da flor de lótus. Ainda na estética do decorado, o corretor afirma que a inspiração da flor de lótus está presente em vários elementos no empreendimento, com o destaque para a fachada do edifício que contém uma cobertura em vidro com desenhos de flor de lótus cuja sombra projetam a flor no chão, como pode ser notado na figura 39.

Figura 39 - Fachada do edifício Lótus apresentada no material publicitário



Fonte: Vectra Construtora

Embora a Nova Prochet conte com diversos apartamentos com elevadores privativos, o Lótus não apresenta essa configuração, porém o corretor prontamente justifica que a escolha se dá pelo edifício ser de torre única e com poucas unidades, além de contar com apenas dois apartamentos por

andar, seguido de um comentário a respeito do edifício ser “bastante exclusivo”. Assim, mesmo que um elemento arquitetônico do condomínio possa ser reconhecido como não sendo de alto padrão, como um elevador privativo representaria, a justificativa se insere no campo da exclusividade, um importante elemento distintivo amplamente ressaltado pela construtora.

A configuração dos apartamentos é de três ou quatro suítes, contando com banheiras na suíte master, varandas gourmet, infraestrutura para serviços de automação, como luzes e cortinas inteligentes, e espaço pet na área de serviço, onde os moradores podem realizar cuidados em seus animais de estimação. Tal detalhe chama atenção pela disponibilidade de uma infraestrutura que contempla o estilo de vida “*pet friendly*”, ou “amigo dos animais”. Assim, sutilmente se reforça a apresentação de estilos de vida reconhecíveis por frações de classes relativamente homogêneas, sendo o bem-estar animal um importante elemento distintivo, oferecido pela infraestrutura da unidade e que sugere que a região da Nova Prochet é segura para passeios com animais de estimação. O estilo de vida “amigo dos animais” também se reforça nos espaços pets, espaços adaptados para animais presentes em todos os empreendimentos da construtora.

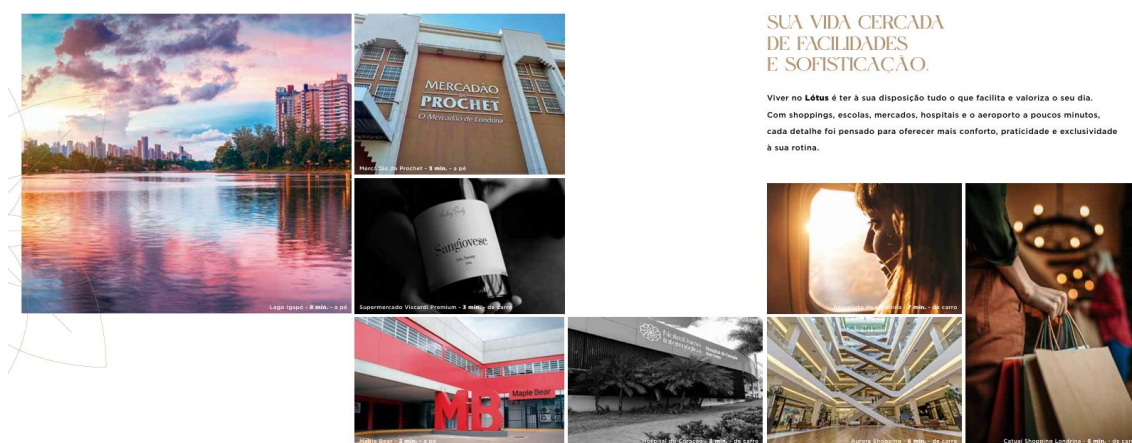
Ao final da visita foi apresentado os valores das unidades no edifício, que variam de R\$ 3.138.000,00 a R\$ 3.753.000,00, exceto para a cobertura que não está mais à venda. Nas unidades de menor valor, as formas de pagamento seguem o padrão de um sinal de R\$ 313.800,00 seguido de 43 parcelas de R\$ 14.595,35, com sete balões de R\$ 89.657,14 e a finalização no valor de R\$ 1.569.000,00 que podem ser negociados de forma interna na construtora, sem o uso de financiamento bancário. A variação de valores não foi explicada em detalhes pelo corretor, porém ele afirmou que as unidades que têm a vista voltada para o lago são mais valorizadas.

Seguindo as concepções bourdieusianas trabalhadas durante o primeiro e o segundo capítulo, destaca-se novamente o Lago Igapó e a sua reificação como elemento distintivo primordial da Nova Prochet, visto que o enfoque do corretor na apresentação dos empreendimentos da região segue sendo a vista permanente para o lago. Por fim, o que se nota é que a busca pela vista

permanente para o lago “custa mais” capital financeiro até entre as frações de classes mais altas.

Por fim, deve-se destacar alguns elementos iconográficos disponíveis no folder de apresentação do edifício Lótus a respeito especificamente da Nova Prochet, seguindo a abordagem semelhante ao apresentado no folder do edifício Wonder sobre como a construtora apresenta a região a seus consumidores.

Figura 40 - Diferenciais oferecidos pela Nova Prochet – material publicitário do edifício Lótus²⁷



Fonte: Vectra Construtora

A figura 40 demonstra exemplos de locais próximos no espaço físico que funcionam como bens posicionais para os potenciais moradores, como o Lago Igapó, o Hospital do Coração e o aeroporto de Londrina. No canto superior direito há como título “Sua vida cercada de facilidades e sofisticação”, seguido do subtítulo

²⁷ Na figura 40, cada imagem representa um aparelho urbano disponível na região. Da esquerda para direita: Lago Igapó – 8 min a pé; Mercadão da Prochet – 3 min a pé; Supermercado Viscardi Premium – 3 min de carro; Mapa Bear – 2 min a pé; Hospital do Coração – 2 min de carro; Aeroporto de Londrina – 7 min de carro; Aurora Shopping – 8 min de carro; Catuaí Shopping Londrina – 6 min de carro.

“Viver no Lótus é ter à sua disposição tudo o que facilita e valoriza o seu dia. Com shoppings, escolas, mercados, hospitais e o aeroporto a poucos minutos, cada detalhe foi pensado para oferecer mais conforto, praticidade e exclusividade à sua rotina”
VECTRA.

O material publicitário apresentado na figura 40 sugere ao possível morador que a região é conectada a bens posicionais reconhecidos pelas frações de classes dominantes, visto que são reconhecidos enquanto serviços *premium* e sofisticados. Nesse sentido é possível destacar dois pontos: o primeiro é que o material publicitário sugere a conexão com regiões já frequentadas, no sentido de espaços consumíveis, por frações de classes dominantes, sendo perceptível que não foi apresentado nenhum espaço físico tipicamente frequentado por frações de classes dominadas. O segundo ponto a ser destacado é de que tais bens posicionais já estavam presentes na cidade antes do empreendimento, sendo possível lembrar que o processo de requalificação da nobreza urbana se trata de uma atualização do sentido simbólico reforçado pelas construtoras, e não necessariamente uma criação delas.

Em outra página do folder sobre o edifício Lótus, há um trecho que também ressalta a caracterização da Nova Prochet pela construtora:

A poucos minutos do Lago Igapó, a Nova Prochet é onde a vida se transforma e encontra sua melhor expressão. Aqui, a harmonia entre natureza e urbanidade desperta uma nova forma de viver, reunindo mobilidade, contato com a natureza e acesso privilegiado a serviços essenciais e lazer – tudo para elevar sua experiência de viver bem. VECTRA, 2024

De forma geral o trecho sugere o reconhecimento da Nova Prochet como região enobrecida. Destaca-se o uso de expressões como “harmonia entre a natureza e urbanidade”, que sugere a conexão com o Lago Igapó como elemento distintivo, “uma nova forma de viver”, que estabelece uma atualização do estilo de vida sob a perspectiva dessa conexão entre natureza e urbano e por fim a ideia do acesso privilegiado, que sugere a exclusividade dos serviços essenciais

e de lazer na região. Notadamente, o trecho fortalece o discurso da construtora em se apropriar de elementos do espaço físico enquanto bens posicionais físicos e simbólicos, norteados o processo de requalificação da nobreza urbana.

Em suma, a reificação descrita pelo processo de se apropriar do espaço físico enquanto bens posicionais é a retradução das disputas por posições no espaço social, nesse sentido o espaço físico enquanto bens posicionais existe correlato ao espaço social. Tal relação é notada ao observar os serviços essenciais disponíveis na região. Como exemplificado pela relação entre as casas de alta costura francesas existentes de forma distinta fisicamente, simbolicamente e socialmente de casas de confecção têxtil da periferia em Paris, na Nova Prochet os serviços de mercados e hospitais, por exemplo, são distintos do restante da cidade. O mercadão da Prochet se posiciona enquanto mercado gourmet, com lojas de produtos específicos importados, adegas e espaços de consumo e alimentação. O Mercado Viscardi Premium se distingue de outros da mesma rede pela concepção distintiva da localização e pela oferta de bens posicionais. O Hospital do Coração de Londrina é um hospital de rede particular, gerido pela NotreDame Intermédica, distinto de uma unidade de pronto atendimento público existente em outros bairros da cidade.

A funcionalidade dos serviços essenciais é relativamente a mesma, porém na Nova Prochet os serviços essenciais ganham elementos simbólicos que os classificam de forma distinta do restante da cidade. No material publicitário da construtora, tais serviços são descritos enquanto sofisticados. Dessa forma os serviços essenciais *premium* são descritos assim pela relação de disputa no espaço social, visto que tais serviços foram dispostos na região enobrecida da cidade pela ocupação das frações de classes dominantes. Na perspectiva da dialética espacial, a disposição dessa forma de serviços urbanos em um bairro ocupado pelas classes dominantes é de retradução, pois há a convergência entre os espaços físico, social e simbólico.

A Nova Prochet o processo de requalificação da nobreza urbana é a atualização dos elementos físicos e simbólicos da retradução entre o espaço físico, social e simbólico. Ou seja, é a atualização do sentido de nobreza que garante a manutenção da relação de convergência entre as frações de classes dominantes e o espaço físico enobrecido.

Como visto durante toda a apresentação do discurso de venda dos corretores e o material publicitário dos empreendimentos, a conexão com a natureza e o estilo de vida urbano atrelado ao bem-estar são peças-chave no processo de requalificação da nobreza urbana. O último empreendimento visitado no showroom da construtora Vectra reforça ainda mais essa relação. O Gaia é o primeiro edifício “sustentável” a ser construído na cidade, marcado pela biofilia na fachada e pelo apelo ao certificado de “Carbono Zero”.

O empreendimento foi introduzido na visita ao *showroom* a partir do questionamento feito ao corretor a respeito da intenção da construtora em realizar alguma forma de retribuição ao bairro ou a cidade de Londrina, visto que os empreendimentos compõem grandes interferências na região pelo número elevado de edifícios construídos e pela magnitude das obras. Ao apresentar sua resposta, o corretor disse a frase “onde a Vectra está, ela melhora” e em seguida apresentou o edifício Gaia como uma contribuição para Londrina, pois o empreendimento é o primeiro da cidade a ter o certificado de “Carbono Zero”, que consiste na compensação das emissões de dióxido de carbono (CO₂) na fase de construção do edifício pelo reflorestamento de uma área verde localizada em Tamarana, distrito da cidade de Londrina.

Cabe ressaltar que a intenção do questionamento era investigar a intenção de compensação na infraestrutura da cidade, visto que a previsão é da construção de em torno de 11 torres residenciais concentradas no entorno da Avenida Harry Prochet. Neste caso, o questionamento se dá pela iniciativa de outras construtoras que realizam grandes obras em outras partes da cidade e promovem a reestruturação de praças, manutenção asfáltica e até instalação de lixeiras que acabam servindo como material publicitário em espaços públicos²⁸.

Não se obteve alguma informação precisa a respeito da compensação em infraestrutura urbana para o bairro ou para outros pontos da cidade pela construtora devido a magnitude do processo de verticalização e adensamento que a Nova Prochet promove. Nota-se, pela visita ao decorado e pelo material

²⁸ Como ocorre no Lago Igapó II, em frente a Gleba Palhano, que ao ser revitalizado em parceria com a construtora Plaenge, foram espalhadas diversas lixeiras pela área de lazer, todas com o logotipo da marca da construtora. Nesse sentido, a compensação à infraestrutura urbana também serve como promoção de serviços.

publicitário do edifício Gaia que a compensação da emissão de carbono funciona para fortalecer a perspectiva da Nova Prochet enquanto conectada com a natureza e voltada ao público-alvo que se preocupa com a sustentabilidade e o meio ambiente. Tal fato se fortalece ao observar o material publicitário dos empreendimentos e o apelo ao estilo de vida atrelado às atividades de lazer e esporte ao ar livre, a conexão ao lago e o apelo ao paisagismo dos empreendimentos. O contato com a natureza se torna um elemento distintivo, mesmo que também haja o apelo pelo estilo de vida urbano e conectado à cidade. Assim o primeiro edifício “Carbono Zero” da cidade ser na Nova Prochet fortalece essa conexão com a natureza.

O decorado visitado do empreendimento Gaia demonstrou o reforço na conexão com a sustentabilidade e o contato com a natureza que o empreendimento promove. Foi apresentado o conceito de *smart living* atrelado ao empreendimento, contando com todas as unidades preparadas para automação residencial, além da automação também estar disponível nas áreas comuns.

Figura 41 - Trecho do material publicitário do edifício Gaia apresentando o smart living



Fonte: Vectra construtora

Com o sistema de automação oferecido pelo conceito do *smart living*, o que se entende é a garantia de aparatos de segurança privada, além das facilidades ofertadas pelos serviços automatizados. A segurança ainda se mantém como apelo na região onde a Nova Prochet é configurada, porém com a requalificação da nobreza urbana seu sentido também é atualizado, sendo atrelado a elementos mais sutis de reconhecimento facial, portões de acessos com travas digitais e câmeras internas nas áreas comuns. Tais elementos sutis garantem a perspectiva da conexão com a cidade no estilo de vida urbano, diferente dos condomínios fechados no Alphaville, que reforçam a sensação de segurança pela distância e pelos muros altos, ou em relação ao Bela Suíça, que conta com equipes de rondas de seguranças e fortalecem a sensação de segurança pela pacatez e a falta de movimento de “estranhos”.

O Gaia possui apartamentos de 198m², com 68 unidades distribuídas em 21 pavimentos. Contém 18 itens de lazer, como mercado interno, *car wash*, *studio fit* e *work tools*. A visita a seu decorado foi marcada pela conexão com a sustentabilidade, os itens de automação e a fachada com biofilia, contendo jardins suspensos na fachada do edifício em todos os apartamentos. O corretor, durante a visita, informou que os jardins suspensos são de responsabilidade do condomínio, sendo que o morador não terá preocupação acerca dos cuidados e da manutenção. O jardim suspenso também contribuía para o conceito de casa suspensa, visto que o apartamento era cercado pelo jardim. Assim, reforça-se novamente a conexão com a natureza enquanto elemento distintivo, mesmo que ela ocorra de forma simulada por jardins suspensos no vigésimo primeiro andar de um edifício.

Após a apresentação dos três decorados visitados, o corretor apresentou como possibilidade de compra uma unidade no edifício Wave, visto que em sua opinião era o melhor apartamento disponível na Nova Prochet. A visita teria que ser realizada na obra do próprio edifício pelo fato de não ter um decorado disponível no showroom, além do edifício estar em fase final de construção, com as unidades já sendo entregues. Assim no dia seguinte à visita aos decoradores, o edifício Wave foi apresentado *in loco*.

Os dados coletados durante a visita ao apartamento são apresentados na próxima seção do capítulo pelo fato de a visita ser realizada de forma distinta

aos decorados, pois se tratou da coleta de dados realizada dentro do empreendimento construído na Nova Prochet.

3.2.2 Visitando o edifício Wave, o maior apartamento à venda em Londrina

De antemão, é necessário ressaltar que a visita ao apartamento seguiu com o mesmo corretor, continuando sob a intenção de compra do imóvel para garantir a não interferência no discurso de venda.

O edifício Wave foi o primeiro empreendimento entregue pela construtora Vectra na Nova Prochet e se trata de uma obra com fachada inovadora no cenário urbano em Londrina de acordo com o corretor. São apenas 25 unidades dispostas em 25 pavimentos, uma unidade por andar com uma área de 477m² privativos, com quatro suítes, elevador privativo e quatro vagas na garagem. Segundo o corretor, os apartamentos do edifício Wave são os maiores à venda em Londrina²⁹.

No começo da visita ao condomínio, o corretor explicou os elementos arquitetônicos da fachada do edifício, iniciando pela *porte-cochère*, termo francês que se refere ao recuo em relação a rua que permite a entrada e saída de veículos para embarque e desembarque. Ao lado, o paisagismo do entorno da edificação com iluminação própria. A calçada segue uma padronagem que homenageia o calçadão de Londrina.

²⁹ Cabe ressaltar que a visita ao imóvel foi feita em julho de 2025 e não houve uma checagem no fato, visto que na pesquisa ele é tratado como parte do discurso de venda e, por fim, um elemento distintivo para a região.

Figura 42 - Fachada do Edifício Wave destacando a porte-cochère



Fonte: produção do autor

Ainda explicando sobre a fachada do edifício, o corretor demonstra que a arquitetura do edifício, sobretudo a disposição das sacadas, foi inspirada na música “*wave*” do Tom Jobim, uma canção do gênero bossa nova amplamente divulgada em rádios, teledramaturgias e materiais publicitários no Brasil. Em sua letra, a canção aborda a metáfora do ir e vir das ondas que remete a vida e aos relacionamentos amorosos. Não cabe à pesquisa fazer uma interpretação aprofundada da canção no que se refere ao seu conteúdo, logo o que se destaca é o fato da inspiração arquitetônica do edifício ser uma canção de bossa nova, gênero musical historicamente relacionado à “elite” carioca desde seu surgimento em meados da década de 1960, tendo como referência o samba e inspirações estrangeiras como o jazz norte-americano (BAIA, 2014).

A inspiração da canção do Tom Jobim para a arquitetura do edifício Wave sugere aos potenciais moradores o capital cultural suficiente para compreender e apreciar tal inspiração. A fala do corretor a respeito da inspiração na bossa

nova para o conceito arquitetônico do edifício durante a visita ao apartamento à venda não é por acaso, pois demonstra o referencial cultural que o edifício contém a fim de agregar valor ao imóvel. Cabe a ressalva que o valor mencionado se refere ao capital cultural que, conseqüentemente, se relaciona com o valor no capital financeiro, visto que um edifício inspirado na canção de Tom Jobim se configura um elemento de distinção.

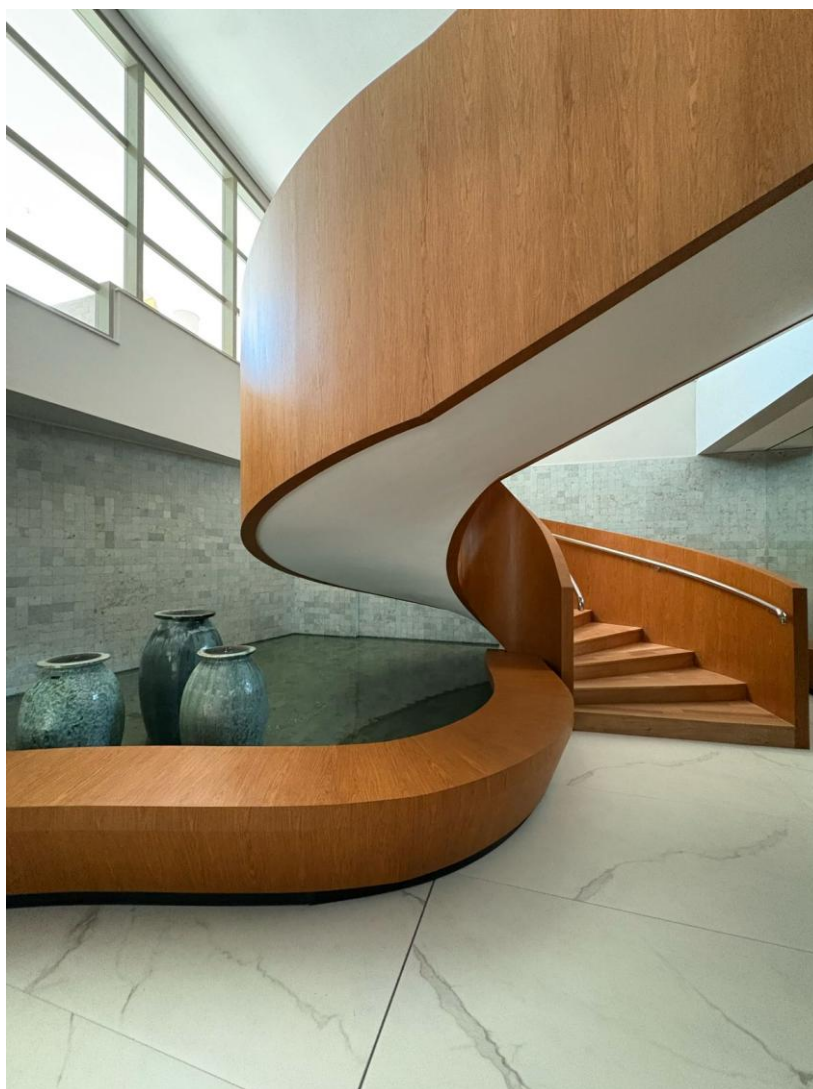
Figura 43 - Fachada do edifício Wave destacando a disposição das sacadas em “ondas”



Fonte: produção do autor

Ao entrar no hall da área comum do edifício, o primeiro elemento arquitetônico apresentado pelo corretor é a escada em espiral, com degraus e guarda-corpo em madeira. A inspiração para o formato da escada é a Sequência de Fibonacci, sequência aplicada em áreas da matemática, natureza, arte e arquitetura por sua relação com a proporção áurea. Na fala do corretor, a inspiração na sequência de Fibonacci buscou refletir a harmonia e a perfeição, atrelado a elementos da natureza.

Figura 44 - Escadaria em espiral inspirada pela Sequência de Fibonacci



Fonte: produção do autor

Logo de início o que se nota é novamente o apelo a elementos que instigam o capital cultural dos moradores. A inspiração em design aparece mais uma vez como um elemento distintivo, reconhecido por agentes que detém acúmulo de capital cultural.

Antes de adentrar ao apartamento, o corretor apresentou a área comum do condomínio onde se encontram itens de lazer e dependências de serviço. Toda a área de lazer do edifício se encontra no pavimento superior ao térreo, pois de acordo com o corretor a iniciativa se deu para que toda a parte frequentada pelos moradores esteja acima da altura da rua e, principalmente, possibilitando a vista para a cidade.

O condomínio conta com lounge de convivência, sauna, estar social, salões de festa, gourmet privativo com piscina, cozinha de apoio, piscina aquecida coberta, fonte e espelho d'água, espaço fitness, piscina externa, beauty care, pub gourmet, sala de jogos, deck com "prainha" artificial, playground, car wash, brinquedoteca e delivery hub.

Na apresentação dos itens de lazer, o corretor reiterou a intenção do edifício dispor de itens pensados para o conforto do morador para que ele possa vivenciar as experiências de lazer sempre tendo a cidade e o lago como vista.

Figura 45 - Páginas do material publicitário destacando a vista do edifício Wave



Fonte: Vectra Construtora

Ao apresentar a área externa da piscina, o corretor reiterou que a vista é permanente considerando dois motivos: o primeiro era o fato do edifício ser

construído no limite do perímetro permitido para edificações sobrepostas pela proximidade com o lago, o que já impediria a construção de um edifício que obstruísse a vista do Wave. O segundo motivo era sobre as casas em volta ao edifício serem casarões tradicionais de famílias permanentes na região, logo era improvável a venda para novas edificações. Cabe ressaltar que o segundo motivo apontado pelo corretor, novamente, demonstra sua perspectiva em relação ao bairro, visto que em sua fala ele sugere que os moradores dos casarões não venderiam suas casas pela valorização que os novos empreendimentos estão trazendo para a região, rementendo a frase dita anteriormente na visita: “onde a Vectra entra, ela melhora”.

Por fim, na área comum do edifício, o corretor apresentou uma escultura dourada posicionada no pátio central dizendo que a construtora pensa na elegância de seus clientes e a escultura foi instalada naquele espaço pelo fato dos clientes da marca gostarem de estar rodeados de elementos artísticos

Figura 46 - Escultura na área externa do edifício



Fonte: produção do autor

Retoma-se a concepção de reconhecimento de elementos do capital cultural presente no sentido do gosto de classe dos moradores. A fala do corretor sugere a admiração pela arte e elementos de design, o que na perspectiva bourdieusiana do gosto de classe demonstra que tal postura é reconhecida enquanto elemento distintivo por representar um gosto comum aos clientes da marca, além de representar o acúmulo de capital cultural o discurso de viver rodeado de elementos artísticos.

Durante a apresentação das áreas comuns do edifício e dos itens de lazer, notou-se que todas as áreas de serviço do edifício são escondidas por elementos arquitetônicos como painéis de madeira, paredes vazadas e portas ocultas na marcenaria. Questionado sobre tal observação, o corretor explicou que as áreas de serviços e áreas técnicas da garagem são disfarçadas por elementos arquitetônicos para o conforto dos moradores. De acordo com ele a construtora se preocupa com os detalhes estéticos por conta do alto padrão da edificação, assim as áreas técnicas como a garagem e os boxes de armazenamentos são pensados para serem esteticamente atraentes.

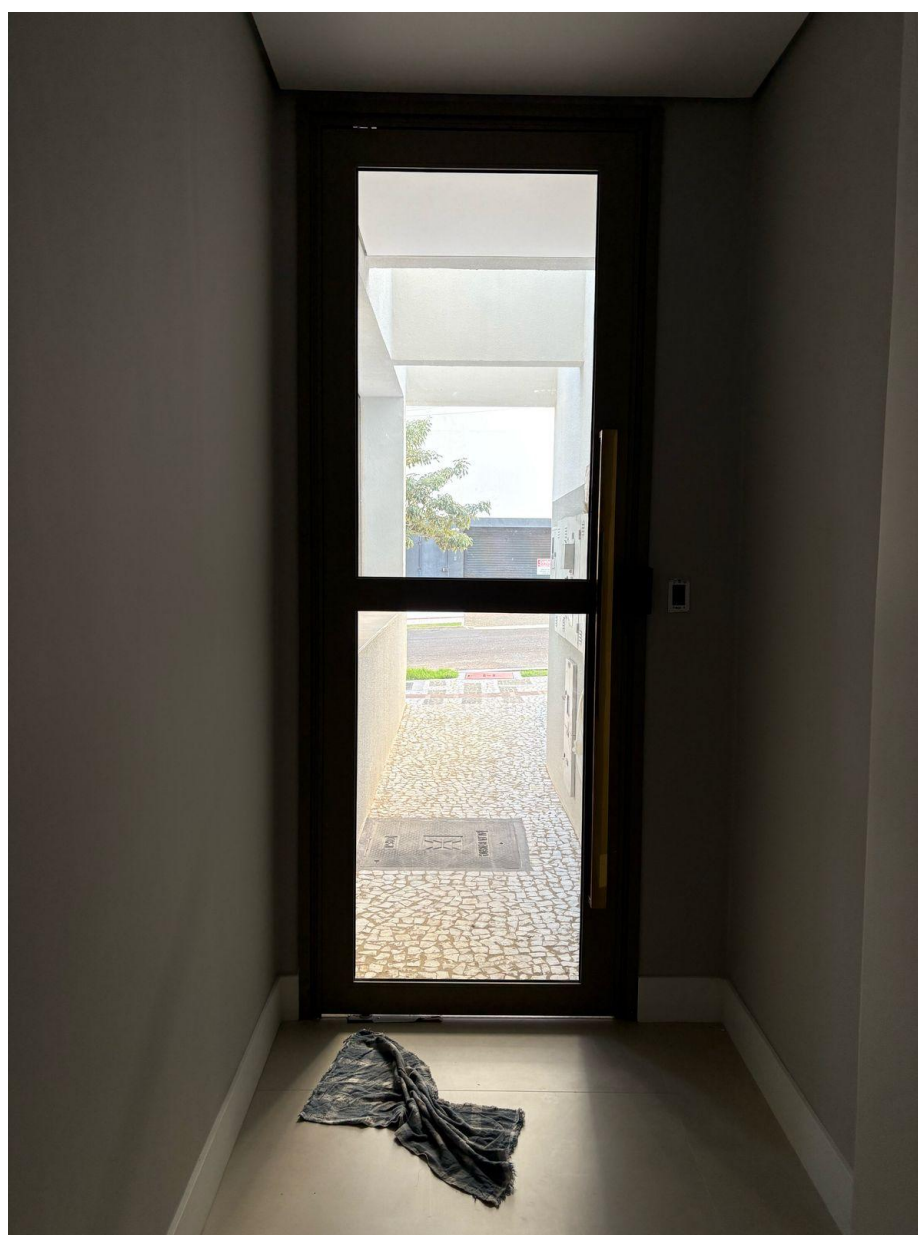
Figura 47 - Garagem do edifício Wave



Fonte: produção do autor

Nota-se o uso de iluminação, pintura das vagas e cobertura de áreas de armazenamento. Ainda sobre as áreas de serviço, o corretor relatou que toda parte de acesso de funcionários e equipe interna é feito por entradas exclusivas, além do uso de elevador de serviço. Nesse sentido, cabe a comparação entre a entrada de moradores e visitantes, destacada na figura 41 deste capítulo e a entrada de funcionários, equipe de segurança e limpeza, além de entregadores de encomendas e delivery destacada pela figura 46, apresentada a seguir.

Figura 48 - Entrada de funcionários do edifício Wave



Fonte: produção do autor

Na perspectiva bourdieusiana, insere-se diante deste elemento de separação entre agentes de frações de classes dominantes e agentes de frações de classes dominadas a distância de poder presente na dinâmica do espaço social em um formato específico, visto que o mesmo espaço físico contém dois espaços sociais bem estabelecidos e tais espaços só interagem na perspectiva da dominância.

Embora não seja objetivo da pesquisa analisar o processo histórico detalhadamente entre a interação das frações de classes dominantes e dominadas nessa região do espaço urbano de Londrina, visto que nas mansões do Bela Suíça a perspectiva de acessos separados para funcionário também existia, na Nova Prochet essa relação de dominância ganha uma roupagem sofisticada, oculta por elementos arquitetônicos que buscam garantir o conforto dos moradores. Nesse sentido, o conforto é a não convivência no mesmo espaço físico com agentes de classes dominadas, até mesmo que seja visual, a não ser que a relação seja de servidão.

Essa relação estabelece um fator relevante para a compreensão da dinâmica da disputa de posições do espaço social retraduzidos no espaço físico. Na Nova Prochet a permanência de pessoas é de grupos relativamente homogêneos, ou seja, das frações de classes dominantes, porém a região é frequentada por agentes das frações de classes dominadas como demonstrado no edifício Wave: separada e oculta por elementos da arquitetura, exceto por atividades de servidão. Tal relação é notada pela presença de inúmeros agentes de classes dominadas nos estabelecimentos comerciais e de serviços da região, como hospitais, lojas, supermercados e principalmente nos empreendimentos residenciais, o ponto-chave é que a presença desses agentes não é de pertencimento. O pertencimento é reconhecido somente pelos agentes das frações de classes dominantes.

Essa relação entre formas distintas de presença no espaço físico foi notada em toda a visita ao edifício Wave diante de tantos elementos arquitetônicos que separam as áreas de serviço das áreas de convivência. Essa separação se torna ainda mais evidente no apartamento visitado.

O apartamento visitado foi no segundo andar do edifício, considerando que a construtora possuía três unidades à venda, sendo as unidades do segundo andar, quarto andar e décimo-sétimo andar. O acesso se deu pelo elevador privativo, durante a subida o corretor explicou que, por serem 25 andares e uma unidade por andar, o edifício haveria poucos moradores, o que garantiria o conforto e a exclusividade, além da facilidade das tomadas de decisões condominiais, pois de acordo com o corretor um edifício como o Wave os poucos moradores entram em consenso facilmente. Ressalta-se aqui que tal fala foi apresentada na forma de garantir ao potencial comprador que no edifício não haveriam problemas típicos de condomínios com assembleias para tomadas de decisões administrativas e gerenciais, terminando sua fala com “pode ficar tranquilo”.

O corretor destacou alguns elementos sobre a arquitetura que foram lembrados durante toda a visita ao apartamento: o pé direito de cinco metros de altura na sala principal, o rodapé de 20cm feito em mármore travertino romano e a possibilidade dos revestimentos serem alterados por uma equipe de três arquitetas disponibilizadas pela construtora.

Figura 49 - Sala do apartamento no edifício Wave



Fonte: produção do autor

Sobre a apresentação do apartamento, o corretor lembrou a importância do empreendimento para a construtora, colocando-o como um reposicionamento da marca no mercado imobiliário da cidade. Nessa fala ele acrescentou que uma das unidades do edifício pertence a dona da construtora, demonstrando a confiança que a Vectra dispõe para o imóvel. Na mesma fala o corretor acrescentou que o influenciador digital londrinense Rezende também será um dos moradores do edifício, destacando que o mesmo até fez publicações em suas redes sociais já no imóvel.

É possível estabelecer uma relação da fala do corretor sobre os moradores em destaque do edifício com a perspectiva das dinâmicas de disputa de posições no espaço social. Sugere-se que a intenção da fala do corretor é enaltecer que o endereço está repleto de pessoas importantes, logo morar neste endereço é ocupar o mesmo espaço que tais pessoas. Nas disputas de posições no espaço social a proximidade com agentes que ocupam altas posições na hierarquia social é um elemento distintivo e nesse sentido morar no edifício Wave é um importante fator no acúmulo de capital social. A fala do corretor acerca dos moradores ilustres valoriza o capital social que o empreendimento fornece, já que foi reconhecido por tais moradores.

O corretor seguiu a apresentação sobre os diferenciais do imóvel ainda na sala principal, destacando que a motivação pelo pé-direito de cinco metros serve para destacar a vista para o lago e a cidade, assim como a varanda gourmet, que foi projetada para o morador estar próximo da natureza que a região oferece, de acordo com o corretor.

Figura 50 - Vista da varanda do apartamento destacando outro empreendimento da construtora com a Gleba Palhano ao fundo



Fonte: produção do autor

Figura 51 - Vista da varanda destacando parte do lago e o centro da cidade ao fundo



Fonte: produção do autor

Seguindo a visita pela suíte master, uma das quatro que o apartamento oferece, destaca-se o tamanho, a iluminação e a vista para o lago e a cidade. O corretor destacou a preocupação da construtora em posicionar o edifício de acordo com a melhor orientação para o sol, além do posicionamento da suíte master na planta ser na mesma orientação da sala principal e da varanda gourmet, pois a marca acredita que o ocupante da suíte master merece a principal vista do apartamento. Na mesma fala houve o destaque em como o posicionamento do edifício foi pensado para o apartamento se iluminar de acordo com a iluminação do pôr-do-sol, pois favorece uma iluminação mais dourada que destaca os elementos da arquitetura do apartamento.

Figura 52 - Suíte master direcionada na mesma orientação da sala



Fonte: produção do autor

Figura 53 - Banheiro da suíte master

Fonte: produção do autor

Na figura 52 e 53, destaca-se o tamanho do cômodo, a iluminação solar e a vista dos ambientes. No discurso do corretor apresentando o apartamento o que chama atenção é a forma de abordar o imóvel como uma peça de design minuciosamente projetada. Aproximando a fala do corretor da perspectiva bourdieusiana, nota-se que até a luz solar fornecida pelo pôr-do-sol, um fenômeno da natureza, aqui se transforma em elemento de distinção. É possível aproximar o apelo ao design com outro elemento teórico trabalho pela perspectiva bourdieusiana, principalmente em “A Distinção: Crítica Social do Julgamento”, que aprofunda a visão da estética em relação a funcionalidade (BOURDIEU, 2007).

A estética aparece enquanto elemento fundamental para o gosto de classe, trabalhado no primeiro capítulo da pesquisa. O que se nota no discurso de venda feito pelo corretor é como a estética fortalece o sentido do gosto entre

os agentes de frações de classes relativamente homogêneas (BOURDIEU, 2007).

Durante toda a visita ao apartamento, fica claro que há uma sobreposição da estética, e sua representação distintiva no reconhecimento por agentes de grupos semelhantes, sobre a funcionalidade, visto que em grande parte dos elementos arquitetônicos do edifício não há somente a preocupação com a função que ele cumpre, mas há também o espaço para projetar a estética que expressada.

A estética da arquitetura do apartamento e das áreas comuns do edifício são elementos distintivos, pois exerce papel fundamental na concepção do gosto de classe daqueles que se reconhecem em tais elementos. Nota-se que não somente os elementos de design são distintivos, mas também a preocupação em demonstrar tais elementos em todo o empreendimento. O discurso de venda do corretor focava constantemente em destacar o ar de sofisticação e elegância, o conceito de casa suspensa, a facilidade de poder realizar eventos nos salões de festa com salão de beleza anexado, o prazer em se sentar nas cadeiras da piscina e admirar a vista para o lago e a cidade, visto que o edifício foi projetado para isso. Nesse sentido o apelo a estética também é elemento distintivo.

O apelo à estética se dissolve na área de serviço do apartamento, onde o rodapé de mármore travertino romano dá lugar ao porcelanato. O elevador privativo com batente em mármore e leitor de biometria digital leva o morador diretamente para a sala principal, enquanto na área de serviço o elevador não há espelho, revestimento em inox e batente em mármore.

É necessário apresentar a planta do apartamento visitado antes de apresentar a área de serviço propriamente dita, visto que a planta oferece detalhes de metragem e disposição dos cômodos no apartamento.

Figura 54 - Planta baixa do apartamento no edifício Wave

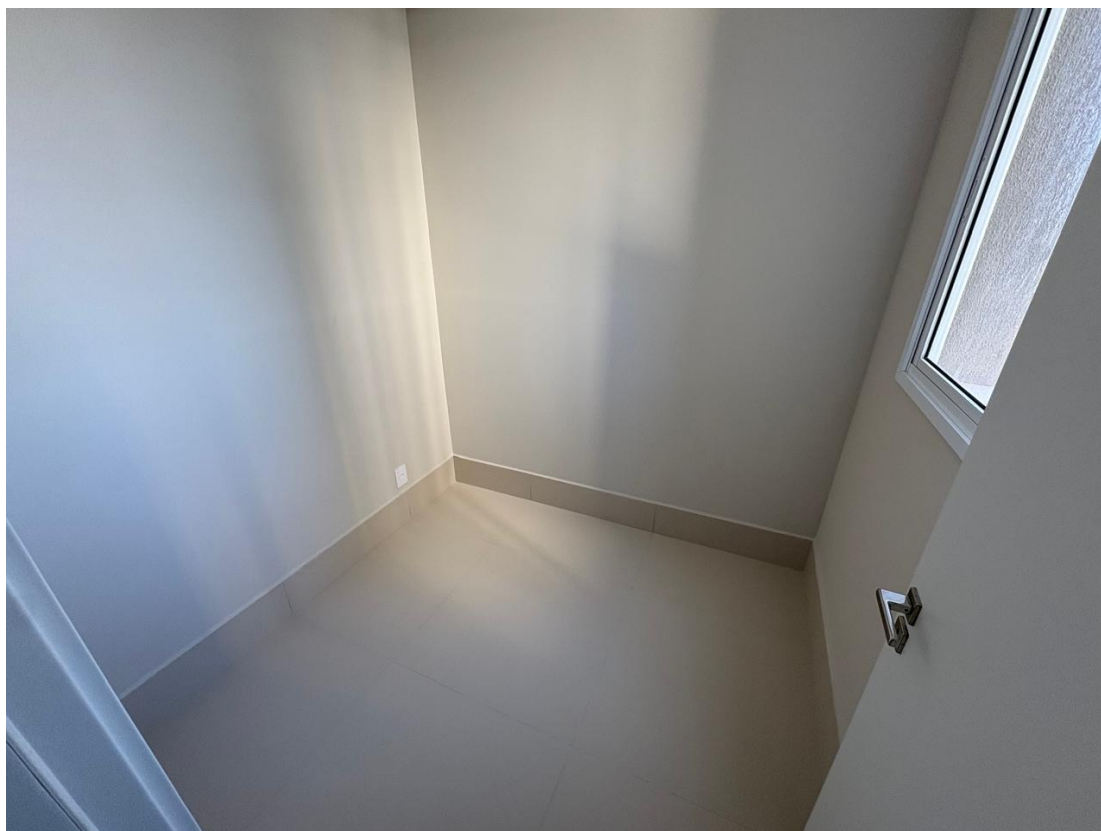


Fonte: Vectra Construtora

Na planta baixa apresentada pela figura 54 é possível notar a disposição da suíte master na mesma orientação da sala e varanda voltadas para a vista para o lago e a cidade. No canto inferior esquerdo, nota-se a área de serviço do apartamento composta por, da esquerda para a direita, escada de emergência, elevadores de emergência que funcionam por geradores, elevador de serviço e hall de serviço, lavanderia, banheiro de serviço e quarto de serviço, além da sacada técnica, onde ficam as condensadoras do ar-condicionado central.

O edifício Wave retoma o conceito de quarto de serviço, onde o agente que trabalha em serviços domésticos pode morar na mesma residência que o patrão. Seu acesso é feito pela mesma entrada demonstrada pela figura 45 presente neste capítulo, seguido de elevador próprio, sem entrar em contato com a área social do edifício e do apartamento.

Figura 55 - Quarto de serviço no apartamento no edifício Wave



Fonte: produção do autor

A figura 55 destaca o quarto de serviço da unidade visitada com o corretor. Notadamente é um ambiente pequeno, especificamente de 2,83m por 2,20m, sendo assim o menor cômodo tipo dormitório do apartamento. Não há rodapé de 20cm feito em mármore travertino romano e a vista da janela leva para a parte de trás do edifício, não há vista para a cidade e para o lago.

O quarto de serviço, ou o “quarto de empregada”, de acordo com a fala do corretor, presente no apartamento demonstra novamente a relação de distinção abordada anteriormente pela separação das áreas de lazer e de serviço por elementos arquitetônicos. No apartamento a separação do espaço físico é mais objetiva, sendo separado por uma porta na cozinha. Nesse sentido agentes de frações de classes dominantes e dominadas ocupam o mesmo espaço físico de forma distinta, enquanto a fração dominante consome o espaço físico pelo pertencimento e reconhecimento, a fração dominada não consome, não

pertence e se torna elemento de distinção para a fração dominante pela prestação de serviço.

No empreendimento, dispor de um quarto de serviço sugere a oferta da subserviência disponível constantemente para o futuro morador, fazendo com que essa possibilidade seja um elemento distintivo, ou seja, um diferencial que oferece mais “conforto” e “praticidade”. Na perspectiva sobre espaços consumíveis trabalhada no primeiro capítulo da pesquisa, reforça-se não só as formas distantes de como classes dominadas e dominantes coexistem no mesmo espaço físico de maneiras distintas, mas também como uma pode se tornar elemento de consumo da outra.

Assim, o edifício Wave demonstra de forma clara a relação de dominação no espaço social entre as classes sociais retraduzidas no espaço físico. O quarto de serviço, além de se tornar elemento distintivo pela oferta de serviço ao morador, demonstra como as frações de classes dominadas podem ocupar a Nova Prochet.

Ao final da visita o corretor se encaminhou para a porte-cochère do edifício lembrando os pontos principais da visita e retomando os destaques do bairro: proximidade com o lago, Mercadão da Prochet, outros edifícios da construtora e, principalmente, a proximidade com a área delimitada e vigiada do Bela Suíça. Em sua fala uma das últimas informações dadas pelo corretor apresenta a proximidade do sistema de segurança do Bela Suíça como um dos principais pontos a favor da segurança do bairro. Objetivamente o corretor apresenta de forma enfática que “ninguém tem coragem de realizar assaltos neste bairro” por conta da segurança já conhecida da região. Nesse sentido, a segurança presente no Bela Suíça antes das mudanças realizadas pela Nova Prochet ainda se mantém como elemento distintivo mesmo diante do processo de requalificação da nobreza urbana. O esquema rigoroso de segurança privada, entendida como mais forte e distintiva que a segurança pública, reforça o sentimento de espaço urbano seguro.

Ao retornar a sede da Vectra junto ao corretor novas informações foram apresentadas. A tabela de valores referentes ao apartamento no Edifício Wave foi apresentada, sendo duas unidades restantes nos valores entre 6 milhões e

300 mil a 7 milhões e 700 mil de reais. O corretor apresentou os valores dizendo apenas os números, como “seis e trezentos” e “sete e setecentos”, sem acrescentar a unidade dos milhões, demonstrando a familiaridade com o alto valor e sugerindo que o futuro comprador reconheça e já saiba lidar com valores tão altos de forma naturalizada. Ou seja, ao negociar uma unidade em um edifício na Nova Prochet, os valores ditados apenas em numerais como “sete e setecentos” não se refere a sete mil e setecentos reais, mas sim sete milhões e setecentos mil reais.

Após apresentar os valores do apartamento no edifício Wave, o corretor ressaltou a rede de comunicação entre os clientes da marca, que por serem clientes de *ticket* alto geralmente são agentes que detêm poderes decisórios e estão ciente de fatores de valorização imobiliária. A noção de *ticket* alto pode ser relacionada a uma espécie de fração de classe cuja composição de capitais converge com espaços urbanos altamente qualificados, sendo a relação entre clientes de alto poder aquisitivo ocupante de altas posições na hierarquia social e que convergem em *habitus* e gosto, postura e relações sociais.

Para exemplificar esse fato, o corretor informou que em breve haverá a construção de um novo *Shopping Center* entre as Avenidas Harry Prochet e Waldemar Spranger, sendo esta uma informação privilegiada compartilhada entre os clientes da Vectra. O corretor enfatizou que a construção do novo Shopping Center reforça a grande valorização imobiliária que a região está apresentando.

A rede de comunicação entre os clientes da marca de ticket alto, como sugere o corretor imobiliário, representa também a relação com o capital social, visto que o corretor sugere que os clientes da marca são relevantes no mercado imobiliário e estão informados sobre os novos rumos que podem valorizar ou não as diferentes regiões da cidade. Essa “rede” abordada pelo corretor reforça a ideia de disputa por posições mais altas no espaço social, sendo os clientes da Vectra ocupantes dessas posições. Tais posições demonstram o “lucro de localização”, concepção bourdieusiana que demonstra que a posição no espaço reificado é objeto de luta, pois oferece vantagens em correlação com os diferentes capitais. Nesse sentido, morar na Nova Prochet é estar inserido em um espaço reificado dotado de “lucros” que são vantajoso e representam aos

seus moradores os elementos distintivos que os definem para além do restante da cidade.

Ao finalizar as visitas nas unidades de *showrooms* das construtoras presentes na Nova Prochet e analisar os materiais entregues acerca dos empreendimentos, nota-se a importância de destacar uma informação relevante que compõe na forma de comunicação dos anúncios quem são os potenciais moradores sugeridos pelas construtoras e reconhecidos pela classe dominante: pessoas brancas. Não há em nenhum material iconográfico coletado das três construtoras londrinenes visitadas na pesquisa qualquer presença de pessoas pretas habitando um empreendimento na Nova Prochet.

Na perspectiva bourdieusiana a ausência de pessoas não-brancas é um elemento de reconhecimento pelas frações de classes sociais dominantes. No material iconográfico repleto de pessoas brancas vivenciando momentos de lazer ao entorno do lago e nas áreas comuns dos edifícios o elemento distintivo a ser expressado e reconhecido é da homogeneidade de grupos. A branquitude presente nos anúncios promove de forma simbólica para quem o bairro deve ser reconhecido.

Indo além, a presença de pessoas realizando atividades ao ar livre, usando roupas claras e leves ou esportivas sugere a conexão com o movimento “wellness”, conhecido comumente pelo reforço comportamental de ações de autocuidado, bem-estar e saúde mental e física. A “tendência” comportamental ganhou força na pandemia do Covid-19, sendo presente até em grifes de moda de alta costura que ao invés de focar em vestimentas sociais e conceituais, focam em roupas para exercícios físicos. Nesse sentido, retoma-se o *habitus* de classe presente nos materiais iconográficos da Nova Prochet que referencia tendências atuais de comportamentos das classes dominantes. O bem-estar atualmente é visto como um artigo de luxo.

Os materiais publicitários apresentados pelas construtoras e analisados neste capítulo demonstram de que forma que as construtoras expressam conceitos e elementos simbólicos que são possíveis de serem reconhecidos pelas frações de classes dominantes. Reforça-se que o papel dos materiais publicitários não é criar os elementos distintivos presentes na Nova Prochet, visto

que há a presença de londrinenses utilizando o entorno do Lago Igapó para atividades físicas e de lazer há muito tempo. A intenção de analisar os materiais publicitários é compreender de que forma as construtoras reincidem tais elementos para reforça-los enquanto distintivos.

O discurso de venda dos corretores apresentam de forma mais direta como os elementos físicos e simbólicos presentes no bairro ganham sentido na atualização do espaço urbano distintivo, como apresentado pelo corretor no final da visita ao apartamento no Edifício Wave, o sistema de segurança privada do Bela Suíça, já existente antes dos novos empreendimentos, ainda reforçam o sentido da segurança para o bairro, mesmo que os novos empreendimentos também possuam sistemas de segurança privada.

Ainda no discurso dos corretores, notou-se o apelo aos elementos físicos e simbólicos que tornam os empreendimentos e a região como distintivos. O conceito de gentileza urbana apresentado pelo corretor sugere a implementação pela arquitetura e por elementos físicos um conceito simbólico de espaço urbano acolhedor, seguro e receptivo aos moradores. Há também o mármore Travertino Romano presente no apartamento Wave, sendo um elemento físico da arquitetura que sugere que a construtora busca oferecer acabamento mais luxuoso.

A apropriação de elementos físicos e simbólicos enquanto distintivos é reforçada pelas construtoras e reconhecida pelas frações de classes dominantes que, ao reconhecerem tais elementos, se vêem presentes de um espaço urbano familiar aos seus *habitus* e gosto. Assim, a Nova Prochet garante o posicionamento das frações de classes dominantes tanto no espaço urbano londrinense quanto no espaço social, dado ao reconhecimento de pertencerem, consumirem e habitarem uma região enobrecida e distintiva da cidade.

Em suma, se o *habitat* contribui para fazer o *habitus*, o *habitus* contribui também para fazer o *habitat*, através dos usos sociais, mais ou menos adequados, que ele inclina os agentes a fazer desse mesmo *habitat*. É-se assim levado a duvidar da crença de que a aproximação espacial ou, mais exatamente, a coabitação

de agentes muito distanciados no espaço social pode, em si, ter um efeito de reaproximação social ou, preferindo-se, de dessegregação: com efeito, nada é mais distante e intolerável do que pessoas socialmente distantes que se encontram próximas no espaço físico. (Bourdieu, 2013, p. 139)

Por fim, essa seção do capítulo buscou apresentar os dados coletados na visita aos showrooms das construtoras que possuem empreendimentos na Nova Prochet enfatizando o discurso de venda de seus corretores imobiliários. Demonstrou-se assim os elementos físicos e simbólicos presentes no bairro apropriados pela construtora para reforçar a atualização do sentido distintivo, ou seja, em como a construtora se apropria de características já existentes no bairro para reforçar a ideia de nobreza urbana.

Devido aos dados apresentados nessa subseção com a leitura realizada sob a perspectiva bourdieusiana, sobretudo a dialética espacial, o que se nota é o fortalecimento do processo de requalificação da nobreza urbana através da apropriação de elementos distintivos e da atualização desses elementos. Em suma: a requalificação da nobreza urbana é notada pela atualização do estilo de vida urbano, conectado com a cidade e com a natureza, fortalecidos pelo bem-estar e pelos serviços urbanos *premium*. O material publicitário apresentado, bem como o discurso de venda dos corretores imobiliários reforçam como se dá o processo da requalificação da nobreza urbana, apresentando o estilo de vida, o *habitus* de classe e o gosto de classe como elemento distintivo do bairro. Como demonstrado por Bourdieu (2013): “Pode-se ocupar fisicamente um *habitat* sem habitá-lo, propriamente falando, se não se dispõe dos meios tacitamente exigidos, a começar por um determinado *habitus*” (Bourdieu, 2013, p. 139)

As construtoras ao transformar o espaço físico da Nova Prochet, transformam também o espaço social e simbólico. Sob a ótica da dialética espacial bourdieusiana é possível compreender como a atualização dos elementos distintivos realizado pelas construtoras contribuem para a atualização do que é compreendido como característica enobrecida tanto nos espaços de disputas sociais, como os exemplos de novos moradores destacados pelo corretor na visita ao edifício Wave, bem como no espaço físico como a própria

construção das torres e de seus elementos arquitetônicos, como a gentileza urbana e as fachadas homenageando Tom Jobim, além da apropriação de espaços públicos para serviços selecionados, como o hospital particular às margens do Lago Igapó.

Atualiza-se assim o “novo tipo” de morador com a Nova Prochet representado pelo ponto de vista das construtoras: em busca do estilo de vida urbano, conectado com as áreas relevantes para ele na cidade, próximo de serviços urbanos *premium*, próximo de áreas verdes onde possa se exercitar e passear, além de morar em um condomínio aparatado com segurança e monitoramento modernos, poucas unidades habitacionais, acabamentos arquitetônicos sofisticados, vizinhos com grande capital social e ainda com disponibilidade de serviços domésticos realizados por agentes de frações de classes dominadas até mesmo dentro de casa.

Quando posto em comparação com o antigo morador da região composta principalmente pelo Bela Suíça e o Tucanos, há alguns diferenciais no que se entende como estilo de vida de classe: moradores preocupados com a segurança das ruas, mantendo a privacidade e garantindo o pouco fluxo de pessoas, se afastando de problemas urbanos como o trânsito e a criminalidade e reforçando a pacatez e a tranquilidade.

Buscando aprofundar a compreensão dos corretores imobiliários acerca de como a Nova Prochet se posiciona no mercado imobiliário londrinense, a pesquisa buscou ouvir corretores imobiliários não vinculados às construtoras visitadas para coleta de dados. A próxima seção do capítulo visa apresentar e analisar a fala dos corretores e seus diferentes pontos de vista sobre a Nova Prochet.

3.3 A POSIÇÃO DA NOVA PROCHET NO MERCADO IMOBILIÁRIO LONDRINENSE

Buscando aprofundar o posicionamento da Nova Prochet no cenário urbano de Londrina, a pesquisa buscou ouvir corretores imobiliários que não estivessem inseridos nas construtoras que estão empreendendo na Nova

Prochet. Assim, há a intenção de investigar de que forma a Nova Prochet é inserida no mercado imobiliário londrinense e quais são os elementos distintivos reconhecidos por tais corretores, bem como a motivação da Nova Prochet ser o novo espaço distintivo londrinense.

Antes de apresentar o diálogo com os corretores, é importante reafirmar que as conversas seguiram de forma informal, sem apresentar uma estrutura de entrevista que pudesse coletar qualquer dado sensível de qualquer corretor. Houve corretores que preferiram realizar ligações por telefone, como também corretores que preferiram apenas enviar mensagens de texto ou de áudio.

Reitera-se também a dificuldade de acessar os corretores imobiliários sem apresentar a motivação de compra de um imóvel, fato notado pelas negativas recebidas nas tentativas de contato. Assim, foram contatados quatro corretores imobiliários não vinculados às construtoras. Apresenta-se a seguir o relato dos contatos realizados.

O primeiro corretor contatado via telefonema não trabalhava em setores do mercado imobiliário de luxo, logo não tinha experiência em regiões como a Nova Prochet. O corretor afirmou que no mercado imobiliário há setores distintos que são delimitados pelas diferentes regiões da cidade de Londrina. Ele detinha conhecimento sobre sua região de atuação: Centro e Zona Leste. Por fim, reiterou que a Zona Sul de Londrina é especificada como mercado imobiliário de alto padrão e possui serviços de corretores especializados para este público.

Diante das informações do corretor, nota-se que para adentrar no mercado imobiliário de alto padrão, deve-se ter capacidades específicas para atender as frações de classes mais altas. Assim, o que se nota além do reforço da ocupação das classes dominantes na Zona Sul da cidade é a adaptação cultural que o corretor deve atingir para contatar as frações de classes mais altas. Reitera-se a noção de intermediadores culturais dada aos corretores na perspectiva bourdieusiana, inserindo-os como um “meio” entre os potenciais moradores e os pontos de vista de habitus de classe sugeridos pelos empreendimentos.

O segundo corretor, indicado pelo primeiro por ser um corretor preparado para o mercado imobiliário de alto padrão, informou que não trabalha mais em

Londrina, mas que reconhece a Zona Sul londrinense como o principal vetor de desenvolvimento da construção civil e do mercado imobiliário enobrecido. Ao contatá-lo, reforçou que hoje trabalha no mercado imobiliário de luxo de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Miami.

As terceira e quarta corretoras foram contatadas ao mesmo tempo devido ao fato de trabalharem na mesma imobiliária. Em um telefonema foram questionadas sobre a percepção geral do mercado imobiliário londrinense, como resposta informaram que a Zona Sul possui os bairros mais procurados por clientes que buscam sofisticação, segurança e conforto. Repetiram termos comumente usados como “melhores bairros” ou “que têm mais coisa”, ou seja, com maior disponibilidade de serviços urbanos.

Ao serem questionadas sobre a Nova Prochet, as corretoras afirmaram serem moradoras da região e relataram que o bairro está altamente aquecido com as novas torres além de estar “crescendo muito”. Como destaque, apresentaram o novo templo dos mórmons, em construção na Av. Waldemar Spranger, além da proximidade com o centro e com a Gleba Palhano. Como justificativa, afirmaram que o templo irá valorizar o bairro por ser “muito bonito”.

Uma das corretoras ressaltou “lá tem muitos investidores, magistrados, compradores com mais orçamento, os próprios moradores do bairro estão se mudando para as torres”. Assim, o que se nota da afirmação da construtora são as características simbólicas dos novos moradores da Nova Prochet, além de reiterar uma fala presente no discurso de venda do corretor imobiliário da Construtora Vectra de que moradores do bairro, como a dona da construtora, estão se mudando para as novas torres.

As corretoras compararam a Nova Prochet com o Centro a fim de expressarem a forma como vêem o bairro, sendo o Centro composto por edifícios mais antigos, com apartamentos grandes, porém sem itens de lazer e sem sistemas de seguranças sofisticados. Em sua fala, uma das corretoras afirmou que no Centro é possível encontrar bons apartamentos por um milhão, mas na Nova Prochet se encontra unidades por dois ou três milhões com muito mais itens de lazer.

Ao serem questionadas sobre as diferenças entre a Gleba Palhano e a Nova Prochet, as corretoras foram enfáticas em destacar que os apartamentos da Nova Prochet são bem maiores, além de ter um preço muito mais elevado que a Gleba Palhano. Sobre a infraestrutura urbana, destacaram que a Nova Prochet é cruzada por grandes avenidas que liga a região com outras áreas da cidade e a Gleba Palhano não, logo o trânsito é muito mais lento no bairro vizinho. Questionadas se o trânsito é uma preocupação para elas na Nova Prochet, afirmaram que não devido ao fato das avenidas serem preparadas para o grande número de tráfego. Uma das corretoras afirmou “a Gleba liga nada a lugar nenhum, aqui temos saídas para cidade inteira, é muito bem localizado”.

Nesse sentido, reforça-se o discurso apresentado por outros corretores sobre o estilo de vida urbano e conectado que a Nova Prochet sugere, visto que a região busca ser conectada com o restante da cidade como um elemento distintivo.

As corretoras foram questionadas sobre a polêmica apresentada em jornais locais sobre os antigos moradores do Bela Suíça a respeito do processo de verticalização. Como resposta afirmaram que o Bela Suíça possui casas que estão há anos na mesma família e que duvida de qualquer possibilidade de venda, porém a opinião de uma delas muda ao dizer que existem casarões muito mal cuidados e que acredita que as construtoras vêem essas residências como possibilidade de construção. Nota-se, assim, que embora o Bela Suíça se mantenha com suas características tradicionais, elas acreditam que possam haver futuras transformações.

Ao apresentar questionamentos sobre o ponto de vista das corretoras enquanto moradoras da região que compõe a Nova Prochet sobre o processo de verticalização e adensamento presente no bairro, ambas afirmaram que vêem as mudanças com bons olhos, acreditando que as mudanças trazidas pelo processo são positivas para o bairro e para a cidade, pois aquecem o mercado imobiliário.

Aprofundando a discussão sobre o atual cenário da Nova Prochet, as corretoras justificaram suas respostas atrelando o papel das construtoras como benéfico aos antigos moradores, que estão vendo suas residências e seus

terrenos serem amplamente valorizados, além do bairro estar na mira de investidores e comerciantes que constróem clínicas médicas, lojas, mercados, restaurantes e estabelecimentos de lazer. Reforçaram novamente a presença do novo templo dos mórmons como um provável ponto turístico da cidade, além da segurança maior que os edifícios residenciais oferecem por possuírem guaritas voltadas para a rua e seguranças internos.

Uma das corretoras afirmou que a insatisfação de moradores em relação às construtoras pode ser resolvida com a venda do imóvel ou do terreno, reiterando que ainda assim a relação é benéfica pois o preço da venda do imóvel do morador insatisfeito será mais alto devido a valorização. Assim, ambas se apresentam à favor do processo de verticalização e adensamento, acreditando que o papel das construtoras traz benefícios ao bairro.

Questionada sobre a alta quantidade de torres piorar o trânsito local devido ao adensamento, ambas afirmaram que não acreditam que será um problema futuro devido a infraestrutura das vias urbanas, ao fim uma delas afirmou “aqui tem muito espaço para crescer, as construtora estão valorizando o bairro”.

Diante do diálogo realizado com os corretores imobiliários contatados, destaca-se a Nova Prochet enquanto referência no mercado imobiliário de alto padrão da cidade, bem como o olhar para o desenvolvimento da Zona Sul de Londrina. No diálogo com as corretoras e moradoras da Nova Prochet, o que se nota é um ponto de vista distinto dos antigos moradores expressados através da Associação dos Moradores do Bela Suíça, que apresentaram diversos fatores contrários às mudanças no bairro.

As corretoras e moradoras contatadas se posicionam a favor do processo de verticalização e adensamento. Considerando suas opiniões acerca do atual cenário de transformação da Nova Prochet, as corretoras acreditam que o processo de requalificação da nobreza urbana representa um processo de desenvolvimento benéfico para o bairro.

A presente pesquisa não busca reforçar os diferentes pontos de vista sobre o processo de requalificação da nobreza urbana ser benéfico ou não, mas sim busca compreender como se dá tal processo e como ele se insere no espaço

urbano londrinense. Sendo assim, diante do ponto de vista das corretoras e moradoras e levando em consideração a perspectiva bourdieusiana, sobretudo a dialética espacial sintetizada por Wacquant (2023), os diferentes pontos de vista a respeito do processo de requalificação da nobreza urbana fortalecem a perspectiva de disputas do espaço social.

Assim, embora o processo de requalificação da nobreza urbana possua agentes contrários ele está ocorrendo sob a perspectiva do poder simbólico, visto que o poder simbólico se apresenta enquanto definidor, nomeador e norteador das características distintivas do espaço urbano. Os agentes que reconhecem tais mudanças enquanto benéficas garantem assim a manutenção do pertencimento e do reconhecimento nas posições mais altas das disputas no espaço social e se fortalecem em sua presença no espaço físico que se atualiza enquanto enobrecido.

Por fim, a próxima seção do capítulo busca apresentar brevemente a perspectiva sobre o futuro da Nova Prochet e das transformações do espaço urbano, sobretudo na Zona Sul de Londrina.

3.4 O FUTURO DA NOVA PROCHET E A EXPANSÃO DOS ESPAÇOS DISTINTIVOS EM LONDRINA

Embora a seção anterior abordou os diferentes pontos de vista dos corretores imobiliários a respeito do processo de transformação da Nova Prochet, sobretudo o ponto de vista das corretoras que moram na região, a seção atual retomará o discurso de vendas do corretor imobiliário da construtora Vectra. A apresentação dos elementos nessa seção insere a perspectiva que a construtora nomeadora da Nova Prochet enxerga para o futuro próximo no que diz respeito as transformações no espaço urbano e no mercado imobiliário.

Durante a visita ao showroom da construtora Vectra, o corretor imobiliário ao finalizar a demonstração dos valores e informações sobre o edifício Wave apresentou brevemente o que a construtora enxerga enquanto possibilidades para o futuro. Em primeiro lugar, a construtora planeja novos empreendimentos

na Nova Prochet em terrenos que já estão sob seu domínio. Esses novos empreendimentos estão planejados para serem anunciados nos próximos anos.

Em segundo lugar, a construtora planeja expandir sua presença no mercado imobiliário começando a lançar empreendimentos em um bairro ainda pouquíssimo ocupado pelo mercado imobiliário, sendo este o bairro o Jardim Botânico. Assim, a construtora planeja iniciar novos processos de verticalização próximos ao Jardim Botânico de Londrina, que já apresenta transformações na infraestrutura viária, além da construção de um novo hospital particular de grande porte da seguradora Unimed.

Figura 56 - Novo hospital Unimed em Londrina localizado na Av. dos Expedicionários

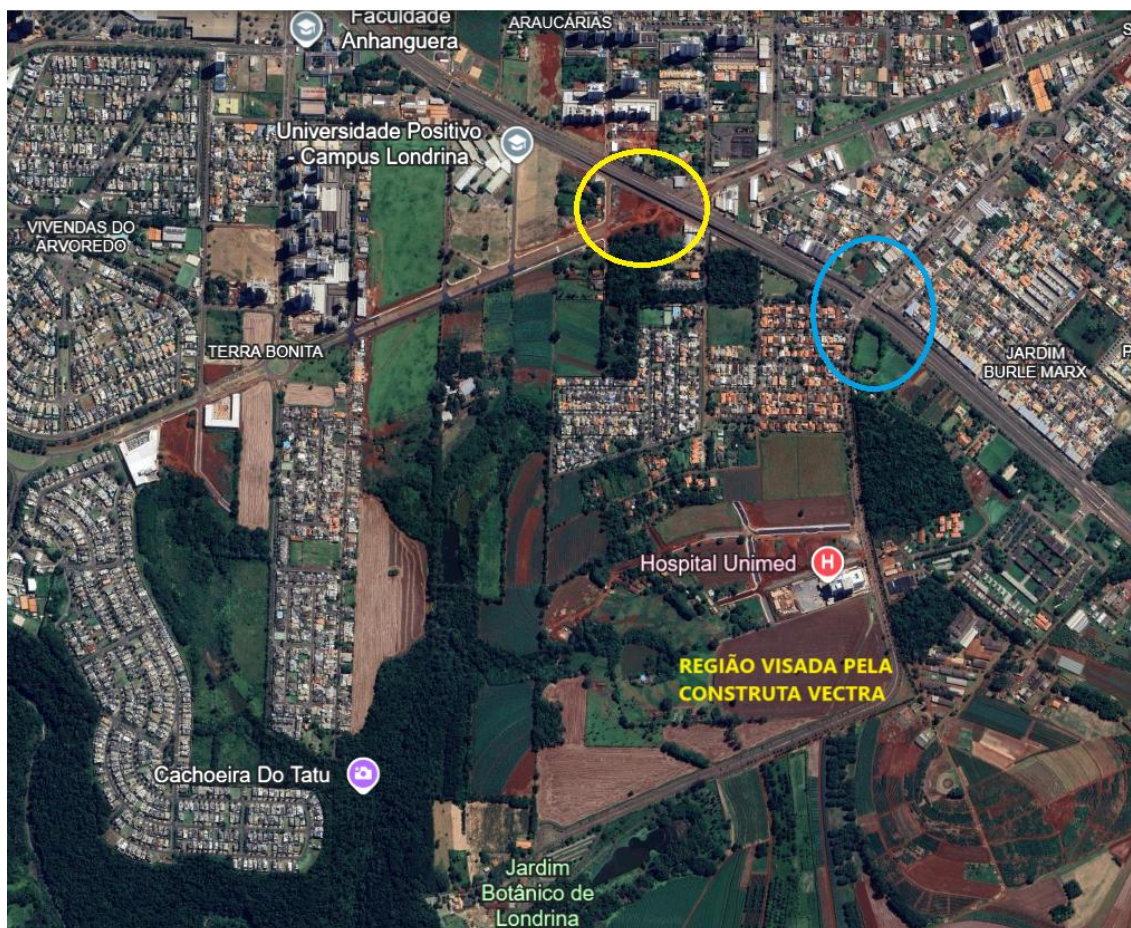


Fonte: Unimed Londrina

A região do Jardim Botânico é composta pela área interligada pela continuação da Av. Harry Prochet, que se transforma na Av. dos Expedicionários e a expansão da Av. Waldemar Spranger até os condomínios do Alphaville. Sendo assim, a expansão da Nova Prochet visa aumentar a presença de empreendimentos de alto padrão em seu entorno. O poder público já realiza

transformações na infraestrutura urbana para comportar a expansão da ocupação nessas regiões.

Figura 57 - Mapa da região visada pela Vectra Construtora para novos empreendimentos



Fonte: Google Earth / edição própria

No mapa apresentado na figura 57, destaca-se circulado em amarelo a conexão viária entre as avenidas Waldemar Spranger e Octávio Genta e circulado em azul a conexão entre as avenidas Harry Prochet e Expedicionários. Na parte inferior da imagem se destaca o novo hospital da Unimed, a região visada para novos empreendimentos da construtora Vectra e, por fim, o Jardim Botânico de Londrina. Nota-se também o início do loteamento da região e a pavimentação próximas ao novo hospital.

Dessa forma, a Construtora Vectra busca continuar seu pioneirismo na verticalização de regiões enobrecidas, visando expandir e conectar áreas reconhecidas enquanto bairros nobres na Zona Sul, sendo o principal deles a Nova Prochet.

Por fim, uma nova construtora surge no mercado imobiliário londrinense no ano de 2025, a BILD, visando empreendimentos de alto padrão na Nova Prochet. Possui sua sede na Av. Adhemar Pereira de Barros, em frente a sede da construtora Vectra e já possuem lançamentos próximos, com materiais publicitários parecidos com as outras construtoras.

Figura 58 - Material publicitário construtora BILD

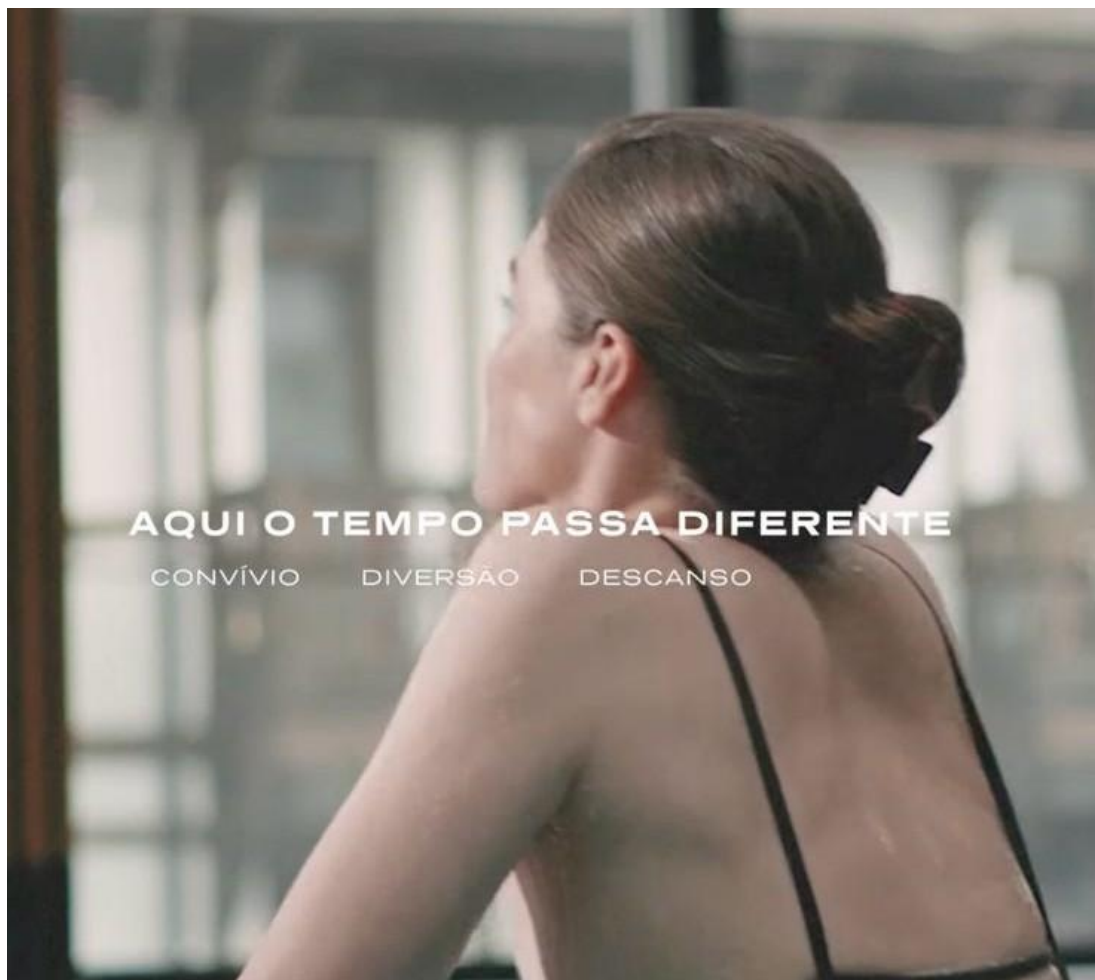


Fonte: Construtora BILD/Instagram

Apelando ao conforto e ao diferencial de bem-estar presente na Nova Prochet, a construtora recém-chegada mantém os elementos distintivos de outras construtoras para fortalecer a caracterização da Nova Prochet enquanto espaço urbano enobrecido. Evidenciado pelo uso do nome implementado pela construtora Vectra, não só presente nos materiais publicitários da nova

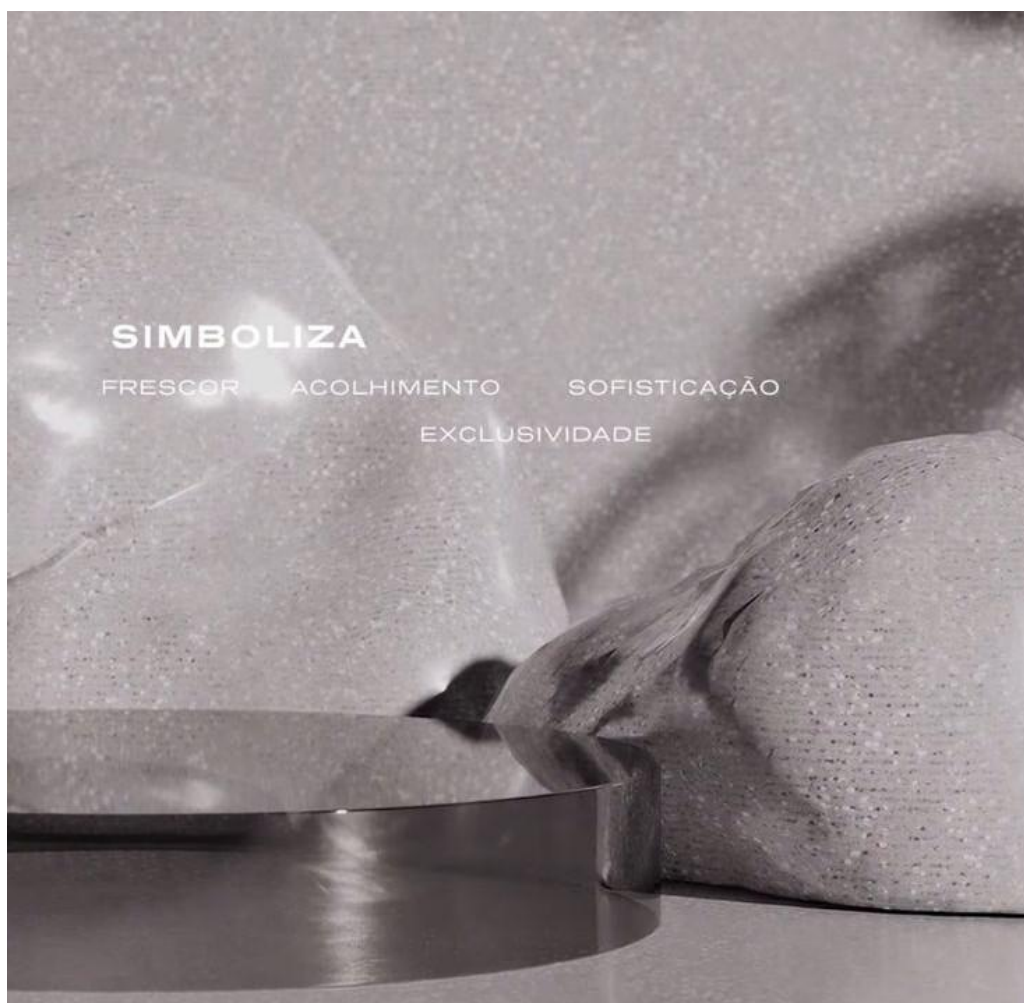
construtora em operação na região, mas também nos corretores que não são vinculados à Vectra. Assim, reforça-se a noção do poder de nomeação, tendo o espaço físico nomeado como Nova Prochet e reproduzidos entre os intermediadores culturais que operam em tal espaço.

Figura 59 - Material publicitário construtora BILD



Fonte: Construtora BILD/ Instagram

Figura 60 - Material publicitário construtora BILD



Fonte: Construtora BILD/ Instagram

Não apresentando nenhuma pessoa não-branca em seu material publicitário, a BILD reforça que todos elementos da vida cotidiana é diferente na Nova Prochet, bem como a construtora Vectra que se apropria de sentidos como bem-estar, conforto e lazer como elementos distintivos. Reforça-se também o apelo a sofisticação e exclusividade, tons neutros e modernidade.

Por fim, a nova construtora presente na região da Nova Prochet demonstra alinhamento no sentido da requalificação da nobreza urbana, focando nos mesmos elementos distintivos que outras construtoras para caracterizar e descrever como a Nova Prochet exerce seu papel no mercado imobiliário londrinense.

Diante do atual cenário de transformação da Nova Prochet, reitera-se a região como novo espaço distintivo de Londrina pela apropriação de elementos físicos e simbólicos que atualizam o sentido de enobrecimento pelo estilo de vida urbano reconhecido pelas frações de classes mais altas. E pela configuração de um espaço relativamente homogêneo, no sentido de que

[...] todas as distinções propostas em relação ao espaço físico residem no espaço social reificado [...], que é definido pela correspondência entre uma determinada ordem de coexistência dos agentes e uma determinada ordem de coexistência das propriedades. (Bourdieu, 2013, p. 133)

Por fim, o atual capítulo buscou atrelar a teoria bourdieusiana ao caso da Nova Prochet onde o processo de requalificação da nobreza urbana se dá pela atualização do sentido do que é reconhecido como distintivo urbano, não sendo um processo de gentrificação ou de criação de espaços físicos homogêneos pelo distanciamento ou enclaves fortificados como visto por Caldeira (1997), mas que converge o processo de sedução realizado pelo mercado imobiliário com as características distintivas do estilo de vida atualizado das classes dominantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada surgiu a partir da observação de um fenômeno de transformação no espaço urbano. Em uma caminhada no entorno do Lago Igapó, costume “comum” aos londrinenses residentes do Centro e Zona Sul, uma esfera do objeto de pesquisa se faz presente diante das construções de edifícios residenciais e comerciais que mudaram a paisagem urbana da região sudoeste da cidade. A iniciativa de explorar este processo a fundo revelou outras esferas repletas de conteúdos multidimensionais: tratava-se não apenas de construções elevadas que interferiam na paisagem, mas sim parte de um movimento histórico de transformação urbana que anunciava modificações no campo das políticas públicas e na dinâmica social entre os londrinenses. Assim, o caso da Nova Prochet chama atenção aos olhos dos que questionam a cidade.

A partir dos questionamentos e da exploração de um processo multidimensional, ou seja, que está para além de apenas um prisma da observação sociológica, notou-se a necessidade de observar tal fenômeno sob a ótica de uma metodologia que comporta a relação intrínseca entre mais de uma forma de visualizar. A dialética espacial bourdieusiana, sistematizada por Wacquant e presente em todo o andamento da pesquisa, toma conta de agregar a tridimensionalidade entre as topografias física, social e simbólica que o caso apresenta.

Assim, apoiada em Pierre Bourdieu, a pesquisa observa o processo de requalificação da nobreza urbana da Nova Prochet se aprofundando na correlação entre o espaço físico, social e simbólico, trazendo não apenas o ponto de vista da transformação urbana pelo olhar econômico, pela gentrificação ou pela livre vontade dos agentes do mercado imobiliário, mas sim mergulhando nas razões simbólicas dos sentidos e dos diferentes pontos-de-vista diante do processo de requalificação. Sendo assim, a dialética espacial bourdieusiana aplicada ao caso da Nova Prochet chega como uma novidade nos estudos sobre a cidade agregando a perspectiva do espaço reificado, ou seja, do espaço “nomeado e significado” por um processo complexo de congruências de percepções entre grupos relativamente homogêneos.

A pesquisa buscou apresentar em seu primeiro capítulo o vasto apoio teórico bourdieusiano, dialogando com perspectivas já presente nos estudos urbanos como as noções do “direito à cidade” de Lefebvre (2001) e a da distinção pelo distanciamento presente nos estudos sobre os enclaves fortificados de Caldeira (1997), conferindo consistência ao uso da dialética espacial. Por se tratar de uma perspectiva teórica relativamente nova nos estudos urbanos, notou-se a necessidade de o capítulo se estender nos conceitos teóricos bourdieusianos a fim de tornar consistente sua presença na literatura da Sociologia Urbana. O capítulo abordou os conceitos do espaço físico, social e simbólico, aprofundando-se nos sentidos de classe para Bourdieu e reforçando o processo de disputa por posições no espaço social, sendo que tais disputas são retraduzidas no espaço físico.

Ainda no primeiro capítulo, a pesquisa propôs um olhar mais atento a como Bourdieu apresenta a percepção dos sentidos e do gosto de classe, demonstrando como grupos relativamente homogêneos se convergem pelo habitus de classe a fim de reforçar a presença em suas posições na disputa pelo espaço social. Essa disputa é metrificada muitas vezes pela dinâmica dos agentes com o acúmulo de diferentes capitais, outro importante elemento teórico bourdieusiano destacado pela pesquisa. É a partir da dinâmica dos capitais que o espaço social se transforma.

O capítulo propôs adentrar no campo da Sociologia do Consumo como forma de aprofundar a relação atual dos agentes com o espaço físico a partir da perspectiva dos espaços consumíveis. Nesse sentido, a Nova Prochet ganha elementos que dinamizam seu “valor” real e simbólico no mercado imobiliário de Londrina – PR, evidenciados pela presença de serviços urbanos “*premium*” além das edificações de alto padrão que dão sentido ao espaço distintivo.

Por fim, o capítulo destaca que a perspectiva bourdieusiana, bem como a dialética espacial, propõem a análise do caso da Nova Prochet sob a relação entre os espaços físico, social e simbólico, demonstrando como as diferentes topografias congruem para a retradução das disputas do espaço social entre as frações de classes dominantes e dominadas no espaço físico urbano através dos elementos e características do espaço simbólico, que dão sentido as

interpretações do que é sofisticação, exclusividade, bem-estar e estilo de vida urbano.

O segundo capítulo buscou destrinchar o processo histórico dos espaços distintivos da cidade de Londrina – PR, servindo como plano de fundo dos processos de transformações das políticas públicas urbanísticas, que demonstram e reforçam a dinâmica de poder presentes no espaço social e retraduzidas no espaço físico. O espaço distintivo é marcado pela mudança de sentido de nobreza simbolicamente e fisicamente, respectivamente costumes, estilos de vida, relações sociais e posição física na cidade, serviços urbanos e arquitetura das edificações, por exemplo. O capítulo destacou a relação próxima entre “público e privado” no processo de formação e desenvolvimento urbano da região, ainda presente nos dias atuais e evidenciados pelo caso da Nova Prochet, que reforça a forte presença do setor da construção civil na cidade.

O segundo capítulo, ao se debruçar no processo histórico dos espaços distintivos, apresenta tanto as transformações de infraestrutura urbana na região da Nova Prochet, quanto no processo de articulação política para garantir intervenções e modificações na paisagem urbana. O alargamento das avenidas, a expansão das conexões viárias e a proximidade com o Lago Igapó servem como base para o atual cenário de verticalização de alto padrão que ocorre no bairro. Assim, no campo político ocorreram articulações tipicamente comuns nas disputas pela tomada de decisões que demonstraram de que forma o processo de requalificação da nobreza urbana se torna legitimado pelo poder público, destacando assim o Estado como um importante articulador da transformação urbana.

O segundo capítulo, enfim, demonstrou de que forma a aplicabilidade da dialética espacial junto aos conceitos de Bourdieu nos estudos urbanos, apresentando as transformações dos espaços distintivos da cidade como um processo fortemente simbólico, inferido pelos sentidos, pelo *habitus* e pelo estilo de vida das porções mais altas das classes dominantes. Em suma, os espaços distintivos da cidade se iniciam pela formação do Centro, evidenciando a proximidade aos aparelhos urbanos e ao estilo de vida conectado, partindo para a Gleba Palhano e Alphaville, destacando o distanciamento como uma forma de distinção, obtendo suas próprias características que os distanciam ainda mais

do Centro e por fim, a Nova Prochet, que se apresenta enquanto uma novidade ao trazer elementos inéditos ao mercado imobiliário e o apelo ao estilo de vida urbano também conectado, com o diferencial dos serviços *premium*, além da presença de elementos próprios que os promovem para além das outras regiões da cidade, não sendo apenas uma questão do campo econômico, visto que é possível encontrar imóveis com preços relativamente semelhantes em outros bairros, porém sem o mesmo sentido que a Nova Prochet propõe.

O segundo e o terceiro capítulo também evidenciam a complexa divergência de sentidos do que é nobreza urbana para frações distintas das classes dominantes, visto que antigos e novos moradores não concordam com o que é entendido como “bairro nobre”, sendo os antigos moradores detentores da tradicionalidade, da sensação de segurança fornecida pela tranquilidade e pela pacatez do bairro, além da rejeição ao fluxo de pessoas que não ocupam o espaço físico da região. Diferentemente dos novos e potenciais moradores, que veem na Nova Prochet um sentido de nobreza voltado a exclusividade, ao sofisticado e ao estilo de vida urbano conectado e verticalizado. Nesse sentido, a divergência de percepções e o movimento no campo político para negociar as modificações no espaço físico causadas pelas construtoras demonstram a disputa de poder no espaço social, destacando a constante movimentação de grupos relativamente homogêneos manterem suas posições na hierarquia social.

O terceiro e último capítulo apresenta a dimensão subjetivista da pesquisa, adentrando nas dinâmicas do mercado imobiliário londrinense com o objetivo de analisar o que promove a Nova Prochet enquanto espaço distintivo em Londrina – PR. O capítulo se aprofunda no contato com agentes imobiliários que exercem o papel de intermediadores culturais entre os empreendimentos e os possíveis compradores e consumidores de tais espaços. Para a análise, o capítulo apresentou os dados coletados em visitas as construtoras dos empreendimentos de alto padrão, analisando o discurso de venda dos corretores e o material publicitário anunciando as características dos imóveis. A decisão de contatar corretores imobiliários e se apresentar como um possível comprador se reforça nos elementos presentes nas concepções de espaços consumíveis e pela não interferência de sentido encontrado nos discursos.

A visita em destaque relatada no capítulo foi a da construtora Vectra, pioneira na verticalização e nomeadora da região estudada, o corretor demonstrou conhecimentos sobre o estilo de vida elitizado das frações mais altas das classes sociais, fornecendo dados que configuram os elementos distintivos da Nova Prochet, evidenciados pelo apelo aos moradores em destaque, como influenciadores e o proprietário da construtora, acabamentos presente nas unidades a venda, o corpo de funcionários preparados para serviços de exclusividade durante o processo de aquisição, além de elementos mais subjetivos como a segregação do espaço interno do condomínio e dos apartamentos para moradores e funcionários, pela sensação de segurança, pelo conceito arquitetônico que envolve conhecimento em Artes Visuais e Música, por fim, no sentido que reforça um determinado estilo de vida presente nos agentes que ocupam ou vão ocupar a Nova Prochet.

O capítulo, ao evidenciar a dinâmica de disputa de poder no espaço social retraduzido pelo espaço físico, evidencia também a dominação das frações de classes dominadas pelas dominantes, destacando a análise sobre a planta baixa do maior apartamento a venda em Londrina – PR, onde está presente diversos elementos arquitetônicos sofisticados e um pequeno quarto “de serviço” em um canto da área de serviço da unidade visitada durante a pesquisa. Esse fator demonstra de forma prática as diferentes formas de ocupar, pertencer e consumir o espaço urbano, visto que é possível estar presente em determinados espaços físicos sem poder consumi-lo ou muito menos sentir pertencimento. Essa dinâmica pode ser observada por outro pisma em outros fenômenos urbanos, em espaços públicos e privados.

O terceiro capítulo buscou demonstrar através da perspectiva bourdieusiana da dialética espacial como o processo de requalificação da nobreza urbana ocorre no caso da Nova Prochet, adentrando nos discursos de venda de espaços consumíveis e que representam uma série de elementos distintivos físicos e simbólicos que se relacionam com a percepção do que é, de fato, nobreza para frações de classes dominantes. Assim, a pesquisa propõe a configuração do processo de requalificação da nobreza urbana pelo estilo de vida observado pela perspectiva da dialética espacial bourdieusiana e evidenciado pelo caso da Nova Prochet, propondo aos estudos urbanos uma

forma de observar fenômenos de transformação, sobretudo de requalificação da nobreza, dando conta dos sentidos tridimensionais do espaço físico, social e simbólico.

Notou-se durante a pesquisa a dificuldade de acessar dados subjetivos sobre a percepção direta de moradores da região, reiterando a importância de tais elementos para a pesquisa sociológica, apresentando apenas o relato de corretoras que por sua vez habitam a Nova Prochet e compartilharam seus pontos de vista acerca do intenso processo de transformação. Nesse sentido, reitera-se o fato de que tal dificuldade expressa a relação de dominação das frações de classes mais altas, sendo que a posição do pesquisador nas dinâmicas de disputas do espaço social demonstra, sob o ponto de vista da teoria e metodologia bourdieusiana, como o espaço urbano enobrecido se torna inacessível para quem não possui acúmulos e articulações de diferentes capitais. O fato do pesquisador observar e falar sobre o espaço urbano, observar-se e fala-se de determinado lugar, ou seja, não pertencendo a frações de classes dominantes ou ocupando espaços físicos enobrecidos. Por fim, notou-se que abordar temáticas muitas vezes restritas as frações das classes mais altas demonstram mesmo que com dificuldade a necessidade de serem observadas, analisadas e publicadas.

Por fim, o caso da Nova Prochet, ao ser analisado sob a perspectiva da dialética espacial bourdieusiana, configura-se como um caso de requalificação do sentido de nobreza pela atualização de elementos físicos e simbólicos que configuram o espaço urbano de forma que seus sentidos são congruentes, ou seja, são percebidos, introduzidos e reproduzidos por frações de classes dominantes relativamente homogêneas. O processo de transformação da infraestrutura urbana, bem como as modificações das políticas públicas urbanísticas, a disputa de pontos de vista sobre o que é nobreza por antigos e novos moradores, bem como a presença de recursos que agregam valores posicionais aos empreendimentos e aos moradores que os consumirem são fatores analisados presentes no processo descrito pela pesquisa e que configuram, por fim, a requalificação da nobreza urbana.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Suzana. *Moda: Globalização e Novas Tecnologias*. 2ª Edição. São Paulo: Estações das Letras e Cores, 2011.
- BAIA, Silvano Fernandes. A linhagem samba-bossa-MPB: sobre a construção de um discurso de tradição da música popular brasileira. *Per musí*, Belo Horizonte, n. 29, p. 1–22, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pm/a/pvkhtB4D6VFZ8cNrKWzfMbT/>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado*. Estudos avançados, São Paulo, v. 79, n. 27, 2013, p. 133-144.
- BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e gênese das classes*. In: _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Disfel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e poder simbólico*. In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996.
- BRASIL. *Lei n 10.257 de 10 de julho de 2001* – Estatuto da Cidade.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Enclaves fortificados: a nova segregação urbana*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 47, mar. 1997, p. 155-176.
- Cultura, Consumo e identidade*. Organizadores: Livia Barbosa, Colin Campbell. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 204p. il.
- CUNHA, Fábio César Alves. *Produção do espaço urbano – Zona Sul de Londrina*. Monografia de conclusão de curso no bacharelado em Geografia, Universidade Estadual de Londrina (UEL), 1991.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura do Consumo e Pós-Modernismo. Original: Consumer Culture & Postmodernism*. Sage Publications of London. Newbury

Park and New Delhi. Coleção Theory, Culture & Society, Mike Featherstone, 1990.

FERNANDES, Derick. *Mudança do zoneamento em bairro nobre de Londrina gera polêmica*. Portal i24, Londrina, 2022. Disponível em: <https://24h.com.br/parana/londrina/predios-de-luxo-supervalorizam-bela-suica-o-novo-endereco-da-elite-de-londrina/>. Acesso em outubro de 2024.

FERNANDES, Derick. *Prédios de luxo supervalorizam Bela Suíça, o novo endereço da elite de Londrina*. Portal i24, Londrina, 2022. Disponível em: <https://24h.com.br/parana/londrina/predios-de-luxo-supervalorizam-bela-suica-o-novo-endereco-da-elite-de-londrina/>. Acesso em outubro de 2024.

[IPPUL] Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. *Leis Históricas*. 2016. Disponível em: <https://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/leis-historicas.html#:~:text=A%20Lei%20estabelece%20as%20primeiras,por%20conta%20do%20ouro%20verde>. Acesso em setembro de 2024.

[IPPUL] Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. *Mapas históricos*. 2024. Disponível em: <https://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/mapa-de-londrina-cadernao-de-mapas.html>. Acesso em setembro de 2024.

[IPPUL] Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. *Revisão das leis específicas – Documentos Consolidados*. 2024. Disponível em: <https://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/plano-diretor-2018-2028/revisao-das-leis-especificas-documentos-consolidados.html>. Acesso em setembro de 2024.

JANUZZI, D. C. R. *O desenvolvimento de Londrina e as transformações nos espaços públicos da região central*. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 26, p. 87-94, set. 2005.

KONZEN, Lucas Pizzolatto. *A mudança de paradigma em sociologia urbana: do paradigma ecológico ao socioespacial*. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis, Volume 45, Número 1 – p. 79-99 – 2021.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2009. Fotografias de Tomás Rezende.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LONDRINA. Emenda Modificativa nº 3/2024 ao Substitutivo nº 1/2024 ao Projeto de Lei nº 143/2023. Altera o anexo I do Substitutivo nº 01 ao Projeto de Lei 143/2023, retornando o zoneamento da região do Bela Suíça, entre a rua Adhemar Pereira de Barros e Avenida Higienópolis, mantendo-o de acordo com a proposta prevista no anexo I da minuta original em ZR-1. Londrina: Câmara Municipal de Londrina, 2024. Disponível em: <https://www.cml.pr.gov.br/cer>. Acesso em: 14 set. 2025.

LONDRINA. Lei nº 10.637, de 24 de dezembro de 2008. *Institui as diretrizes do Plano Diretor Participativo do Município de Londrina – PDPML e dá outras providências*. Câmara Municipal de Londrina, Londrina, 24 de dez. 2008.

LONDRINA. Lei nº 12.236, de 29 de janeiro de 2015. *Dispõe sobre o Uso e a Ocupação do Solo no Município de Londrina e dá outras providências*. Câmara Municipal de Londrina, Londrina, 2015.

LONDRINA. Lei nº 13.339, de 7 de janeiro de 2022. *Institui as diretrizes do Plano Diretor Participativo do Município de Londrina – PDPML e dá outras providências*. Câmara Municipal de Londrina, Londrina, 2022.

LOUBACK LOPES, Ana Carolina. Origens, deslocamentos e possíveis rumos da intermediação cultural em arranjos contemporâneos da cultura. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 14, n. 27, p. 211–224, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/14291>. Acesso em: 5 out. 2025.

REPORTAGEM GERAL. *Jardim Bela Suíça ganha prédio comercial com 14 andares*. Folha de Londrina, Londrina, 2024. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/imobiliaria-e-cia/jardim-bela-suica-ganha-predio-comercial-com-14-andares-3246887e.html?d=1>. Acesso em setembro de 2024.

SOUZA, Rafael. *Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu*. Revista Ars Historica, ISSN 2178-244X, nº 7, Jan/Jul 2014, p. 1-13. Disponível em: www.historia.ufrj.br/~ars/

WACQUANT, Loic. *Bourdieu in the City: challenging urban theory*. Cambridge: Polity Press, 2023.

WACQUANT, Loic. *Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes, in Bourdieu e a questão de classe*, Novos Estudos, CEBRAP, 013.